

O HOMEM E SEUS MALES

Rev. Onezio Figueiredo

ÍNDICE	1
I - DEUS, CRIADOR	
Erro! Indicador não definido.	
Criação da Matéria	9
Como Deus criou tudo	9
Elemento básico da criação	10
II - A ÁRVORE DA VIDA	10
III- HOMEM SER CRIADO	11
A Sexualidade e Reprodução	12
IV - HOMEM, SER SUPERIOR	12
“Imago Dei”(Gn 2.17)	12
V - HOMEM, SER CONTRADITÓRIO	13
VI - O HOMEM, SER ESPIRITUAL	14
VII - O HOMEM, SER SOCIAL	15
Lar, Sociedade Primária	16
VIII - O HOMEM, SER PERDIDO	17
IX - O HOMEM, SER VOLTADO PARA SI MESMO	18
X - HOMEM, SER VOLTADO PARA O SENSÓRIO	19
O Prazer	19
Priorização do Sensório	19
Comer	20

XI - O HOMEM E A SENSUALIDADE	20
Sexo, Fator de Unidade	20
Sexo, Fator de Desunião	21
XII - O HOMEM, SEU DESTINO FINAL	22
XIII - A MULHER NA BÍBLIA	23
Mulheres no Velho Testamento	23
Mulheres no Novo Testamento	23
XIV - A MULHER E O HOMEM	24
Absoluta Igualdade	24
XV - MULHER-SUBMISSA E LIVRE	25
Liderança Masculina	25
Chamar-se-á Varoa	26
XVI - VALORES FEMININOS	26
A Mulher Bíblica	26
Valores e Desvalores da Mulher Moderna	27
XVII - A MULHER E A FEMINILIDADE	27
Delicadeza Feminina	28
Estética e Elegância	28
O Corpo Feminino	28
XVIII - O SINAL DE CAIM	29
Um Pacto com o Criador	29
XIX - CAIM E ABEL-PESSOAS REPRESENTATIVAS	30
Sedentarismo e Nomadismo	30
O Culto Sincero e o Falso	31
XX - O POVO DE DEUS SE CORROMPE	31
Filhos de Deus e Filhas dos Homens	31

O Sagrado e o Profano	32
XXI - ABOMINAÇÃO AO SENHOR	32
O Bem e o Mal	33
Abominação da Idolatria	33
Adivinhação	33
XXII - O HOMEM DE BELIAL	34
Perfeito Réprobo	34
O Santo	34
O Homem de Belial	34
O Homem de Belial e o Anticristo	35
XXIII - O MAL E A SOBERANIA DE DEUS	35
A Realidade do Mal	35
O Mal e a Soberania de Deus	36
Males Diversos	36
Males Naturais	36
XXIV - MALES NATURAIS	36
Males Geológicos	37
Males Meteorológicos	37
Males Biológicos	37
XXV - MALES SOCIAIS - DEGRADAÇÃO DOS PERVERSOS	38
Males Pessoais	38
Males Morais Sociais	38
XXVI - MALES SOCIOECONÔMICOS	39
Explosão Demográfica	39
O Agrário e o Urbano	39
Vícios Comerciais	40
O Jogo	40

XXVII - MALES ESPIRITUAIS	40
A Idolatria	40
Teolatria	41
Santolatria	41
Iconolatria	41
Totenlatria	42
XXVIII - O MAL RELIGIOSO	42
O Fanatismo Sectário	42
O Partidarismo Denominacional	43
XXIX - AS OBRAS DA CARNE	44
O Homem Segundo Paulo	44
Obras da Carne	44
XXX - O MALIGNO	45
Visão Bíblica	45
O Maligno e seus Malignos	45
Queda de Anjos e Homens	46
XXXI - O PODER DO MALIGNO	47
O Inimigo na Velha Dispensação	47
O Inimigo na Nova Dispensação	47
O Inimigo Submisso	47
XXXII - O INIMIGO	48
Ele Introduziu o Pecado no Mundo	48
XXXIII - IMITAÇÃO SATÂNICA	49
O Perigo da Imitação	49
Imitação Religiosa	50
Métodos Satânicos	50
XXXIV - O ORGULHO RELIGIOSO	51

XXXV - A DESONESTIDADE	52
A Maligna Suavidade do Furto	53
A Pobreza Não Faz o Ladrão	53
XXXVI - MAL PSICOLÓGICO	53
Problemas na Geração e na Formação	53
Males Psicológicos	54
XXXVII - O MAL BIOGENÉTICO	55
Metempsicose	55
Sofrimentos Glorificantes	55
Sofrimento do Inocente	56
XXXVIII - O TRIGO E O JOIO	56
O Trigo	56
O Joio	57
Os Filhos do Reino no Mundo	57
Os Filhos do Mundo no Reino	57
XXXIX - A HIPOCRISIA	57
O Que é Hipocrisia	58
Males do Hipócrita e da Hipocrisia	58
XL - O MAMONISMO	59
O Perigo das Riquezas	59
XLI - O MUNDANISMO	60
Mundo	60
Concupiscência da Carne	61
A concupiscência dos Olhos	61
Soberba da Vida	61
XLII - LEI DE TALIÃO - PENA DE MORTE	61
Pena de Talião	62

A Pena de Morte	62
XLIII - EUTANÁSIA	63
Eutanásia em Defesa da Honra	63
Eutanásia Distanásica	63
Eutanásia Militar	63
Eutanásia Clínica	64
Eutanásia Consentida	64
Eutanásia Psicológica	64
Eutanásia Geriátrica	64
XLIV - O SUICÍDIO	65
Suicídio Premeditado e Consciente	65
Suicídio por Egoísmo	65
Suicídio por Auto-estima	65
Suicídio Idealista	65
Suicídio Militar ou Patriótico	66
Suicídio Eutanásico	66
Suicídio Autopunitivo	66
Suicídio Patológico	66
Suicida Sacrificial	66
XLV - O ABORTO	66
O Feto, Ser Humano	67
Abortos Excepcionais	67
XLVI - DESVIOS E ABERRAÇÕES SEXUAIS	68
Problemas Sexuais e a Igreja Primitiva	68
Desvios Sexuais	68
Aberrações Sexuais	68
XLVII - O MAL NO CONTROLE DA NATALIDADE	69
O Controle da Natalidade em si mesmo	69

O Mal da Anticoncepção	70
XLVIII - A GUERRA	70
Crimes Individuais	71
Execuções Oficiais	71
A Guerra	71
XLIX - O PECADO	72
Pecado, Mal dos Males	72
Universalidade do Pecado	72
Pecado Perversão da Vontade	73
Pecado, Força Alienante	73
L - PECADO, MAL INTRÍNSECO	73
O que é Pecado	73
Conseqüências do Pecado	74
Natureza do Pecado	74
Pecado e Mal	74
LI - PERVERSÃO DOS ÚLTIMOS TEMPOS	74
Últimos Tempos	75
Males Segundo o Texto	75
LII - O JUSTO ENTRE OS INJUSTOS	76
Israel, Nação Separada	76
Igreja, Povo Eleito	76
Diferença entre o Justo e Injusto	77
LIII - O SOFRIMENTO DOS SANTOS	77
A Força da Paz	77
O Sofrimento de Israel	78
O Sofrimento da Igreja	78
LIV - A TENTAÇÃO	78

Tentado Sempre, Derrotado, Nunca	79
Natureza da Tentação	79
LV - POLITIZAÇÃO DA IGREJA	80
A Igreja e o Estado	80
O Poder da Igreja	81
LVI - A IGREJA E A POLÍTICA PARTIDÁRIA	81
Igreja Livre num Estado Leigo	81
O Apartidarismo da Igreja	82
Seus Membros e os Partidos Políticos	82
XLVII - A MORTE	83
Causa da Morte	83
O Significado da Morte	84
LVIII - A CREMAÇÃO	84
Funerais conforme nossos “Princípios de Liturgia”	84
Manutenção da Ordem Natural	85
Incineração	85
A Bíblia Desconhece a Cremação	85
LIX - A MENTIRA	86
Conceitos Racionais-Verdade e Mentira	86
Conceito Revelado	86
O Mentiroso	87
LX - AS DUAS BESTAS	87
Ação das Bestas	88
LXI - A INVERSÃO DE VALORES	89
Morte do Idealismo	89
O Hedonismo Sexual	90
Fim dos Valores Morais	90

BIBLIOGRAFIA

I- **Criação da Matéria**

No princípio criou Deus os céus e a terra (Gn 1.1)

Deus não é, apenas, um arquiteto do universo, quem se utiliza de matéria prima existente. Nada, absolutamente nada, no campo material, vital (biofísico) e energético havia. Do inexistente, pelo milagre da criação, o Criador trouxe à existência tudo o que existe. A ciência hodierna não explica a origem da matéria. Alguns cientistas e filósofos trabalham com o pressuposto de sua eternidade, afirmando que das substâncias eternamente existentes surgiu a vida, a partir da vitalização unicelular causada por alterações provocadas por radiações constantes do DNA (ácido desoxiribonucleico). Mas de onde veio o DNA? Quem lhe deu o papel de estabelecer códigos hereditários das espécies sem interferir na estrutura dos gens cromossômicos? Quem determinou a imutabilidade do DNA na contextura estrutural da molécula celular? Enfim, de onde veio a matéria? Quem a dividiu em unidades integradas e correlacionadas na ordem molecular e atômica?

Quando Albert Eistein afirmou que a “energia é igual a massa vezes a velocidade da luz ao quadrado” ($E=MC^2$), os “sapietes” de seu tempo não lhe deram crédito; acharam que estava louco. Hoje, todos sustentam a tese: Matéria é energia concentrada. E onde estava o DNA, pai da vida, segundo os materialistas modernos, no mundo puramente energético? Seria possível, por exemplo, determinar o DNA do homem numa molécula de éter? Mas, conforme os evolucionistas, ele se encontrava lá, antes de materializar-se. Será? Isto é cientificamente provável? E a pergunta continua: Quem criou a energia? Ela já foi matéria em tempos imemoriais? A matéria voltará a ser energia? Há possibilidade científica de acontecer isso. Muitos afirmam que acontecerá. Cientificamente não se pode sustentar a eternidade da matéria, mas se afirma que a da energia é inegável. Não seria mais fácil admitir a existência de um criador eterno, onipotente, onisciente e racional? Transferir virtudes cognitivas à energia primeva não é estupidez? Fiquemos com a Bíblia: Deus criou todas as coisas do nada (creatio ex nihilo).

Como Deus criou tudo

A ciência de hoje sustenta que o universo, como o conhecemos agora, resultou de uma super-gigantesca explosão, a 15 bilhões de anos, espalhando fragmentos para todos os lados, que formam os sistemas solares, as estrelas e planetas que povoam o universo. As Escrituras dizem que o universo foi criado num ato divino pelo poder da Palavra de Deus: “*Pela fé entendemos que foi o universo formado pela Palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem*” (Hb 11.3). E essa palavra (Verbo, Logos) é Jesus: “*Todas as coisas foram criadas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez*”(Jo 1.1 cf. Cl 1.16). Cristo não é, como nunca foi, uma abstração, mas realidade concreta, existência real. Encarnou-se verdadeiramente para ser Palavra entre nós e em nós. Pelo Pai, por meio do Filho, o cosmo veio à luz. Nada existe e nada se mantém sem a soberania de Deus concretizada no universo, no homem e nos demais seres vivos pelo Filho.

Elemento básico da criação, a Luz.

“E disse Deus: Haja luz, e houve luz”(Gn 1. 4).

A luz foi criada para estabelecer a ordem cronológica na terra, vitalizá-la e ordenar o universo. Sem ela a água e a terra seriam completamente mortas, pois a oxigenação não se efetivaria. A essa luz vital, essencial, substancial, Deus chamou “dia” (Gn 1. 5), e a sua ausência, as trevas absolutas, “noite”. A luz, primeira criação de Deus, é tão importante na formação e preservação do universo e da vida sobre o nosso planeta que Cristo se comparou a ela: “Eu sou a luz do mundo”. O Criador a criou antes do sol (ou dos sóis). Sua natureza original não se liga à luz física da irradiação solar, pois o sol, as estrelas (outros sóis) e a lua apareceram somente no quarto dia da criação (cf Gn 1. 14-19). Se a luz original, que iluminou o mundo sem o concurso dos astros nos três primeiros dias da criação, foi um ato miraculoso do Criador ou surgiu da vibração molecular de partículas dispersas no ar, não sabemos. O que as Escrituras nos revelam é que a luz brilhou, separando as trevas, antes dos corpos físicos que a produziram posteriormente. Antes de tudo, houve luz sem sol; depois de tudo, haverá luz, também sem sol (Ap 21.23,24), pois a glória de Deus iluminará todos os eleitos redimidos e glorificados.

Deus cria, preserva, salva e governa.

II - A ÁRVORE DA VIDA

“Do solo fez o Senhor Deus brotar toda a sorte de árvores agradáveis à vista e boa para a alimentação; e também a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal”(Gn 2.9).

A árvore da vida, colocada no meio do jardim, e não havendo qualquer proibição de seu uso, bem ao contrário da “árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2.17), significa que o Criador inseriu a vida eterna no mundo, um dom de sua graça, e a deixou à disposição do homem, desde que se mantivesse fiel a ele no cumprimento do pacto edênico. Sem fidelidade, respeito e submissão, não lhe competia apropriar-se da vida, simbolizada na árvore. Por isso, após a queda, o par humano foi expulso do Éden, pois um depravado não pode eternizar-se em sua depravação: *“Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, para que não estenda a mão e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente: o Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado”(Gn 3.22).* Deus não que “sua imagem e semelhança” tenha uma vida eterna de má qualidade, desprovida da graça, desligada da fonte vital refrigeradora e eternizadora. Vida eterna não se determina apenas por longevidade quantitativa, mas qualitativa pela comunhão perfeita, harmônica e sintônica com o Criador.

A árvore e a água são elementos fundamentais, essenciais à vida terrena, razões porque são tomadas como símbolos da vida eterna. Ezequiel, no seu templo idealizado, vê um rio saindo do santuário para vitalizar a floresta, mantê-la sempre verde e possibilitar-lhe abundante frutificação (Ez 47.12). Esta imagem, tipificando Jesus Cristo, é retomada em Apocalipse: “Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio de sua praça (da Jerusalém Celeste), de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz

doze frutos, dando seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos” (Ap 22.1,2). A árvore, nesta figura, representa Jesus Cristo, a Videira Verdadeira, e os crentes são os ramos frutíferos, responsáveis pela reprodução, multiplicação e expansão da Igreja (Jo 15. 5,16).

O casal primevo tinha direito à árvore da vida pela fidelidade e obediência. Nós, pela misericordiosa graça de Jesus Cristo (Ap 22.14). O vencedor pelo Cordeiro, e somente ele, beneficia-se da árvore da vida (Ap 2.7). O pacto da Graça, cumprido pelos eleitos redimidos em Cristo Jesus em quem nos inserimos indissolivelmente, abriu-nos o acesso às bênçãos eternas, ao pão da vida futura, nosso Salvador: “*Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede*”(Jo 6.35). E esta árvore da vida, o Filho do Homem, está no meio do mundo, à disposição de todos os pecadores. Esses, porém, preferindo a gerência do mal, tomam o sentido oposto, o caminho da morte.

Lucas chama a cruz de Cristo de árvore (csylon), traduzida pela Almeida Revista e Atualizada “por lenho” (At 5.30; 10.39; 13.29; cf. Gl 3.13; I Pe 2.24). No madeiro inerme do sacrifício o Cordeiro fez a vida eterna chegar aos mortos pelo pecado. Portanto, Cristo é a árvore da vida. Ele nos trouxe a existência eterna e permanece conosco. Quem não estiver nele, será lançado fora, à semelhança do primeiro homem, nosso ancestral em quem pecamos, por meio de quem nos veio a morte. Pelo Filho, graças à misericórdia de Deus, vem-nos a vida (Jo 15.1-6; 14.6; 11.25,26; 5.24).

Fora de Cristo, a Videira Verdadeira, não há vida eterna.

III- HOMEM SER CRIADO

“Também disse Deus: Façamos o homem nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os repteis que rastejam sobre a terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”(Gn 1.26,27)

A Bíblia afirma, e cremos em sua afirmação, que o homem resultou de um ato criador de Deus. Ele participa dos mistérios da criação geral, do universo físico, da existência biológica; compartilha com os demais seres vivos a sobrevivência, a procriação, e a perpetuação da espécie; beneficia-se dos produtos da terra (Gn 1.29,30). Fora da natureza, ou sem ela, não há vida animal inclusive a do homem, apesar de sua especificidade e superioridade. Se este, valendo-se do poder de domínio e da capacidade inventiva, desorganizar, danificar ou destruir o sistema ecológico, porá fim à sua existência e a de todos os viventes de seu planeta. Ele faz parte do conjunto ecológico sistêmico. Matando-o, morrerá com ele. Deus assim o criou, um ser harmoniosamente integrado na contextura vital do universo criado. Ele precisa lembrar-se de que também é uma criatura terráquea com necessidades orgânicas básicas igualmente comum aos seres vivos superiores: comer, beber, respirar, procriar, defender-se, adaptar-se ao meio. Enquadra-se ao ciclo da vida natural: nasce cresce reproduz, envelhece e morre. As defesas naturais do homem e sua capacidade de adaptação são inferiores às dos irracionais. O período de dependência do descendente humano é demasiadamente longo, sem paralelo nas espécies animais. As hostilidades e

os inimigos naturais não destroem o infante humano por causa da racional proteção dos pais. A racionalidade compensa a fragilidade.

A Sexualidade e Reprodução

O sistema reprodutor humano assemelha-se ao da maioria dos animais. O macho fecunda a fêmea. Esta, depois da gestação, dá à luz um filho ou filha, portando a carga genética de seus ancestrais, que se expressa tanto no fenótipo como no genótipo do novo ser. Semelhante reproduz semelhante.

A sexualidade animal é incipiente, obedecendo à periodicidade do cio, segundo a lei do instinto. O homem, ao contrário, foi dotado de sexualidade permanente, não cíclica, uma fonte de intenso prazer facilmente corruptível pela incontabilidade dos impulsos internos e pelos estímulos externos tácteis e visuais. O ser humano é sexualmente insaciável. A satisfação coital, a alegria materna da concepção, da gestação, do nascimento, da criação dos filhos, são bênçãos inolvidáveis do casal e forças mantenedoras da unidade conjugal. O amor erótico e o agápico consorciavam-se, ou devem associar-se, na excitação genésica do gozo orgástico. O desejo venéreo, impulsivo por natureza, tem levado gerações a promiscuidade, à depravação, à venalização do sexo, ao hétero e homossexualismo.

A progênie preserva-se e se desenvolve no seio da família divina constituída. Deus quer, e manifestou seu desejo na criação do par humano, que marido e mulher tenham prazer sexual mutuamente compartilhado, mas nas relações conjugais indissolúveis: “Por isso, deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2.24). A poligamia desvaloriza a mulher e enfraquece a unidade conjugal. Deus não quer o aviltamento de qualquer dos consortes na biunidade matrimonial. Por outro lado, o divórcio solução humana, fere a idealidade original do casamento monogâmico (Mc 10.5). A sexualidade pode contribuir, se controlada, para a felicidade nupcial, em limites etários.

IV - HOMEM, SER SUPERIOR

“Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus, e de glória e honra o coroaste” (Sl 8.5).

Na hierarquia dos seres espirituais o homem ocupa o privilegiado terceiro lugar, segundo a ordem criacional. A palavra Deus no texto citado, é Elohim, que mais corretamente deveria ser traduzida por “anjos”, como fez Hebreus 2.7, não só em consequência da sua pluralidade mas em respeito à lógica e ao contexto.

“Imago Dei”(Gn 2.17)

As palavras “imagem” (tzelem) e “semelhança” (demut), se não são sinônimas são, pelo menos, complementares, transmitindo, juntas, a idéia de grandeza, superioridade, genialidade e espiritualidade além da correlação com Deus.

A idealidade, autenticidade e realidade da “imago Dei” estão plenamente em Jesus Cristo, o segundo Adão, Deus homem. Deus nos criou à sua imagem e semelhança e depois, em seu Filho, faz-se imagem e semelhança do homem. E mais, introduziu a humanidade de sua “imago Dei”, pela exaltação de Cristo, na consubstancialidade trinitária. Assim, a natureza humana, na sua unidade

pneumossomática, está entronizada no céu, sublimada na segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Em Cristo sim, não pela velha criação, o homem tornou-se muito superior aos anjos. O espiritual no caso do regenerado, sucede o natural. “O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente (psychem, dzôsan). O último Adão, porém, é espírito vivificante (pneuma dzoopoion); mas não é primeiro o espiritual (pneumatikon) e, sim, o natural (psychicon); depois o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens, terrenos; e como é o homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, também devemos trazer a imagem do que é celestial”(I Co 15.45-49). A imagem de Deus é vista, sem retoques, em Jesus Cristo; e a imagem de Cristo tem que ser visível no seu semelhante, o crente.

Em Adão a raça humana inicia-se e se deprava. Em Cristo Jesus, aperfeiçoa-se, dignifica-se, reconcilia-se com seu criador, exalta-se, pelo ministério da regeneração, graça inefável, insondável. Ninguém é plenamente ser humano, segundo o pensamento bíblico, desvinculado de Jesus Cristo, autor e consumidor de nossa fé e doador da verdadeira vida, a eterna. Fora de Cristo, dominada por sua natureza corrompida, vítima de seus próprios desejos, o homem, consciente ou não, é escravo do pecado. O sentimento religioso inato perverte-se, conduzindo-o à idolatria, à egolatria (Rm 1.21-27). A perversão moral, resultante de instintos depravados, pouco inibe a racionalidade, a capacidade de apreensão de códigos, leis, princípios, signos e símbolos significativos, mas corrompe as atitudes, as ações, os atos. A cognição e a volição, sem a censura do Espírito Santo, desviam-se para o mal, causando desgraças irremediáveis no indivíduo, na sociedade, nas civilizações. A inteligência sem Deus coloca-se a serviço do maligno.

Na dispensação da graça, o homem, “*imago Dei*”, é o que está em Cristo e o que recebeu a dádiva do Espírito Santo. O homem natural, réprobo, não é filho de Deus, mas do Diabo (Jo 8.44).

O regenerado, em Cristo Jesus, é realmente “*imago Dei*”, dotado de grandeza bidimensional, terrestre e celeste, o mais nobre dos seres criados. Nada era e nada seria sem a misericórdia do senhor da glória e da vida, Jesus Cristo. Ele, sim, Deus eterno antes da encarnação e “*Imago Dei*” perfeita, irretocável, quando encarnado; posto que verdadeiro Deus e verdadeiro homem na mesma pessoa e ao mesmo tempo.

V - HOMEM, SER CONTRADITÓRIO

“Então formou o Senhor Deus (YHWH Elohim) ao homem do pó da terra” (Gn 2.7). “E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do oriente, e pôs nele o homem que havia formado” (Gn 2.8).

O homem é parte da natureza, a mais nobre, é verdade, mas também a mais contraditória e a mais inadaptada. O recém-nascido humano leva longo tempo para assumir sua vida, nutrir-se por si mesmo, proteger-se das variações climáticas, defender-se dos inimigos naturais. Eis porque carece de uma família sólida, estruturada, harmonizada, consistente, que lhe dê aquilo que a natureza lhe nega. Seu corpo não possui revestimento natural, conforme o ambiente climático. Precisa de defesa. Inicialmente perfurantes e contundantes; depois, primitivas máquinas de

arremesso. Hoje, dispõe de mais armas em seus arsenais bélicos que pão em seus celeiros. Alimentação. Não dispondo de adestramento físico adequado para a caça, a pesca, a extração de raízes e a colheita de frutas nas grandes árvores, o homem, para sobreviver, inventou pequenos instrumentos, fabricou ferramentas rudimentares, domesticou animais para o trabalho, o consumo e o transporte, desenvolveu tecnologia agropecuária, artesanal e industrial cada vez mais avançada. As necessidades forçaram-no a descobrir, a inventar e a criar instrumentos e máquinas sofisticadíssimos nos campos da saúde, da alimentação, da habitação, dos transportes, do comércio, da indústria e das comunicações. O progresso humano é inimaginável, incomensurável.

As relações do homem com a natureza de é parte, por causa de sua queda, têm sido conflituosas. O universo botânico possui diversas espécies, que lhe são hostis pela urticária, pelos espinhos pelos venenos, pela proliferação (ervas daninhas). O mundo zoológico produz microorganismos que lhe agridem o corpo, insetos que lhes transmitem doenças e lhe danificam a lavoura. As secas, os temporais e as geadas causa-lhe danos imensos. A luta pela vida é duríssima.

O prazer da alimentação e do sexo levam-no, freqüentemente, à glotonaria, à perversão sexual, respectivamente, afetando a família e degradando o indivíduo e a sociedade. O homem é um ser moral, propenso a imoralidade; digno em sua essência e origem, mas tendente à indignidade, à depravação; espiritual por natureza, mas inclinado à incredulidade, ao ateísmo. Nele si vê a sublimação da matéria, uma obra de arte do Criador, clímax da criação, com uma complexidade orgânica, cerebral, psicológica e emocional sem paralelo. E o seu corpo, segundo a promessa, revestisse-á de imortalidade pelos mistérios da ressurreição final. Fragilidade e potencialidade encontram-se neles em harmonia e contrastes incompreensíveis. Fraco e indefeso, mas dotado de racionalidade, criatividade, inventividade, sociabilidade, virtudes morais, dons artísticos e espiritualidade. A morte não lhe põe fim à existência. Como criatura psicossomática ou pneumossomática, apesar de experienciar a morte, esta não tem poder sobre seu espírito e não o terá sobre o seu corpo, preservado em Cristo Jesus para a eternidade gloriosa. O temporal e o eterno, pois, encontram-se nessa figura complexa, inescrutável: O homem.

VI - O HOMEM, SER ESPIRITUAL

“A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo” (Sl 84.2).

A espiritualidade do homem provem de sua natureza “pneumossomática”. Ele é “imagem e semelhança” de Deus, obra prima, artesanal, do Supremo Artista (Gn 2.7), criado pouco menor que Elohim (Sl 8.5); único ser do mundo capaz de apreender a revelação, dotado de virtudes teológicas, de sentimento místico e religioso, de teovisões e percepções metafísicas. Só ele, dentro de todos os seres vivos da natureza, habilita-se a apoteosar a divindade. É essencialmente um “leitourgos”, um teolatristas. Criado par relacionar-se com o Criador, respeitados os limites naturais de sua materialidade e corporalidade, a queda lhe trouxe conseqüências alienantes, insuportáveis e irreversíveis, no curso de sua existência terrena. A “imago Dei” sofreu distorções e deturpações, mas não foi eliminada. O seu psiquismo desorientado, sem o controle do Espírito Santo, perverte-lhe a fé, transforma-o num egolátra ou icolátra. A inata

espiritualidade, permanecendo do irregenerado, manifesta-se em cultos idolátricos ofensivos a Deus e, em muitos casos, degradantes. Contudo, não há negar que o homem, em decorrência de sua espiritualidade, que lhe confere dimensão transcendente, carece de contato com o divino, com o espiritual, com a fonte de sua procedência, de sua origem. Sem Deus o homem desumaniza-se, frustra-se, desestrutura-se. A bastardia social, em si mesma desagregadora, pode deformar o caráter e desorganizar o psiquismo. Mil vezes pior é a orfandade espiritual, mesmo que disto não tenha consciência. A privação da paternidade Divina é terrível no tempo e na eternidade; sobretudo na eternidade.

O homem é um animal social e espiritual. Realiza-se no convívio com o próximo e na comunhão com Deus. Esses laços bilaterais convergem-se na pessoa beatíssima e admirabilíssima de Jesus Cristo em quem o novo homem encontra-se com Deus e se reabilita com o semelhante. Fora e além de Cristo a espiritualidade do homem se perde no panteão das multiformes divindades falsas, nas egolatrias deprimentes, no paganismo luciférico. Não há ateu. Toda criatura humana, em virtude de sua constituição, tem de crer em alguma coisa, força ou poder; depositar sua confiança, sua esperança e seu destino em um deus qualquer; divinizar um pessoa, uma instituição, um totem ou um tabu e nessas coisas “sacralizadas” confiar cegamente e por elas sacrificar-se. O idealismo fanático é intrinsecamente religioso, psicologicamente místico. Um comunista convicto, ateu, não é menos religioso e fanatizado que um muçulmano islâmico, sectário de Maomé.

O homem é o único animal inteligente, habilitado a separar o certo do errado, a distinguir o justo do injusto, a diferenciar o bem do mal, a analisar as coisas, os fatos e as idéias, a fazer opções conscientes, a raciocinar, a criar, a inventar, a questionar, ater memória, consciência, razão, paixão, sentimento, compaixão, idealismo e esperança. Ele foi criado por um Deus onipotente, onisciente e onipresente, herdado a “imagem e semelhança” de seu Criador. A pesar dos danos que lhe causaram a queda e lhe causam o pecado, conserva os sinais e lhe preserva qualidades de seu estado original como governador (Gn 1.28), como estudioso e dominador de seres e fatos (Gn 2.19-20), como trabalhador e preservador da natureza (Gn 2.15 cf Gn 1.28). Porém, a racionalidade e a operosidade do homem não se desvinculam, a não ser com prejuízos irreparáveis, de sua espiritualidade expressa na unidade psicossomática.

VII - O HOMEM, SER SOCIAL

“Disse mais o Senhor Deus: não é bom que o homem esteja só: farlhe-ei uma auxiliadora que seja idônea. (Gn 2.18)”

A personalidade e a individualidade da pessoa humana formam-se e se estruturam no ambiente social adequado. A família psicologicamente estável, socialmente equilibrada, moralmente constituída, espiritualmente firme, é a primeira e principal força plasmadora do caráter e formadora da personalidade. Depois vem a escola, que não pode ser apenas comunicadora de informações, transmissora de habilidades e técnicas, veículo de ideologias; compete-lhe, como imediata acessora educacional do lar, impregnar os alunos, por meio de vivencialidade, com uma ética social sadia, firmando os princípios da dignidade, da honra, da honestidade, da

sinceridade, da veracidade, da moralidade, da fidelidade conjugal e cívica. A família e a escola, conjugadamente, formam o indivíduo (ser moral e social) , o cidadão, o profissional. Os bons indivíduos compõem a boa sociedade; e esta oferece condições e segurança para expressão e ação das pessoas de bem. A degradação da família causa a degradação so-cial e vice-versa. Não convêm à autoridade materna e à liderança marital os preceitos ideologizantes relativistas do pós-moternismo. O psicologismo transferencista vê os pais como opressores dos filhos e os maridos como ditadores das esposas. Estas conceituações, quando assimiladas, e efetivamente o são, debilitam a unidade familiar. O enfraquecimento da autoridade paterna e marital possibilitou a “libertação” do indivíduo e sua conseqüente escravização ideológica, massificação e indefinição de si mesmo, de seu papel e do uso moral construtivo do sexo. Não sendo o marido mais o cabeça do lar pelo estabelecimento de duplicidade de comando (autoridade compartilhada com sua esposa), o comando fragiliza-se, conseqüenciando a desorientação dos filhos. Um corpo de duas cabeças dificilmente caminhará em uma única direção.

O homem não pode viver só, embora o risco de desajustamento pelo convívio social seja grande. Adão pecou, quando Deus lhe estabeleceu parceria com Eva, sua mulher. Porém, a solidão e o egocentrismo são piores. O convívio com o desigual na consorcialidade conjugal pode afetar o equilíbrio da “psique” e gerar conflitos. O solitarismo, porém, irrealiza “ego” e centraliza tudo no “eu”, fazendo gerar ou reforçar, freqüentemente, personalismos, avarezas, individualismos, prepotências e anti-socialidade. Na comunhão interativa o ser humano se realiza e contribui para a realização de seu semelhante.

Lar, Sociedade Primária

No primeiro relato da criação (Gn 1.27), o homem (humanidade) foi criado macho e fêmea (cf Gn 5.2) sem qualquer discriminação ou distinção de dignidade, de autoridade e de valor. A esta humanidade composta igualmente de homem e mulher Deus concedeu os ministérios da reprodução, do governo, da transformação e da preservação (Gn 1.28). No segundo relato, porém, o homem precede a mulher na ordem criacional, mas ela, retirada de seu corpo, é carne de sua carne, e osso de seus ossos, uma companheira à sua semelhança com a qual formou uma complexa unidade psicossocial (Gn 2.22-24 cf Mt 19.5,6) de caráter indissolúvel. O próprio Deus destina a cada homem uma parceira conjugal para lhe ser ajudadora, uma consorte partícipe de sua pessoalidade. Eis porque Paulo podia ensinar: “Quem ama a sua esposa a si mesmo si ama, porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dele cuida, como Cristo o faz com a Igreja” (Ef 5.28b, 29).

A Palavra de Deus desaprova a fornicção (relações sexuais pré-nupciais e internupciais), o adultério (infidelidade conjugal), e a prostituição (venalização do sexo). À luz da Escrituras, comportamentos sexuais ilícitos são dissolutos e degradantes.

O marido, segundo a Bíblia, é figura de Cristo; e a esposa, a imagem da Igreja. Cristo e sua Igreja não se traem. Assim como o homem “deixa” pai e mãe para unir-se à sua mulher (Gn 2.24), Cristo deixou a glória do trono celeste para ser uno com sua Igreja fiel (Ver Fp 2.7,9 cf Jo 17.23). O homem, pois, não pode ter mais de uma esposa, como Cristo não possui mais de uma Igreja, e esta não deve ter muitos cristos.

A poligamia e a poliandria são pecaminosas distorções.

VIII - O HOMEM, SER PERDIDO

“E chamou o Senhor Deus o homem e lhe perguntou: onde estás?” (Gn 3.9).

Deus colocou o homem no Éden diante da Árvore da Vida, uma propriedade sua, e perante a Árvore da Ciência do Bem e do Mal, na qual não poderia tocar. O bem ele conhecia por experiência; o mal por informação. O bem ele recebeu por criação, formação e comunhão com Deus. O mal, ele conheceria por desobediência, por quebra de um mandamento incondicional. Ele, como imagem e semelhança de Deus, e antes de pecar, era essencialmente bom, justo, equilibrado. O seu livre arbítrio, porém, facultava-lhe as opções permanecer como era: bom e obediente, ou tornar-se rebelde e alienado de Deus. Escolheu livremente a rebeldia e a alienação. Preferiu, depois de ponderações racionais egoístas, a deslealdade, a infidelidade, a desonestidade. Seu objetivo foi, por meios indignos, elevar o seu “ego”, ampliar os seus domínios além do permitido, tornar-se um “deus”. Pecou. E o pecado, ao contrário dos efeitos esperados, anunciados pelo tentador, destruiu-lhe a dignidade humana, corrompeu-lhe o caráter, maculou-lhe a pureza original, quebrou seus laços relacionais com Deus, sua natural e afetiva ligação com o Criador. Conseqüência: foi expulso da casa paterna, lançado num estado de permanentes conflitos com seu próprio “eu”, com a natureza, com seu próximo e semelhante na pessoa de sua esposa, carne de sua carne e osso de seus ossos. Abriu mão da paternidade divina, alienou-se, fez-se bastardo. Quando o Senhor o chamou, agora um pecador desvinculado do Salvador, social e psicologicamente desestruturado; intrínseca e extrinsecamente desarmonizado, desintegrado, ele respondeu, descrevendo com simplicidade, mas com inteligência, sua situação indesejável: “Ouvi a sua voz no jardim e, porque estava nu, tive medo e me escondi” (Gn 3.9). Estar nu é estar desprotegido, carente de proteção, em posição distal, inarticulada com o centro vital, o Criador.

Sem Deus, o homem caiu num estado de solidão alienante, traumatizante e aterrorizante (cf Ap 3.17). A consciência da nudez perante Deus, não diante da esposa, significa a descoberta de si mesmo, de suas limitações, de sua descontrolável sensorialidade, da distância que separa o humano do divino, da intensidade de suas intenções vaidosas e de seus atos pecaminosos. O medo e a fuga são conseqüências imediatas e naturais do filho rebelde, culpado. A voz de Deus atemoriza-lhe a alma; soa-lhe aos ouvidos repreensiva e julgadoramente. Não mais ovelha, desconhece e rejeita a voz do Supremo Pastor, reagindo negativamente a ela pela demonstração de temor e ocultamento. Foragido e degradado, mísero filho pródigo, desenvolveu no psiquismo o “recurso” destigmatizante da transferência de culpa. Adão imputa à sua mulher, uma dádiva de Deus, a responsabilidade da transgressão. Esta, por sua vez, transfere para a serpente (tentador) a autoria da infração. O homem pensa, e sente-se bem em pensar, que os seus erros, defeitos e pecados têm causas externas, não em si mesmo. Entende que todas as suas falhas morais procedem das influências malélicas da sociedade, de agentes demoníacos, indutores do mal e perversores do caráter. O Imagina que o Diabo, por um lado, e a sociedade corrompida, por outro, representam potências dominadoras, opressoras e corruptoras da ordem social, política, econômica e espiritual. O indivíduo vê-se normalmente como vítima, não como culpado. O primeiro homem argumentou que a mulher foi causadora de tudo, fonte originária da tragédia. Freud procede do mesmo modo, encontrando na mãe o cerne gerador da

libido, causador de todos os distúrbios emocionais e sexuais, de todos os impulsos agressivos, de todos os instintos perversos e leonínicos. Transferir a culpa é, pois, o recurso fácil dos irresponsáveis, pusilânimes, dos que não assumem o ônus de seus atos indignos. São atitudes dos réprobos, jamais dos regenerados que confessam seus delitos pecaminosos, à semelhança do filho perdido: “Pai pequei contra o céu e diante de ti”.

O homem, diante de Deus, procura desesperadamente, realizar-se, mas quanto mais se esforça para autodeterminar-se, mais se aliena, mais se egocentrista, mais se perverte e mais se torna instrumento de perversão.

Não foi a sociedade que corrompeu Adão; ele é que a corrompeu. Dizem que um fruto podre no cesto, causa podridão nos outros. Cristo inverteu esta ordem natural para os eleitos de Deus, dizendo que o cristão veraz é fermento na massa e sal na terra. Um cristão pode cristianizar uma sociedade inteira; um cônjuge santo pode santificar a família.

IX - O HOMEM, SER VOLTADO PARA SI MESMO

“Deus sabe que no dia que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3.5)

A declaração satânica de que o homem, via desobediência e independência, poderia igualar-se ao Criador pela aquisição dos atributos da onisciência e onipotência, despertou-lhe a cobiça, o espírito de grandeza e o incontrolável desejo de ser “Kyrios”, senhor, competindo com Javé. Pareceu-lhe indigna a condição de “Doulos”, servo, à qual Deus o submetera pela criação e pelo domínio. Ele, ser criado, não podia exercer o senhorio sobre si mesmo, mas ambicionou ser rei de seus consortes e da ordem criada. Resultado: humanidade de senhores, potenciais ou atuantes, pessoas que gostam de comandar, de liderar, de sobrepujar, de se exaltarem, realizando-se psicologicamente no exercício do poder, mas sofrendo traumas e frustrações ao serem comandados, ao submeterem-se. A dominação constrange e deprime a criatura humana, que incorporou, como parte de seu “ego”, a “virtude da realeza”, a sobrestimação do eu. O empregado, “conscientizado de seu valor”, sente-se social e psicologicamente inferior ao empregador; não se vê “merecidamente valorizado”. Os dois valores fundamentais do homem voltado para si mesmo são: a recompensa monetária e a projeção pessoal. Ser servo, para quem é intrinsecamente egocêntrico, é restrição deprimente, traumatizante, degradante. O homem não aceita a posição de súdito pacificamente, pois o Diabo está sempre a dizer-lhe: você não nasceu para servir, mas para ser servido. O ensino de Cristo é diametralmente oposto: “Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.26-28). E mais: “O maior entre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar, será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar, será exaltado” (Mt 23.11,12). Para o Messias, a utilidade e a nobreza residem na submissão a Deus e no serviço ao próximo, na criatura que se volta para o Criador e para o semelhante. O eu notabiliza-se no culto a Deus e na dedicação ao próximo, não no orgulho e no egocentrismo.

Deus nos criou para a fraternidade agápica e para a coinonia. Cada indivíduo recebeu das mãos de Deus, no ato da criação o desiderato de ser servo de seu Criador e de seus irmãos, estabelecendo a humanidade consensual e solidária, segundo os propósitos do Genitor divino. A queda levou a criatura humana à egolatria. Cristo, no entanto, veio restaurá-la, viabilizá-la na Igreja, onde a diaconia é mais nobre e importante que o senhorio: “Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é o vosso Mestre, e vós todos sois irmãos”. “Nem sereis chamados guias, porque um só é o vossa guia, o Cristo” (Mt 23.8,10). Aquele que, pela regeneração, torna-se “doulos”, comporta-se, invariavelmente, como irmão, independentemente do cargo profissional, político ou social que ocupa. As lutas de classes, do trabalho contra o capital, as castas sociais, culturais e étnicas, os preconceitos diversos, são frutos da pecaminosidade do homem, jamais provindo do Redentor. O homem foi criado para assemelhar-se a Deus no amor, na bondade, na benignidade, na retidão, na santidade e na justiça, sempre voltado para o Criador e para o próximo. O maligno, contudo, pela indução ao pecado, levou-o a afastar-se do Pai celeste e a isolar-se de seus semelhantes, egocentrizando-se.

Ser salvo é sair-se de si mesmo e centralizar-se em Deus na pessoa de Jesus Cristo.

X - HOMEM, SER VOLTADO PARA O SENSÓRIO

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3.6)

O Prazer

O dom do prazer contribui para que a vida do homem tenha sentido e seus conflitos pessoais e sociais sejam suportáveis; sem ele, o peso dos problemas naturais, psicológicos, morais, profissionais, conjugais e econômicos esmagá-lo-ia. O prazer e o trabalho devem ser associados; o primeiro, sem a contraparte do segundo, é pura lascívia. Por outro lado, o trabalho sem prazer é escravidão depressiva e tende a levar o trabalhador à estafa. Fora da vocação profissional a tarefa obreira é fatigante, pouco produtiva. Onde não há gozo de produzir, pouco e mal se produz. A responsabilidade de desincumbir-se de uma missão, de desempenhar um papel, de criar novos fatos, sem a dosagem mínima de satisfação no que se realiza, desestrutura o ser humano psicologicamente e compromete seriamente a sua criatividade e produtividade. O prazer é indispensável ao homem. Sua ausência torna a vida intolerável com repercussões na personalidade e comprometimentos na saúde.

Priorização do Sensório

Epicuro (340-270 a.C.) formulou a filosofia do prazer, afirmando que ele era o sumo bem em contraste com a dor, o mal supremo. Segundo os epicuristas, na hierarquia dos prazeres, o repouso ocupa o primeiro lugar, por não apresentar riscos e ser possível a todas as criaturas.

A tentativa de se eliminar a dor e o desagradável, usando a fuga do prazer, faz o sofrimento ser maior, mais profundo mais traumatizante. Há muitas dores que são compensadas pelas alegrias conseqüentes. A dor do parto, por exemplo. Nascido o filho, a alegria é tanta que os dolorosos padecimentos do parto olvidam-se. Um lutador de boxe, vitorioso, depois de muito apanhar, surrado mesmo, comemora, feliz e contente, o triunfo. Quanto mais sangrenta a batalha, mais gostosa e prazerosa, a vitória.

O espiritual e o sensório não são conflitantes entre si; completam-se e se harmonizam no equilíbrio da dupla dimensão do homem, mas se pervertem e dissociam-se na polarização fixa ou pendular dos extremos. O pecado tem feito o homem preferir o sensório, o materialmente utilitário, fazendo dos deleites da vida a razão maior, e até única, da existência. O ser humano é “pneumossomático” e, como tal, precisa realizar-se, ao mesmo tempo, no corpo e no espírito. Qualquer ênfase irracional sobre partes dicotomizadas desequilibra-o, afeta o conjunto unívoco espírito-corpo.

O autor de Eclesiastes, bem na linha do hedonismo, afirma: “Então exaltei a alegria, porquanto para o homem nenhuma coisa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se” (Ec 8.15). Lembremo-nos, porém, que nossa vida não se resume em comida, bebida e prazer (Rm 14.17; Jo 6.27).

Comer

O prazer da gustação faz da alimentação humana um ritual hedônico, possibilitando o aparecimento e desenvolvimento da arte culinária requintada. Isto tem seu lado negativo, pois colabora, em grande medida, para aprofundar o abismo entre o trivial, parcela do pobre, e o sofisticado banquete do rico. A comida, além do necessário, é glotonaria. Os comilões e beberrões ofendem, pelo abuso e desregramento, o Criador e afrontam os necessitados às suas portas.

O agradável à vista, o excitante, o licencioso, o saboroso, o libidinoso, são “irresistíveis” fontes de prazer. Até o culto a Deus, onde o espiritual deveria sobrepujar o sensório, se não contiver elementos ou partes de prazer e alegria não “atrai”, não “satisfaz”. Somos sensoriais por natureza. A espiritualidade é muito difícil.

XI - O HOMEM E A SENSUALIDADE

Sexo, Fator de Unidade

A unidade conjugal, conforme os relatos de Gn 2.23,24 cf Mc 10.6-9, é constituída de homem e mulher em absoluta igualdade, segundo os propósitos do Criador: “Desde o princípio da criação Deus os fez homem e mulher” (Mc 10.6). Deus promove e realiza a união matrimonial de seus eleitos: “Portanto, o que Deus ajunta não separe o homem” (Mc 10.9). Conforme os preceitos bíblicos, o que gera o vínculo matrimonial não são contratos legais, formais, legítimos ou sacramentais, mas a primeira relação sexual na noite inaugural das núpcias. A partir de então os dois são uma só carne. O ato sexual é levado tão à sério que Paulo afirma: “Não sabeis que o homem que si une à prostituta, forma um só corpo com ela? Porque, como se diz,

serão os dois uma só carne” (1Co 6.16). O lar nasce no coito inaugural, estabelecendo a indissolubilidade do casamento, lançando as bases morais e espirituais da família, segundo a vontade divina. No Velho Testamento, o “documento” de que a “virgem” deu origem a uma nova família, era o lençol tinto de sangue, prova do fim da virgindade e início da unidade conjugal. A humanidade é recriada em cada consórcio matrimonial autêntico, efetivado por Deus, pois repete, etiologicamente, o ato criador original (Gn 1.27 cf 2.22-24). A sociedade deve ser uma soma de lares, não amontoado de indivíduos, homens e mulheres, praticando sexo promíscuo, escravos do erotismo degradante.

Sexo, Fator de Desunião

O sexo, quando tomado como simples fonte de prazer, à semelhança do que se faz hoje, assume o triste papel de desagregar a família, destruindo, desta forma, a base formadora, estruturadora e consolidadora da sociedade. O homem se perverte de parceria em parceria à procura de deleites cada vez mais erotizados, mais concupiscentes e mais concupiscíveis. A mulher não mais se realiza na conjunção do ágape e do Eros pela interação conjugal e pela maternidade; anseia-se lubrificamente por satisfação estritamente sensual, desvinculada dos compromissos matrimoniais e maternos, condicionando a felicidade conjugal apenas ao ato sexual e este ao orgasmo. A esposa, consorte do marido, companheira e auxiliadora, carne de sua carne e osso dos seus ossos, está cedendo lugar a fêmea venal que se apavona, cada vez com mais requinte, para despertar a libido masculina, os apetites eróticos do macho. Assim, oferecida como produto do mercado sexual, ela se vende, mercantilha o seu corpo, criando as figuras “profissionalizadas” de “mulher sexy”, “fotomodelo”, “nu artístico” e outras venalizações semelhantes. O sexo de aluguel virou moda nos apartamentos privativos, nos motéis, nas transas fortuitas, nos clubes de sexo coletivo, nos prostíbulos, altos e baixos. Lenta, mas inexoravelmente, a mulher se escraviza a mercado sexual. “Liberta-se” dos pais e do marido para ser escrava do consumismo sexual, do prazer lascivo. As compensações, porém, de tal mercado são muito restritas, seletivas e transitórias. Vem depois o imprevisível. Nas relações das fêmeas venais não se incluem as regeneradas, as verdadeiras servas do Senhor. São poucas, mas de excelente qualidade. Deus se glorifica por este remanescente fiel.

A sexolatria levou à corpolatria. O corpo bonito, estrutural, eugenicamente anatômico exalta-se como “sexy”, premiado e laureado nacional e internacionalmente, valorizado, cotado em dólar, e proclamado como símbolo da perfeição feminina. Para este tipo de valor, o poeta não fere a lógica experimental ao dizer: “Que as feias me perdoem, mas a beleza é fundamental”. É lamentável que se coloque na beleza física o valor maior da mulher, na medida em que se torna irresistível sexualmente aos olhos masculinos. E então, para “valorizar-se”, “mostra tudo”.

O sexo, criado por Deus para constituir a célula formadora da humanidade, serve, paradoxalmente, para desintegrá-la e degradá-la. Homens e mulheres, sem compromissos consorciais mútuos e perenes, angustiam-se em suas individualíssimas introversões e solitaríssimas solidões. Os sexos opostas se completam e se integram na união permanente, onde o prazer erótico e agápico associam-se e se afetivam, independentemente da beleza física ou da juventude dos cônjuges.

O sexo é instrumento e meio, não causa e fim da união conjugal. São dois seres humanos que se unificam no conjunto marido-mulher para si tornarem pai e mãe. Os filhos depois repetirão o processo de desenvolvimento da árvore genealógica.

XII - O HOMEM, SEU DESTINO FINAL

O homem é um ser “pneumossomático” (espírito-corpo) ou psicossomático (alma-corpo). Ele, segundo os registros da criação, tornou-se um “ser vivente” (nephesh-haiach), tomou consciência de si mesmo, do tempo e do espaço vitais, a partir do momento em que o Criador lhe assoprou nas narinas o fôlego da vida (Ruach-pneuma). Teve origem em Deus e nele se realiza, eterniza-se. Não se pode enxergar o homem dicotômica ou tricotomicamente, com partes distintas justapostas, sobrepostas e até inseqüentes e conflitantes, conforme preceitua a filosofia grega ao afirmar que a alma (psychê) é imaculada e imaculável, e o corpo (soma), imundo em virtude de sua materialidade, sendo a morte uma libertação da alma. Não, Deus o criou sem partes destacáveis ou detectáveis. Fê-lo unidade homogênea, singular, integral, global, pessoal. Nós, influenciados pelo pensamento helênico, dicotomizamo-lo. Quando dizemos: *Corpo do homem*, admitimos que ele existe além e independentemente do corpo, pela sua alma, uma entidade subjetiva que assumiu a corporalidade. Por outro lado, ao dissermos: *Alma do homem*, presumimos que a essência do ser humano é corporal, sendo o corpo um núcleo ao qual a alma se adere. A Bíblia, porém, não afirma que o homem tem um corpo ou tem uma alma, imaginando-o dicotomizado, tendo um centro, o espírito, capaz de ajuntar elementos heterogêneos como corpo e alma num conjunto desarmônico, de consistência frágil e existência precária. A Bíblia não sustenta que o homem tem um corpo ou tem uma alma, ela no-lo apresenta como “nephesh-haiach”, um ser vivente unificado e real, capaz de relacionar-se com seu Criador e com seu semelhante. É esse homem “pneumossomático” que o Pai eterno criou para sua honra e glória e o quer diante de si para sempre. A morte, conseqüência do pecado, depravou-o, tem destruído seu corpo, o ser total, mas não tem poder sobre sua vida, preservada por Cristo.

O estado intermediário é solução transitória. O ideal se realizará com a ressurreição, quando o mortal se revestir de imortalidade, quando o castigo da separação corpo e alma chegar ao fim, e o homem voltar à unidade original, incorruptível. Então ele reassumirá sua originalidade, recolocar-se-á perante o trono da graça em corpo-alma, ressurto, novamente um “nephesh-haiach” como Deus o fez e o deseja eternamente.

As freqüentes perguntas: Onde fica a alma (espírito) entre a morte e a ressurreição?. “Como ressuscitam os mortos?”. “Em que corpo vêm?”. À primeira pergunta respondemos: o espírito procedeu de Deus, de sua boca, e ele, até a solução final, retoma-o para si. Está com Cristo onde Cristo está (Jo 14.3). O corpo material o Criador tirou-o da terra e o devolve a ela. O homem, no entanto, não pode viver eternamente assim, pois não é dicotômico por criação e por natureza; ressuscitado, recuperará sua idealidade e viverá eternamente perante o Criador. Às outras perguntas responde-as Paulo: “O que semeias não nasce, se primeiro não morrer; e quando semeias, não semeias o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra semente. Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar, e cada uma das sementes o seu corpo apropriado”. “Assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual” (I Co 15.35-38,42-44a).

Como Cristo é, seremos: reais, corpóreos, incorruptíveis, identificáveis, comunicáveis, glorificados, não limitáveis pela matéria, capazes de: aparecer e desaparecer (Lc 24.31,36); falar (Lc 24.25ss); andar (Lc 24.15); vencer obstáculos físicos (Jo 20.19,26); identificar-se (Jo 20.20,27). Um ser de carne e osso (Lc 24.39,40).

Como Cristo é, seremos. Onde Cristo está, estaremos, mas homens integrais, seres “pneumossomáticos”.

XIII - A MULHER NA BÍBLIA

Nas Escrituras, apesar das discriminações generalizadas, sobretudo no período pós mosaico, a mulher se superou em muitos casos e em circunstâncias adversas. Ela figura no Decálogo, ao lado do homem, como digna de honra, acatamento e respeito (Ex 20.12). Nas leis contra o adultério, a violência sexual, o estupro, não se discrimina entre homem ou mulher (Dt 22.22-27 cf Lv 20.10). A culpabilidade cai sobre os delituosos sexuais sem distinção. O arbítrio dos juizes (anciãos) não inferiorizava a mulher.

Mulheres no Velho Testamento

Mulheres houve famosas, proeminentes, entre os judeus: Miriã (Ex 20.20,21), profetiza e líder. Miquéias diz que Miriã foi posta por Deus, ao lado de Moisés e Arão, na liderança dos peregrinos israelitas durante o êxodo (Mq 6.4). Débora foi juíza, generala e profetiza (Jz 4 e 5). Hulda, profetisa que promoveu um grande reavivamento em Israel (2 Rs 22.8-20; 2 Cr 34.14-28). Atalia, a rainha, reinou sobre Israel seis anos (2 Rs 11.1-3). Foi cruel, mas outra mulher, Jeoseba, salvou Joás de sua ira, e este veio ser o rei (2 Rs 11.1-3 cf 11.13-16). Ester chegou a ser rainha do império Medo-Persa sob Assuero (Et 2.17), promovendo o judeu Mordecai ao posto de primeiro ministra do poderoso império (Et 10.3). Jael, guerreira (Jz 4.17-22), exaltada no Cântico de Débora como “bendita entre as mulheres” (Jz 5.24). Jesabel, a sanguinária, ocupou considerável espaço na história do povo de Deus. Foi despótica, mas proeminente (1 Rs 16 a 21; 2 Rs 9). Noeme e Rute, a moabita, são mulheres relevantes no Velho Testamento.

Não se há de olvidar o papel da mulher no processo sucessório da história da redenção, na continuação da promessa, na realização dos pactos precedentes e do conseqüente e final em Cristo Jesus: Eva, Sara, Rebeca e Maria.

Mulheres no Novo Testamento

Jesus recebeu apoio das mulheres e valorizou-as (Lc 8.1-3; Mt 27.55-56; Mc 15.40,41; Jo 12.1-8; 11.1ss). Elas estiveram com ele na paixão e na morte (Lc 23.27,49,55,56). Foram as primeiras a visitarem o túmulo de Cristo e a testemunharem a ressurreição do Salvador (Lc 24.1-10). Essas privilegiadas mulheres foram, entre outras, conforme o relato de Lucas: Maria Madalena, Joana, Maria, mãe de Tiago (Lc 24.10). Marcos inclui Salomé, mas omite Joana, esposa de Duza o curador de Herodes, a heroína da corte, que teve a incrível ousadia de seguir Jesus e

ser agraciada com a bênção de testemunhar a sua ressurreição (cf Lc 8.3). Vigilantes, em oração, estiveram com os discípulos no cenáculo em Jerusalém (At 1.13,14).

O ministério feminino na Igreja Primitiva é inegável. Basta vê-las, algumas, relacionadas por Paulo (Rm 16). Destacam-se: Dorcas (Tabita), sobre quem se operou o primeiro milagre de ressurreição na Igreja nascente (At 9.36-42). Priscila, a cooperadora de Paulo (At 18.1-4; 18.18-28; Rm 16.3,4; 1Co 16.19; 2Tm 4.19). Maria, mãe de João, em cuja casa abrigava uma congregação (At 12.12). Lídia, que acolhia os irmãos em sua residência (At 16.40). Fébe, missionária na Igreja de Sancreia, protetora de Paulo e outros discípulos (Rm 16.1,2). Ninfa, hospedeira de uma comunidade da Igreja Primitiva em Laodicéia (Cl 4.16). Evódia e Síntique, missionárias que ajudaram Paulo em seu ministério (Fp 4.2,3).

Os papéis de esposa e mãe são relevantíssimos nas Escrituras. Da maternidade Deus fez depender a promessa (Eva, Sara e Maria). A esposa honesta e fiel é comparada à Igreja do Cordeiro (Ef 5.22-23). A esposa é uma dádiva do Senhor (Pv 19.14), como a Igreja é uma dádiva do Pai ao Filho para lhe ser submissa, respeitosa, levar-lhe o nome, amar-lhe com sua castíssima fidelidade.

XIV - A MULHER E O HOMEM

“No dia em que Deus criou o homem, a semelhança de Deus o fez; homem (macho) e mulher (fêmea) os criou, e os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados” (Gn 5.1,2).

Absoluta Igualdade

Homem e mulher receberam o nome de Adão, isto é, unidade bissexual geradora da humanidade. Não se enxerga aí qualquer priorização masculina. Isto se observa no primeiro relato da criação, onde a biunidade homem-mulher é a imagem de Deus (imago Dei). Na segunda narrativa do ato criacional, embora o homem seja criado primeiro, a mulher não lhe é diferente, visto ser osso de seus ossos e carne de sua carne (cf Gn 2.23). O homem não forma um conjunto biossômático, segundo as Escrituras, com seu pai e sua mãe, mas com sua esposa: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2.24 cf Mt 19.15; Mc 10.7,8; 1 Co 6.16; Ef 5.3).

O conflito entre mulher e homem é fruto do pecado. Ambos foram criados para a unidade conjugal onde se completam e se realizam como seres humanos iguais e consensuais. É do ovo, célula bimolecular, que o Criador retira a humanidade. Criaturas humanas procedentes de coitos promíscuos são, geralmente, inseguras, desprotegidas, desajustadas, traumatizadas e irrealizadas, além de gerarem descendentes com os mesmos problemas de seus genitores. A monogamia não significa escravidão dos sexos, prisão do cônjuge a um só parceiro ou parceira, inferiorização da mulher, mas propósito divino, paternidade e maternidade responsáveis, missão de preparar os filhos com elos sucessórios das gerações para o exercício da autêntica cidadania para o perfeito louvor ao Deus supremo. Homem e mulher, segundo a vontade de Deus, sem qualquer patriarcalismo ou matriarcalismo, machismo ou feminismo, foram criados para a união monogâmica indissolúvel e, interagidos pelo “ágape-eros”, procriarem, criarem e educarem seus filhos. Sem

igualdade bilateral não há casamento, mas acasalamento legal, nada mais. O sexo-prazer venaliza a mulher, vulgariza sua intimidade, faz de seu corpo objeto descartável de consumo. A frase: “Cada mulher tem seu preço” é deprimente e degradante. Por outro lado, o homem adúltero, fornicário, “comprador” de fêmeas para satisfação de sua libido, é corruptor de si mesmo, um réprobo, ofensor da dignidade da mulher e desrespeitador do próprio Criador. O prazer sexual, tomado como felicidade última, desvirtua e deturpa os objetivos finais do sexo: unidade, igualdade, reprodução, criação de prole. A satisfação sexual, neste contexto, é um meio, não um fim. O diálogo bilateral, o orgasmo compartilhado, a consensualidade, o respeito à individualidade, a mutualidade em tudo, o amor sem fingimento, a fidelidade, são fundamentais, tomados em conjunto, para manter a indissolubilidade do lar e sustentar a união satisfatória do casal, onde os dois devem ser uma só carne na juventude e na velhice, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, na paz e na guerra.

Civil, social e profissionalmente homem e mulher são iguais, dotados, paritariamente, de inteligência, razão, sentimentos, emoções, pendores, virtudes e vocações. Porém, a sociedade só terá estrutura psicológica, moral e espiritual se constituída de famílias sólidas cujos nubentes sejam bem formados e mutuamente fieis. Pais corruptos corrompem os seus filhos. Os meninos de rua, bastardos, não são piores que os filhos de pais depravados que os violentam física e moralmente.

XV - MULHER-SUBMISSA E LIVRE

“Não é bom que o homem esteja só: Far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18). “Então o Senhor fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu: tomou das suas costelas, e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada. Por isso, deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2.21-24).

Liderança Masculina

A liderança masculina restringe-se ao lar, e não especificamente sobre a mulher. Não se há de confundi-la com dominação e prepotência. O marido é o cabeça da esposa em sentido sacerdotal, como Cristo o é da Igreja (Ef 5.23 cf 1Co 11.3). A mulher não deve usurpar as prerrogativas do consorte tanto quanto a Igreja não pode ser cabeça de si mesma. Uma Igreja sem Cristo ou com um Cristo submisso à sua vontade é como uma mulher sem marido ou como um reino sem rei. Na estrutura do lar, para a realização do casal, a hierarquização deve ser mantida, mas sempre estabelecida pelo amor e nele firmada em paralelo com as relações unitivas entre Cristo, o Noivo e a Igreja, a noiva.

A esposa é, segundo os propósitos divinos, uma ajudadora, auxiliadora, companheira, não escrava. Perante os direitos e deveres éticos, sociais, trabalhistas, judiciais, econômicos e políticos, mulher e homem nivelam-se. E nem pode ser diferente. Deus não criou mulher para ser simplesmente máquina procriadora ou um objeto de prazer sexual masculino, mas uma parceira co-igual, co-responsável, carne de sua carne e osso de seus ossos.

O machismo coloca o homem como touro de rebanho ou galo de briga. O feminismo enxerga a mulher competindo com o touro ou brigando com o galo. O homem, porém, segundo a vontade do Criador, não é macho dominador do mesmo modo que a mulher não é fêmea para ser dominada; são sexos opostos que se completam, unificam-se e se realizam mutuamente na interação conjugal. O feminino, conforme a Bíblia, procedeu do masculino, mas é o homem que rompe a unidade paternomaterna para unir-se à sua esposa, criando um novo conjunto unitário consensual e indissolúvel: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”.

Liderança doméstica masculina, sim. Ditadura marital, não; é antibíblico.

Chamar-se-á Varoa

Varão e varoa são traduções de “ish” (homem, macho) e “ishah” (mulher, fêmea). O que Adão quis dizer: Esta é o meu outro “eu”, porque é parte de mim. Seu nome, portanto, se funde no meu, e com ele se confunde, pois é o mesmo em natureza, substância e essência. Somos absolutamente iguais social e espiritualmente, embora com diferenças fisiológicas distintas, preferências e percepções psicológicas existenciais individualizadas, características. Homem é homem; mulher é mulher; pai é pai; mãe é mãe. Não misturemos e não confundamos os papéis. No entanto, como dois seres desiguais, Deus os iguala na consensualidade matrimonial de tal maneira que não são mais dois, mas uma só carne. É o milagre da harmonia dos diferentes que se ajustam e se completam. Que a esposa exerce influência sobre o esposo a criação no-lo revela. Eva mudou o comportamento do marido, quebrando-lhe princípios fortíssimos pela poder da persuasão e dos argumentos. A fragilidade física supera-se pela habilidade mental e pela capacidade que a mulher possui de usar os sentimentos e as emoções na consecução de seus objetivos. Ela faz de sua aparente fraqueza o imperativo de suas conquistas. Liderada, acaba por comandar o liderante. Falo de lares bem formados, estruturados, sólidos, firmados em Cristo Jesus.

XVI - VALORES FEMININOS

*“O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (Gn 1.16b).
“Todavia será preservada através de sua missão de mãe” (1Tm 2.15a).*

A Mulher Bíblica

A mulher Bíblica era submissa ao marido, como antes fora subordinada ao pai, mas tratada com honra, distinção e respeito. Sua vinculação ao pacto se fazia pelo genitor, se solteira; e pelo esposo, se casada.

A Escritura não vê o ser humano como indivíduo isolado, sem conexão social; vê-o como unidade, dignificado e operante, no conjunto homogêneo da ordem familiar, um corpo interagido de pessoas afins no qual o marido é o cabeça, o líder, o governo, não o ditador. No organismo doméstico ela não era objeto, mas esposa e mãe.

A figura veterotestamentária da mulher beneficiária da graça por intermédio de seu marido com quem formava um todo psicossocial, veio a ser o que já se preanunciava, um símbolo da Igreja, a esposa de Cristo, a ele submissa, mas não lhe

sendo escrava, pois se unificam pelos vínculos do amor, da graça e da fidelidade; ela, salva; ele, o Salvador.

No casal, a expressão é biunitária. Marido e mulher mutuamente se autenticam, repersonalizam-se, conformam-se no constante processo unificador. Submissão, jamais escravidão; respeito, e não subserviência; acatamento, não despersonalizarão.

Valores e Desvalores da Mulher Moderna

Os ideais da mulher, antes da explosão dos movimentos libertários, eram: ser esposa e mãe. O sexo destinava-se a estas funções. Embora os homens se corrompessem num machismo permissivo, a mulher não lhes copiava os maus exemplos, não lhes invejava os erros e a corrupção. As vocações matrimoniais, domésticas e maternas da mulher faziam com que ela se completasse no seu esposo; ele, herói do campo; ela, rainha do lar; duas polarizações indispensáveis para o equilíbrio da criação e educação dos filhos. Mãe, matriarca da prole; pai, patriarca da esposa; e os filhos tinham pai e tinham mãe, bases estruturais do caráter, catapultas para o futuro.

Os padrões antigos caíram. São hoje detestáveis. A mulher contemporânea libertou-se dos maridos para submeter-se à ditadura de chefes, patrões, diretores, empresários e outros. Muitas se deixam explorar sexualmente. Não buscam mais a identidade na domesticidade e na maternidade, mas na feminilidade corporal e estética. Lutam fobicamente contra as “gordurinhas”, as rugas, os sinais de envelhecimento. Juventude, beleza, vitalidade sexual não são valores permanentes. Apegar-se ao transitório e tentar mantê-lo naturalmente irreversível é criar traumas e frustrações horríveis. No tempo em que não havia tinta para os cabelos e nem plástica para os sulcos epidérmicos, nossas vovós eram mais naturais e, por isso, mais belas. A corpolatria, consequência direta da sexomania, desviou os objetivos morais, maternas, intrínsecos da mulher para os externalismos dos atrativos físicos e anatomias sensuais das fêmeas (nem todas, graças a Deus), que se exibem e se oferecem. Cuidar do corpo e vestir-se bem é recomendável, mas sem luxúria ou intuito provocativo da libido masculina.

À falta de gozo vital, existencial, da alegria permanente do aconchego doméstico, da hilaridade das crianças no regaço materno-paternal, do gostoso calor do tálamo nupcial, tenta-se refugiar nos orgasmos promíscuos, nos coitos circunstanciais, nas “transas” experiências, no “fazer amor” sem amor: resultado, quase sempre, de estímulos externos de contatos sexualizantes nos bailes, nas praias e nos namoros agarradinhos”. Parceiros? - Os que o “momento” suscitar. Isso tem levado grande parte das “mulheres modernas” a se tornarem objeto de consumo. E elas sabem que, no consumismo sexual de nossos dias, o decaimento senil do corpo feminino resulta em rejeição traumatizante.

O trauma do envelhecimento é o maior pavor e o mais profundo complexo da mulher moderna.

A figura da mulher tradicional é “démodé”, mas a formação dos filhos reclama seu retorno; a autenticidade do lar reclama seu renascimento.

XVII - A MULHER E A FEMINILIDADE

“Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelo, e adereços de ouro, aparato de vestuário” (1Pe 3.3 cf 1Tm 2.9).

Delicadeza Feminina

Não se comparará a natureza delicada da mulher, bem como sua sensibilidade, com a do homem, mais rude, menos detalhista. A cultura pode, e tem feito isso, aproximar muitíssimo os dois sexos. Um ambiente cultural machista propício, eventualmente, masculiniza a mulher, quebrando sua natural delicadeza. Um grupo social com excessivos hábitos femininos, linguagem e gestos delicados em demasia pode efeminar os machos. Em qualquer caso, o prejuízo para o sexo “condicionado” ou alterado por influência do meio é considerável. Entre as tribos selvagens não há redutores sociais e os hábitos culturais fluem naturalmente; no entanto, a feminilidade, tanto quanto a masculinidade, desponta, firma-se e se fixa por formação espontânea. Há mais possibilidade de o homem efeminar-se por desvios de educação e condicionamentos ambientais que a mulher masculinizar-se. A herança genética feminina é fortíssima. Mesmo em situações formadoras masculinizantes, de modo geral, ela mantém delicadeza física e doçura nos gestos. As exceções confirmam a regra.

Estética e Elegância

A mente da mulher dissecar o global para distinguir e apreciar a estética e a harmonia das partes. Ela enxerga o objeto e o distingue, mesmo num conjunto de unidades associadas e harmonizadas, e o define esteticamente. Percebe com acuidade e perspicácia invejáveis o desequilíbrio entre o feio e o belo nos arranjos mais simples da natureza e nas requintadas obras dos artistas plásticos. A roupa masculina poucas variações sofre, e quando as apresenta, não são radicais. Mudam em detalhes. Não visam a beleza, atentam para a “autoridade” o “status”, a dignidade profissional, a posição social. A moda feminina objetiva, prioritariamente, a formosura, a graça, a elegância, a sensualidade, a finura, a atração. Elogiar a formosura e a beleza de uma mulher é conceder-lhe o prêmio gratíssimo, pois é seu escopo psicológico: ser notada, admirada, elogiada. Eis porque a arte da moda feminina é tão exuberante, variada e até, em certos casos e circunstâncias, extravagante. Os modistas procuram “atualizar” a mulher, adequá-la aos ambientes diversos, torná-la elegante e admirada. Para tanto, “trabalham” sua pele, seus olhos, seus cabelos, suas mãos, seus pés, seu corpo, seus vestidos. A combinação de cores e traços é fundamental.

O Corpo Feminino

O corpo da mulher, vestido com arte, é muito mais atraente, sobretudo aos olhos orientais, que desnudo. O corpo humano é belo. A nudez, porém, lhe tira o ornamento, a moldura, que é a roupa. O nu é agressivo, erótico, inatural; nada acrescenta à graça, à leveza e à sensualidade feminina, além de ser, quando explorado, pecaminoso. Ele só serve para vulgarizar a mulher.

O cuidados corporais são válidos, mas a corpolatria não se recomenda. Nem todas as mulheres recebem das mãos do Criador um corpo anatomicamente bonito e esteticamente formoso. A indumentária, contudo, pode embelezá-lo. Além do mais, em se tratando de anatomia física, o envelhecimento é padrasto. As transformações

etárias são inexoráveis. Contra a senilidade pouco podem fazer os cosméticos, as clínicas de beleza e as plásticas.

Não se excluem o adorno do corpo e as fisioterapias de emagrecimento, mas que tudo seja feito com moderação, pois a moralidade e a espiritualidade são fundamentais e não se desgastam com o tempo. A estética de Deus difere da dos homens: Ele se agrada do interior, valorizando nossos valores éticos, morais e espirituais.

Agradeça o corpo que Deus lhe deu. Cuide bem dele. Coloque-o a serviço do Criador.

XVIII - O SINAL DE CAIM

Um Pacto com o Criador

O primeiro pacto foi feito com a humanidade na pessoa de Adão sob a condição de absoluta fidelidade e uma ordenança divina: Não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Pena prevista: a morte (Gn 2.17). Este pacto, cuja manutenção dependia da obediência humana, foi quebrado. Então o pecado e a morte entraram no mundo.

Caim foi um pecador com o signo da morte, nascido em pecado, embora seu nascimento tenha sido uma decisão divina (Gn 4.1). Nele se despertou e o dominou o espírito de destruição do próximo, a eliminação do concorrente (Gn 4.5,6). Tomado de inveja e possesso de ira, assassinou o irmão. Não teve forças para vencer seus impulsos egoístas, pecaminosos, sua injustificada cólera contra o semelhante, simplesmente porque prestou um culto agradável, aceitável, a Deus. Em vez de mudar sua maneira de se relacionar com Deus, associando-se ao seu irmão, procedendo-se bem, conformando-se à vontade do Criador, optou por eliminar o culto competidor, matando o adorador. E assim, o primeiro homicídio se deu por questão religiosa. Cometido o crime, veio a sentença: “És agora, pois, maldito por sobre a terra cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão. Quando lavrares o solo não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra” (Gn 4.11,12). Então Caim, diante da insuportável condenação, clamou ao Senhor: “É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo. Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua presença hei de esconder-me; serei fugitivo e errante pela terra; quem comigo se encontrar me matará”. Deus então apesar do terrível pecado do primogênito de Adão, compadeceu-se, estabelecendo um pacto com ele; na verdade o primeiro com base, inteiramente, na misericórdia divina, não nos méritos humanos: “Assim, qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes” (Gn 4.15a), isto é, cobrar-se-á exemplarmente sobre o assassino a justiça verdadeiramente merecida. A graça de Deus impede que se puna com a morte um criminoso cruel, autor de um fratricídio premeditado (Gn 4.8): “E pôs o Senhor um sinal em Caim para que não o ferisse de morte quem quer que o encontrasse” (Gn 4.15b). Em Caim, por esse pacto judicialmente ilógico e injusto, encontra-se os primados das indizíveis misericórdias de Deus, posteriormente consumadas na gloriosa pessoa de Jesus Cristo.

O pacto de Deus com Caim memoriza-se por um sinal, que não sabemos exatamente qual foi. Talvez não contivesse marcas externas, assemelhando-se ao da Graça em Cristo Jesus, o batismo, que não se visibiliza por sinais físicos. Alan

Richardson, em seu comentário de Gênesis, diz que a palavra Caim assemelha-se com “gain-el”, “escravo de Deus”, propriedade de “El”. É plausível tal interpretação. Nesse caso, porém, Caim teria uma marca externa visível. Há até quem diga que o sinal de Caim era uma cruz (taw) que, na visão de Ezequiel, assinalava os fiéis (Ez 9.4). Este signo cruciforme, patente ou oculto, seria o selo identificador dos remidos do Cordeiro (Ap 7.3; 9.4). Somos, efetivamente, escravos de Jesus Cristo (Fp 1.1), identificados por suas marcas impressas em nós (Gl 6.16).

O pacto caímico é o primeiro da Graça e o protótipo da infinita misericórdia de Deus para com todos os pecadores, mesmo os mais perigosos, desde que, reconhecendo seus pecados e misérias, busquem proteção e compaixão no Salvador. Assim aconteceu ao ladrão arrependido na cruz e acontece a qualquer pecador a quem a graça atinge, pelo Espírito Santo, conseqüenciando arrependimento, regeneração e santificação.

Caim perdeu-se numa terra distante, mas portando o sinal do beneplácito de Deus, a graça.

XIX - CAIM E ABEL- PESSOAS REPRESENTATIVAS

“Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim; então disse: Adquiri um varão com o auxílio do Senhor. Depois deu à luz a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas e Caim, lavrador” (Gn 4.1,2).

Sedentarismo e Nomadismo

Caim, primogênito e lavrador, seguia, na verdade, a determinação divina imposta a seu pai: “Maldita é a terra por sua causa: em fadigas obterás o sustento durante os dias da tua vida”. “No suor de teu rosto comerás o teu pão” (Gn 3.17b e 3.19a cf 2.15). De uma terra maldita (Gn 3.18), certamente, não se retiraria uma oferta (minhah) bendita. Da sentença de maldição os animais estão excluídos, embora o tentador se fizesse representar por um deles para introduzir o pecado no coração da humanidade (Gn 3.1).

A rejeição do culto caímico é, parece, uma reação à tentativa de se ligar Javé à natureza, às mortes e ressurreições estacionais do mundo vegetariano. Os deuses caananitas é que seriam assim, produtores da “sêmen” (semente) para fecundar a terra.

Caim, agricultor, representava o sedentarismo, a civilização estabelecida, tecnológica, científica, industrial e metropolitana (Gn 4.17,20,21), mesmo tendo recebido a condenação de ser “fugitivo e errante pela terra” (Gn 4.12b). Por ter eliminado o nomadismo na pessoa de seu irmão, um de seus descendentes, Lameque, teve duas esposas representativas de dois povos: Ada, mãe de Jabel, pai dos nômade pecuaristas (Gn 4.20), e Zilá, mãe de Tubalcaim, o criador das artes artesanais, da tecnologia empresarial (Gn 4.22). Porém, o marido das duas mulheres responsáveis por duas civilizações, Lameque, continuou a perversidade de seu ancestral, tornando-se duplamente assassino (Gn 4.23). Os descendentes de Caim, portanto, eram tecnicamente desenvolvidos, mas moralmente corrompidos, depravados, degradados. O retrato antevivo da sociedade “civilizada” de hoje.

Abel, pastor de ovelhas, representava o ideal nomádico, tribo sem patrimônio, sem terra, sem habitação fixa, sem núcleos urbanos; enfim, sem profundas raízes no mundo, mas com ligações místicas ao divino pela fé religiosa (Hb 11.4). Abel representa, arquetipicamente, todos os eleitos de quem Deus se agrada, os peregrinos e forasteiros entre as nações, sem habitat definitivo ou pátria permanente (Hb 13.14); os que não se apegam aos bens materiais, não se escravizam a Mamom, não se deixam levar por falsos deuses, não se iludem com prazeres temporais; os que tomam cada dia sua cruz e seguem o Salvador; os que, por fidelidade a Deus, morrem para o pecado e ressuscitam para a vida eterna em Cristo Jesus.

O Culto Sincero e o Falso

Caim ofertou a Deus vegetais não selecionados; apenas retirou uma porção do “fruto da terra” (Gn 4.3) para o seu Criador, não a melhor, demonstrando falta de amor profundo e de dedicação irrestrita. Quem ama e considera, oferta o principal, não o geral nem o secundário. Quem a si mesmo não se entrega ao Salvador incondicionalmente, não lhe oferece o mais valioso de seu trabalho. Foi o que aconteceu a Caim. Por isso, o Criador não se agradou dele e de sua oferta (Gn 5.5).

Abel sacrificou ao Redentor as “primícias” de seu rebanho, isto é, as primeiras crias. Antes de tirar o seu, tira-se o de Deus. Foi a clara demonstração de seu amor, de sua gratidão. Quem não se coloca nas mãos de Deus, não lhe presta culto com a totalidade de seu ser e a generosidade de seus bens. Além do mais, “quem não ama a seu irmão a quem vê não pode amar a Deus a quem não vê” (1 Jo 4.20). De um coração perverso não emana adoração honesta (1 Jo 3.11,12). Deus não privilegia o nômade e recrimina o sedentário; ele repudia a impiedade, a insinceridade, a hipocrisia e a falsidade no culto e na vida secular.

XX - O POVO DE DEUS SE CORROMPE

“Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram. Então disse o Senhor: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos. Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome na antigüidade. Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo o desígnio do seu coração” (Gn 6.1-5).

Filhos de Deus e Filhas dos Homens

Há duas interpretações para o tópico acima:

1ª - Filhos de Deus são anjos, que cometeram o delito de “possuírem” (terem relações sexuais) com as humanas, gerando descendentes semidivinos, gigantes e famosos, os “nephilim”. Casamentos de deuses com mulheres virgens ou prostitutas sagradas eram comuns na mitologia daqueles tempos. No texto em apreço, porém, não cabe semelhante paralelo mitológico. Que os anjos são designados “filhos de Deus”,

não se duvida (ver Jo 1.6 cf Jo 38.7; Sl 29.1; 89.6). O difícil é entender a tal reprodução, possibilitando o aparecimento dos “nephilim”.

2ª - “Os filhos de Deus” são os descendentes de Sete (Sheth), o designado, o escolhido. “As filhas dos homens” são descendentes de Caim, usadas como reprodutoras, talvez adulterinamente, de herdeiros do “escolhido”, misturando as gerações, as tradições, as heranças religiosas.

O Sagrado e o Profano

Creemos que o texto (figurativo e pictórico, mas teologicamente real) não trata de miscigenação do celeste com o terrestre pela união sexual de anjos e mulheres; não descreve a origem de numerosas raças; não fala da convolação de núpcias entre setitas e caimitas; descreve, sim, a degradação espiritual via permissividade. O casamento misto entre o santo e o profano, entre o eleito e o reprovado já é indício de que o santo não leva a sério a sua santidade, o eleito não valoriza sua eleição. Não pode haver comunhão da luz com as trevas. Quando a associação não envolve comunhão de princípios, que é difícil, tolera-se o casamento misto, embora os cônjuges vipossam viver em interação precária e até conflitante. O autor sacro, no entanto, focaliza as relações promíscuas do povo de Deus, separado, com os mundanos, profanando, pela consensualização com os ímpios na sociedade, nas empresas, nas atividades políticas e nos agrupamentos culturais, o nome do Senhor. Não pode haver dicotomia e contradição entre o crer e o crente, o ser e o fazer.

O mundo continua com dois povos, o de Deus e o do maligno, o da luz e o das trevas, o eleito e o não eleito. O dia que os dois se confundirem pela fusão, Deus não terá mais filhos sobre a terra; voltaremos, então, à situação pré-diluviana. As duas histórias correm paralelas; não se tocam, não se misturam, não se fundem. Os regenerados e os profanos distinguem-se pelos frutos, doces e nutritivos de uns, amargos e toxicóforos de outros, e também pela fé exclusiva no Deus revelado nas Escrituras e encarnado em Jesus Cristo. Aos justos reserva-se o Céu. Aos ímpios, o inferno, não por castigo divino, mas por opção pessoal e coletiva. Associar-se com os mundanos é pôr-se em julgo desigual contra a vontade do Salvador (2 Co 6.14-18). No meio de uma geração perversa, Noé permaneceu justo, não se corrompeu, não se comprometeu, não se apostatou. Foi um filho de Deus, um gigante, a quem o Redentor protegeu e comissionou (Gn 7.1).

A Igreja, lar dos filhos de Deus, milita no mundo, mas não lhe pertence. Ela é esposa do Cordeiro para gerar filhos poderosos para Deus.

Os eleitos não se consorciavam com os réprobos.

XXI - ABOMINAÇÃO AO SENHOR

“Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança de diante de ti” (Dt 18.10-12).

O Bem e o Mal

O bem, tudo aquilo que se conforma à verdade e à vontade de Deus, efetiva-se na harmoniosa relação da criatura com seu Criador e na fraternidade verdadeiramente igualitária entre irmãos, filhos da promessa.

O mal origina-se no desamor a Deus e ao próximo, na mentira, na depravação do “eu”, na injustiça. Quem verazmente não ama o seu Pai celeste não tem condições de amar sinceramente o seu semelhante. O homem, obra prima da criação, ao descrer do seu Criador, menosprezá-lo ou repudiá-lo, pratica atos ou assume posturas abomináveis. E um filho que não considera o pai, um servo que não se submete ao Senhor; também não há de respeitar e considerar os seus irmãos e conservos. Esse estado de rebeldia é abominação ao Senhor (ver Pv 6.16-19).

Abominação da Idolatria

Deus abomina a idolatria, branca ou negra, isto é, a esposada por eclesiólogos teologizados, pela elite mística eclética, e a cultivada nos terreiros de umbanda, nos cultos afro-brasileiros. Para o Salvador, tanto é abominável a prostração diante de uma aurífera imagem de santo como perante um ícone de “divindades” correspondentes ou correspondentes do culto jeje-nagô, onde se cultuam os orixás, subdivindades de orixalá.

Adorar a criatura em lugar do Criador é uma ofensa ao próprio ser humano, nobilíssimo em sua origem e elevadíssimo, segundo seus fins, criado à imagem do Criador, feito templo do Espírito Santo por Jesus Cristo. Constitui, acima de tudo, execrável afronta ao Supremo Redentor, a quem o homem deve, e exclusivamente a ele, adoração sincera em espírito e em verdade. Só Deus deve ser cultuado, pois é único e exclusivo. E ele não tolera venerações, dulas ou latrias idólatras dirigidas a ícones, materializados ou imaginários, tanto os procedentes dos hagiológicos cristãos como os originários do panteísmo e da mitologia popular, um imenso complexo de “entes”, entidades, fluidos, áureas, forças, poderes, energias e carmas. O culto idólatra, de qualquer espécie e origem, é abominável a Deus, proibido no decálogo, recriminado pelos profetas.

Adivinhação

O sistema divinatório mais comum, em nossos dias, é a astrologia. Além de absurdo científico, pois se imagina o cosmo geocentricamente e se colocam todos os corpos celestes num plano único e num conjunto unitário, é aberração teológica por negar as Escrituras Sagradas, a soberania de Deus e as divinas providência e providência. Deus, segundo a Bíblia e conforme a fé dos autênticos servos de Cristo, é Senhor absoluto sobre toda a criação e todas as criaturas, e a tudo governa com soberano poder e graça. Pela sua onipresença, pela encarnação de seu Filho e pelo ministério do Espírito Santo faz-se presente e atuante no mundo em geral e em sua Igreja em particular.

Militam contra Deus os que atribuem virtudes mágicas protetoras e premonitórias a coisas ridículas e esdrúxulas como búzios, cartas de tarô, fragmentos de cristais, pó de café e outros fetiches.

Saibam, finalmente, os irmãos em Cristo que os prognósticos e as adivinhações por meio de horóscopos ou de quaisquer objetos mágicos é terrível abominação ao Senhor. Abomináveis são os adivinhos com suas premonições e previsões. O

verdadeiro crente, eleito e salvo, submisso irrestritamente ao Salvador Jesus Cristo, rejeita os magos e repudia as suas magias. Ele sabe que sua vida veio de Deus, por ele é dirigida e a ele se destina. Nele deposita sua inteira confiança, sua total esperança e sua inabalável fé. Afastados ficam-lhe, por detestáveis aos olhos do Senhor, os gurus da mística esotérica, a necromancia, os duendes, os gnomos. Zomba de Deus quem deposita sua crença em espíritos desencarnados e por eles se deixam levar. Somente o Espírito Santo é nosso guia, iluminador, inspirador e instrutor.

XXII - O HOMEM DE BELIAL

“O homem de belial, homem vil, é que anda com a perversidade na boca” (Pv 6.12a). “No seu coração há perversidade; todo o tempo maquina o mal; anda semeando contendas” (Pv 6.14).

Perfeito Réprobo

O homem de belial é o contrário do santo, do justo. Este luta contra o mal em si e na sociedade; aquele maquina-o e o aprimora em sua alma luciférica, envidando esforços para implantá-lo e efetivá-lo no meio ambiente sob sua influência. O justo beatifica-se e santifica o seu grupo natural e social; o perverso, homem de belial, corrompe-se, corrompe seus semelhantes e batalha para corromper os eleitos.

O Santo

É o escolhido, eleito e regenerado. Não é essencialmente bom como o seu Criador e Salvador, pois continua como ser humano e pecador, mas tem o bem em si pela presença do Espírito Santo e pelo dom da graça. Por isso, repudia o mal, apega-se ao que é justo, não se compraz com o erro. Pode errar por fraqueza, não por deliberação consciente ou maquinação deliberada. Arrepende-se de seus pecados e os confessa a Deus com o propósito de não repeti-los. O pecado angustia-lhe a alma.

O Homem de Belial

Este é intrínseca e psicologicamente perverso. O seu prazer e realização residem na concepção e prática da perversidade: “Todo o tempo maquina o mal”, isto é, em nenhum momento a bondade se encontra em sua mente maléfica. É um réprobo absoluto, completo. O justo não tem a mínima condição de conviver, em nível dialogal, interativo, com tal criatura. São opostos entre si e mutuamente se repelem. Um é da luz; outro, das trevas; um é servo de Cristo; outro, súdito de Satanás; um pregoeiro da justiça, mensageiro da paz; outro, semeador de contendas e propagador da maldade, da corrupção, da indignidade, da crueldade, da incredulidade.

Facilmente constata-se a existência de pessoas terrivelmente más, altamente perigosas, agressivas, devassas, iníquas. Da mesma sociedade, sob influências culturais e sociais idênticas, emergem os justos, os santos, gente maravilhosamente boa, culturalmente sadia, socialmente respeitável, moralmente digna, espiritualmente consagrada. Na mesma cidade podem surgir, ocupando os extremos da escala moral, o santo e o corrupto, independentemente das raízes familiares, dos níveis educacionais e

das condições econômicas. Infelizmente, a sociedade compõem-se de bons e maus, de filhos de Deus e filhos do diabo, de ministros do bem e de agentes do mal. E a proporção é desigual: muitos são os réprobos; pouquíssimos, os justos.

O Homem de Belial e o Anticristo

A figura do homem de belial no Velho Testamento corresponde ao do anticristo, do “homem da iniquidade”, da besta, no Novo Testamento. São indivíduos absolutamente degradados, degenerados, e desgraçadamente incrédulos, apesar de se apresentarem como falsos profetas e falsos cristos, iludindo a muitos. Podem surgir no corpo dos eleitos ou nele penetrarem. Aparecem também na sociedade pagã, materialista, onde se desenvolvem e promovem o desenvolvimento das forças tartáreas do mal, justificadas e defendidas por mentes dominadas pelo pecado.

O anticristo, agindo no mundo, revela-se opositor de Cristo e inimigo de seu povo. Atuando, porém, dentro da Igreja, causa prejuízos incalculáveis e irreparáveis, pois, sendo servo de satanás (2 Ts 2.9), aparece como servo de Cristo ou como espírito de luz (Mt 24.26-36; 7.21-23; 2 Co 11.14; 2 Ts 2.3,4; Ap 13).

Não se deve confundir o criminoso, que cometeu uma perversidade circunstancial ou acidental, com o perverso por natureza, o homem de belial.

O belialismo intensificar-se-á nos últimos dias da presente era (2 Tm 3.1-5). As armas da Igreja são a fé, as Escrituras, a oração e a vigilância.

XXIII - O MAL E A SOBERANIA DE DEUS

“Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas” (Is 45.7 cf Am 3.6; Lm 3.38).

A Realidade do Mal

Todo ser vivente experimenta a duríssima realidade do mal. Não há como negar-lhe a existência e evitar-lhe as conseqüências. A dor e o pranto acompanham-nos do berço ao túmulo. Estão na alcova da parturiente, onde a vida é uma esperança, e no leito do agonizante, o enfermo terminal, onde a morte é uma certeza. Nossa alegrias e gozo sensórios inserem-se, atribuladamente pelas intermitências das aflições, entre o choro do nascimento e o pranto da morte. Como conseqüência da queda, nossos vínculos com Deus interrompem-se, ficamos desprotegidos, entregues a nós mesmos, frágeis por natureza, em conflitos com a ordem criada, com o próximo e com o Criador, sempre sob tentações demoníacas. Não fosse o Príncipe da Paz, nosso Senhor Jesus Cristo, o desespero nos devoraria.

As almas puras e as inteligências lúcidas, por aprenderem e compreenderem melhor as coisas e o mundo em que vivem, sofrem mais que os imbecis e os mentecaptos. Quanto maior a consciência de viver mais inequívoca a assimilação do mal, mais interiorizada a angústia, mais acentuados os sofrimentos.

O Mal e a Soberania de Deus

As Escrituras desconhecem poderes concorrentes, benéficos ou maléficis, ao da Trindade excelsa, Pai, Filho e Espírito Santo. O Deus de Israel e da Igreja não é um dentre vários, é o único: “Para que se saiba do nascente ao poente do sol que além de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro” (Is 45.6). O mal, sem dúvida alguma, é um grande mistério, mas existe por exclusiva permissão do Supremo Criador, e não lhe escapa ao controle. Centraliza-se, segundo o pensamento cristão, no maligno, como o bem consubstancia-se em Deus, estabelecendo um dualismo relativo, não absoluto. O arregimentador das potências do mal, o líder tartáreo, é limitado pelo poder divino, não tendo liberdade de agir livremente (Jó 1.2; 1Co 10.13). Além do mais, sua sentença final já está decretada; sua prisão é questão de tempo conforme o Augusto Juiz (Ap 20.2,3,10; 12.9; Jo 12.31; Lc 10.18; Rm 16.20). Jesus declarou categoricamente que o diabo está julgado (Jo 16.11). Portanto, o maligno e o mal estão sob o controle e supervisão do Soberano Redentor. São ainda atuantes, mas não descontroladamente. Satanás é um inimigo vencido. Sua fragilidade se patenteia em confronto com a onipotência de Deus. Não passa de um derrotado, que resiste ao captor e blasfema contra a autoridade superior competente. É um vencido sem qualquer chance contra o vencedor. A tentação, porém, é sua arma. Tentou o próprio Cristo (Mt 4.1-11) e tenta os eleitos. Como nada pode contra o Filho de Deus, nada poderá contra seus redimidos. Por que um fraco inimigo, limitado pela justiça divina, causa tantos males via tentação? Lembre-se que o chefe de uma quadrilha, preso num presídio de segurança máxima no Rio de Janeiro, comandava, de dentro do cárcere, seus liderados, subservientes marginais, nas mais perversas ações criminosas. Ele atua por meio de seus acólitos, de seus agentes, pessoas que se depravam, tornam-se demoníacos. Todo o mal que se pratica é um desserviço ao Criador e um serviço ao tentador.

Males Diversos

Os males classificam-se em: Naturais, morais, socioeconômicos, e espirituais.

Males Naturais

São de três ordens: Geológicos, meteorológicos e biológicos. Poderíamos acrescentar a esta relação os males cósmicos, resultantes da integração da terra no complexo solar, com influências físicas e químicas sobre o bio-sistema terrestre. As turbulências solares afetam nosso planeta. A sua radiação causa distúrbios na terra, exercendo imensa influência na saúde humana. Os raios solares ferem nossa pele, especialmente a do branco, podendo causa câncer, e tem causado.

XXIV - MALES NATURAIS

Males Geológicos

Os fenômenos geológicos extraordinários tem causado destruição, tragédias e mortes: vulcões, maremotos, terremotos, avalanches; muitos, causadores de hecatombes inomináveis.

A rede fluvial não é equitativamente distribuída. Há regiões alagadas, poucas, e imensuráveis campos desérticos, onde nada vegeta. Os solos férteis são raros. As áreas inférteis são imensas, vastíssimas. Nelas vivem, subnutridos, miseráveis seres humanos destinados à morte prematura pela debilidade orgânica, pela carência do indispensável, pelas doenças epidêmicas. Algumas áreas dotam-se de terrenos pobres em elementos orgânicos, em estrutura e contextura para a exploração agropecuária. Suas superfícies áridas são recuperáveis, de modo geral, mas de utilização onerosa, encarecendo sobremaneira os produtos finais. Enfim, a relação homem-terra é conflitante.

Males Meteorológicos

A freqüente incidência de furacões, tornados, tempestades, granizos, inversões térmicas, precipitações diluvianas, enchentes, neves, geadas, correntes elétricas (raios) fazem numerosas vítimas, provocam danos materiais consideráveis. As diferenças climáticas estacionais causam os sacrifícios das aves migratórias. O homem, não sendo migrador por natureza, adapta-se à rudeza e aos desafios ambientais, mas não sem desconforto e sofrimento. As chaminés industriais, os motores a petróleo, motos-serras em mãos irresponsáveis, o fogo das queimadas, o mercúrio das mineradoras, os complexos químicos e petroquímicos estão danificando a natureza, destruindo a camada de ozônio, asfixiando o planeta, desequilibrando a meteorologia. O mundo está sendo assassinado.

Males Biológicos

A fauna e a flora competem entre si para sobreviver. Uns seres vivos alimentam-se de outros numa guerra predatória sem tréguas. E quando se rompe o equilíbrio da cadeia ecológica, os mais fortes e mais resistentes liquidam os mais fracos. Os seres humanos são os maiores e os mais cruéis predadores do mundo pela quantidade e pela insaciabilidade. O homem mata pelo prazer de matar. Nutre-se da macrovida animal e de vegetais, mas é destruído por microorganismos. Seus inimigos naturais são numerosíssimos, persistentes, vorazes. Os anticorpos e os antibióticos são armas poderosas, mas não definitivas. Micróbios, vírus e bactérias continuam matando.

Vegetação, frutas, sementes e legumes são dizimados por pragas e doenças várias. Os agrotóxicos são meios defensivos e ofensivos de dois gumes: eliminam os destruidores, mas contaminam os produtos, o solo, as águas. Elementos tóxicos e cancerígenos são ingeridos pelo homem em todas as suas refeições e os insetos resistem, criando mecanismos de defesa, enquanto seus inimigos naturais, os pássaros, são exterminados por envenenamento.

As dores da natureza são intensas, “porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22). Os humanos, com a sua inteligência, potência e tecnologia, são impotentes contra os males naturais, os previsíveis ou imprevisíveis sinistros geológicos. A terra não lhes é um paraíso. Do pó procedemos; ao pó retornaremos, depois de muito padecimento físico, psicológico,

moral e espiritual. Os eleitos consolam-se com a esperança da ressurreição para a eternidade consumada em Cristo.

Não se há de atribuir a Satanás os males naturais, a poluição da atmosfera, a contaminação das fontes, dos rios e dos mares.

Viver é lutar.

XXV - MALES SOCIAIS - DEGRADAÇÃO DOS PERVERSOS

“Os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (2 Tm 3.13).

Males Pessoais

Pais alcoólatras, fumantes, toxicômanos e fornicários podem transmitir, e freqüentemente o fazem, indesejáveis heranças fisiológicas, neurológicas e psicológicas aos descendentes. São males físicos e morais que, danificando o organismo, depois de macular a alma, prejudicam os pósteros, colocando na sociedade indivíduos debilitados, frágeis, sem condições de competitividade nos esportes, nas artes, nas ciências, nas profissões qualificadas. Não raro, as pessoas de baixa moralidade reproduzem muito e irresponsavelmente filhos legítimos, ilegítimos e bastardos.

O viciamento quase sempre se liga à fragilidade de caráter, à degeneração da personalidade. Há também pais não viciados, mas moralmente degradados: desonestos, infiéis, mentirosos, inescrupulosos, pornógrafos, violentos, desrespeitadores, hipócritas. Genitores com tais desqualificações, ou com algumas delas, são, na verdade, corruptores de menores, isto é, depravadores dos próprios filhos, que se moldam pelas imagens paterna e materna. Pais imorais: filhos imorais. As exceções confirmam a regra. Pode acontecer, mas não freqüentemente, um filho superar a malignidade doméstica e tornar-se bom. O normal é um lar sadio moral, social e espiritualmente, formar cidadãos honrados, dignos, decentes, e incorruptíveis.

Males Morais Sociais

Os males morais, como já dissemos, nascem nos lares deteriorados, perpetuam-se numa educação apenas informativa, quando não ideologizante, projeta-se na sociedade. Os movimentos contestatórios e libertários, com a necessária reivindicação de direitos, quebram também as estruturas domésticas, os laços conjugais, os fundamentos éticos da velha família, o princípio da autoridade paterna. Direitos e deveres iguais, sim. Negação da autoridade, não. O pai, cabeça do lar, segundo as Escrituras, além de tipificar as relações de Cristo com sua Igreja, é símbolo protótipo das autoridades sob as quais o filho viverá submissamente: o professor, o diretor, o chefe, o patrão, o dirigente, o comandante, o presidente, o juiz. Não há instituições sem líderes; e o lar é a primeira delas, onde a figura do pai na psique do filho prefigura, antecipa e configura o princípio da autoridade, que encontrará na sociedade. Quem não respeita o pai, a ninguém mais respeitará.

Creemos que as fontes originadoras dos males sociais são: o enfraquecimento da família; a exclusão da ética moral e cívica do ensino público e particular; a invasão de

deformações televisivas por meio de humorismos pornográficos; novelas estimulantes da infidelidade conjugal e da prostituição; filmes que veiculam erotismo e violência; a sexolatria e sexomania; a inversão de valores; a tese de que a justiça social significa “tirar dos ricos para dar aos pobres”; a divulgação do ensino “feminista” de que o casamento indissolúvel é escravidão conjugal, alegando que a idealidade consiste na absoluta liberação sexual. Os parâmetros éticos da família, da sociedade e do estado viraram escombros e ruínas sob o impacto do furacão liberalizante. Os valores inverteram-se: a riqueza, o “status” e o prazer são fins últimos da existência, relegando-se à segunda plana o amor, a fé, a justiça, a caridade, a honra, a dignidade, a honestidade, a veracidade, a fidelidade, o caráter, a moral. A venalização do sexo é deprimente. Em nome de “justiça social” ensina-se e se pratica a invasão do alheio, imprimindo na mente do povo humilde o desrespeito ao direito do próximo.

Vivemos uma crise moral sem precedentes.

XXVI - MALES SOCIOECONÔMICOS

Os males socioeconômicos flagelam desgraçadamente o mundo. Suas causas são diversas. Eis algumas delas:

Explosão Demográfica

O aumento vegetativo populacional supera, e muito, a capacidade produtiva das áreas economicamente cultiváveis. E a produção em solos inadequados oneram sobremaneira o produto final, pois requer tecnologia especializada e grandes investimentos. A situação agrava-se cada vez mais, pois os povos carentes, miseráveis mesmo, proliferam farta, desordenada e explosivamente. Quem pode, limita a prole; quem não pode, multiplica-a. Isto levará o mundo, se não houver reversão do quadro, à pobreza generalizada. Os famintos, premidos pela fome, invadirão as áreas, as cidades e os patrimônios ricos, provocando miséria e retrocesso. O processo de ocupação já começou. Levas de migrantes, legal ou clandestinamente, deslocam-se, desesperadas, de tribos, regiões e nações dominadas pela pobreza para outras, onde o capital concentra-se, o mercado de trabalho oferece-se, a dignidade humana viabiliza-se. Exércitos de mendicantes do terceiro mundo tomam de assalto o primeiro. A batalha da pobreza contra a riqueza está em pleno curso. E os deserdados andrajosos, reprodutores fertilíssimos, triunfarão, se a isso se chamará de triunfo, não pela qualidade, mas pela quantidade.

O Agrário e o Urbano

O capital estrangeiro tem sido aplicado na indústria, no comércio, no turismo, no extrativismo, não na agricultura. As migrações empobrecem os locais de origem, retirando trabalhadores, e depauperam as metrópoles, favelando-as. E então a qualidade de vida declina nos campos e nas cidades. Multidões dos que desprezam as zonas rurais ficam desempregados ou exerce subempregos nos centros industriais e comerciais. Muitos mendigam o pão. Alguns se tornam ladrões. A utopia do paraíso urbano atrai os rurícolas e os inferniza depois.

A reforma agrária resolverá o problema, se realizada em forma de cooperativa comodatária. Retalhar a terra em títulos de propriedades comerciáveis, dados a quem não tem tradição rural e nem insumos, é miserabilizar o país. A terra é mais que um bem pessoal, é social, precisa ser explorada economicamente em benefício de todos, dos trabalhadores da terra e de todos os demais. O abastecimento nacional tem de ser levado em conta em qualquer reforma agrária.

Vícios Comerciais

A comercialização contém vícios terríveis. Os monopólios, os oligopólios e os cartéis, verdadeiros impérios comerciais, interferem na lei da oferta e da procura em benefício próprio, penalizando a população. Para a consecução de seus objetivos, retêm produtos e até os elimina, provocando elevação de preços. As supersafras mofam nos armazéns dos poderosos ou ardem nas fogueiras dos insensatos. Para tais criminosos é mais lucro vender um por mil que vender dez. Então, queimam nove, aumentando o preço e, conseqüentemente, o lucro.

Eliminada a concorrência, não há mais mercado livre. O liberalismo econômico na mão dos magnatas, megas empresários, é uma falácia. Necessário se faz acabar com isso para que a liberdade comercial se exerça de fato.

O Jogo

O Brasil virou um cassino estatal. Tira-se de muitos para se dar a poucos. Exploram-se a esperança e a ganância. E os que mais jogam são os desesperançados, os necessitados.

Jogo é pecado, pois o jogador espera a dádiva da “sorte”, quando deveria confiar seu futuro exclusivamente a Deus. Ele, na verdade, deposita sua confiança em Mamom, não em Jesus Cristo. O jogo, portanto, é mal social e espiritual. Fala-se muito na justa distribuição de rendas e, ao mesmo tempo, pelas mãos larápias das loterias e das “raspadinhas” subtraem das massas o dinheiro bem distribuído para concentrá-lo no bolso de alguns, fabricando “milionários” à custa da miséria de milhares. Podem crer: o monopólio, o oligopólio, o cartel, os privilégios estatais, os lobismos e os jogos de azar são os cancros de nossa terra. E os marginalizados? Esses dizimam-se na indigência, acabam numa enfermaria imunda, terminam no olvido de uma cova rasa.

A sociedade é injusta e cruel.

XXVII - MALES ESPIRITUAIS

“Não terás outros deuses diante de mim”.

“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor teu Deus” (Ex 20.3-5ª).

A Idolatria

A idolatria pode ser dividida em teolatria, santolatria, iconolatria e totenlatria.

Teolatria

A teolatria é a adoração de falsos deuses, aos quais se atribuem funções e atributos do Deus verdadeiro como: onisciência, onipotência, onipresença, soberania, criação, governo, preservação. Exemplo: Olorum, “deus supremo” do culto afro-brasileiro.

A teolatria monolátrica, adotada por algumas religiões, por si mesma não é verdadeira. O único Deus de Israel e da Igreja não nasceu da religiosidade idolátrica do homem; veio-lhe por revelação. É um Deus revelado, não por meios estáticos e extrasensoriais, mas dentro do processo histórico e na dura realidade existencial de seu povo. É o Deus que escolhe e elege os seus adoradores; jamais o idealizado e escolhido, segundo as necessidades espirituais e carências sociais e psicológicas de indivíduos ou seitas místicas. O Deus trino não se deixa manipular por ninguém, porque fora dele não existe nenhuma outra pessoa, força ou poder, que se iguale a ele ou lhe seja superior para determinar-lhe os atos e julgar-lhe os feitos. Ele é absolutamente soberano como criador e governador de todas as coisas e salvador de todos os eleitos. É o Deus vivo, que age livremente, obedecendo exclusivamente o conselho de sua vontade, conforme seus eternos propósitos.

As Escrituras revelam, e nós adoramos, um Deus único em três pessoas distintas, mas consensuais, co-iguais, consubstanciais, co-essenciais.

Santolatria

Todos os membros do corpo de Cristo, os da terra e os do céu, são igualmente santos não por méritos próprios, mas pela graça do Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo. Desviar a adoração do Criador para a criatura, viva ou morta, é pecaminosa ofensa ao Redentor. Nenhum homem é auto-suficiente para ser autodeterminante de seu destino e dono do destino alheio. Logo, não deve ser proclamado salvador, e a si mesmo não pode apresentar-se como tal. Há, porém, milhares de pessoas que se curvam devotadamente aos pés de semelhantes seus (Rm 1.25) falsamente beatificados. Um mortal, ao prostrar-se perante outro mortal, desvia sua piedade da causa para o efeito, do espiritual para o temporal, do eterno para o transitório, do divino para o humano, causando males pessoais e coletivos imensos. Seus descendentes, de modo geral, seguem-lhe o exemplo, copiam-lhe a heresia.

Os santos são pessoas salvas por Jesus Cristo, nossos co-irmãos. Não se lhes prestarão cultos (de dulia) nem diretamente, nem por suas imagens; é pecado prescrito no Decálogo.

Iconolatria

Qualquer representação icônica da divindade, dos seres celestes (anjos) ou de pessoas canonizadas, é iconolatria intolerável aos olhos do Senhor (Ex 20.1-5 cf Dt 4.16; Rm 1.24,25). “Deus é espírito, e importa que seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”. Genuflectar-se perante um ídolo é pecado, mesmo que se use o falacioso argumento da “veneração” ou que se diga que se adora o “santo”, por “intenção”, na imagem, que o representa. Adorar a criatura em lugar do Criador é condenável, quer por mentalização, quer por objetivação icônica.

Dizem que o Filho de Deus veio em figura humana e, portanto, pode ser figurado em imagem e estátua. Admitamos que sim, embora não haja representação histórica fidedigna de sua pessoa. O fato, porém, de ele ter-se encarnado não nos autoriza a fazer e a adorar imagens suas. Nem sua “letra” ele não quis deixar, certamente para não converter-se em relíquia, objeto de adoração. Além do mais, ele nos prometeu estar espiritualmente conosco todos os dias, até a consumação dos séculos (Mt 18.20). E mais, o crente regenerado é templo do Espírito Santo, que o ensina, guia e consola, sem qualquer necessidade “ imagem” para “contado com a divindade externa e distante.

Totenlatria

A totenlatria é a baixa iconolatria, a adoração de tótemes. Incluímos na totenlatria a astrologia com seus horóscopos; a crença em objetos, plantas, animais, corpos celestes, símbolos totêmicos e tabus como: ferradura, figa, arruda, gato preto, conchas marinhas, velas, cruces, representações cabalísticas e muitos outros. Podem ser colocados na mesma categoria quando, transformados em ícones de devoção, pais e mães de santo, padroeiras, madroeiros, orixás e axés. Há pessoas, primitivas espiritualmente, que acreditam em tótemes da sorte (trevo de quatro folhas) ou do azar (vela negra). Tomam atitudes totêmicas como: não passar debaixo de escada, não se levantar com o pé esquerdo.

O homem vive em busca de certeza e segurança. Seu infalível apoio é Deus, garantia de estabilidade espiritual no presente por meio da fé e da firme esperança no reino messiânico porvir, bem como pela convicção de que o Espírito Santo habita o salvo, fazendo Cristo presente em seu interior e em sua existência.

“Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele cultuarás” (Mt 4.10b).

XXVIII - O MAL RELIGIOSO

“Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo. Acaso Cristo está dividido?” (1 Co 1.12,13a cf 11.18).

O Fanatismo Sectário

As divisões, filhas do sectarismo, começaram com o primeiro casal, quando a esposa, ouvindo o tentador, colocou em dúvida a autoridade de Deus, desobedecendo-o. O fanatismo religioso, responsável por guerras fratricidas e execuções injustas e desumanas (que o Santo Ofício o diga), introduziu-se na humanidade pelo assassinato de Abel.

Javé, ao ordenar como primeira norma decalogal, “não terás outros deuses diante de mim”, sabia que, quando grupos, tribos ou povos tomam para si deuses particulares exclusivos, projeções e imagens de si mesmos, tornam-se fanáticos, sectários, e procuram, a todo custo, eliminar os deuses concorrentes pela eliminação de seus adoradores. O próprio Israel fanatizou-se, sectarizou-se, ao pensar que Javé era privativo da raça, uma divindade tribal. Por outro lado, sofreu perseguições inacreditáveis por fanáticos de outros credos ou por usurpadores do monoteísmo judaico. A história repete-se em relação aos cristãos, mártires da antropolatria romana,

e aos protestantes, vítimas da contra-reforma, que se tornou assassina pela mão iníqua e crudelíssima da inquisição.

O sectário entende que o deus de sua grei limita-se, privativamente, ao seu grupo, amando os da seita e odiando os demais. Como seguidores de um deus de “gueto”, são intolerantes, facciosos, agressivos; tudo pela “glória” do patrono divino. Para eles, o ódio aos de fora é amor ao deus restrito. O fanatismo leva à irracionalidade; e esta, à crueldade da qual se vangloria o fanático, pois cuida prestar serviços beneméritos ao seu deus. A pior maldade é a que se veste de caridade, a que se camufla de piedade. O fanatismo religioso é pior que o fanatismo político; aquele radicaliza a ideologia, este denigre o nome do Salvador e desvirtua as boas novas da salvação.

O Partidarismo Denominacional

A comunidade de Corinto continha, distintas e conflitantes, quatro igrejinhas sectárias: a de Paulo, a de Cefas, a de Apolo, a de Cristo; uma gentílica, uma judaica, uma grega e uma supostamente cristã, em nada melhor e mais correta que as outras. Todas se supunham firmarem-se numa figura autoritativa, o que lhes dava a convicção de serem, cada uma, autênticas.

As denominações podem ser, e muitas são, benéficas, sem quebrarem a unidade universal da Igreja, se não pretenderem que suas doutrinas denominacionais sejam universais e únicas. Podemos ser desiguais no secundário, no acidental, no contingencial, mas não no prioritário, no fundamental, no essencial. Segundo o espírito calvinista, todos os que professam a fé na Trindade, na ressurreição do corpo, na vida eterna, em Jesus Cristo como Salvador e só Mediador entre Deus e os homens, nas Escrituras sagradas como Palavra de Deus e única regra de fé e norma de conduta, na Igreja como corpo universal e místico de Cristo, são irmãos e devem ser tratados como tais.

Não podemos e não devemos confundir a cristocentricidade da Igreja com a cristolatria sectária de muitas seitas, cada uma apregoando uma divindade denominacional, opondo-a ao de outros grupos, procurando demonstrar que o “Cristo vivo e verdadeiro”, atual e milagreiro, é o que pregam, o que criou “igreja” da qual seus fiéis são membros. O grande e insuperável problema do protestantismo moderno são suas inumeráveis e divergentes facções. Os maiores adversários são os que se dizem irmãos. O câncer da Igreja é a heresia, e esta surge de fetos mal formados na madre eclesiástica. Alguns são abortados; outros vêm à luz e representam ameaças constantes à saúde do corpo eclesial, quando se empenham em enfermar os organismos eclesiásticos sadios próprios e alheios. De tal modo são insidiosos, que difícil é clinicar-lhes a infestação, conseqüenciando cirurgia amputativa de efeitos danosos.

Fiquemos com as advertências de Cristo: “Então se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mt 24.23,24). Micróbios, vírus e bactérias não matam à distância, não agem contra o corpo fora dele: agem quando penetram o organismo, enfermando-o e até o levando a óbito. A Igreja está doente, agonizando, moribunda, por infecção interna causada pela múltiplas contaminações das variadas heresias do neopentecostismo e do espiritualismo transvestido de evangélico.

XXIX - AS OBRAS DA CARNE

“Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (Gl 5.19-21).

O Homem Segundo Paulo

Paulo vê o ser humano, em seu atual estágio pecaminoso, como unidade complexa e composta das seguintes partes integradas:

- **Espírito** ou Alma. Parte que lhe permite perceber e apreender a divindade, ter fé, amor agápico e esperança. É a que o distingue dos demais seres vivos, sobretudo pela racionalidade, pela piedade e pela sentimentalidade. Se o termo “alma” é tomado como sinônimo de respiração ou existência biofísica, conclui-se que todos os viventes naturais possuem alma neste sentido específico. Não é o caso do ser humano, cuja “nephesh” lhe foi, originalmente, instilada por Deus.
- **Corpo** (soma). O organismo humano em seu aspecto global, conjuntural, meio de expressão da alma (psichê), que diferencia e personaliza cada indivíduo, dotando-o de qualidades e virtudes características. Enfim, o corpo vivo é o homem psicossomático.
- **Carne** (sarx). São as tendências pecaminosas do homem procedentes de seu corpo, manifestas pelos sentidos e pela mente. Na carne alojam-se as depravações moral e espiritual. O carnal (sarkikós), tanto quanto o espiritual (pneumatikós), residem no corpo e por ele se manifestam. No homem natural prevalece o carnal; no regenerado, o espiritual. Este produz os frutos do Espírito; aquele, as obras da carne.

Obras da Carne

O servo de Deus é templo da Terceira Pessoa Trinitária, que produz nele os frutos do Espírito. O homem natural é agente das obras da carne, agrupadas por Paulo em quatro categorias:

- **Pecados Sexuais:**

“**Pornéia**”, prostituição, depravação da alma pela depravação do corpo, animalismo sexual.

“**Akatharsia**”, prostituição mental, desejos impuros, erotização da psique, domínio do sensual sobre o racional.

- **Pecados Espirituais:**

“**Eidolatria**”, idolatria, adoração de falsos deuses concretos ou fictícios.

“**Farmakéia**”, feitiçaria, bruxaria, perversão do culto verdadeiro, materialização litúrgica, carnalização do sagrado, profanação do altar do Espírito.

- **Pecados Morais:**

“**Echthra**”, inimizade permanente, conservada no coração, incorporada à cultura. Exemplo: inimizade entre judeus e gentios, israelitas e palestinos. Toda inimizade enraizada, preservada na mente, é “Echthra”. Exemplo: anti-semitismo alemão, nos tempos da segunda guerra mundial.

“**Eris**”, porfias, estado invejoso, ambicioso e contencioso de quem, manifesta ou secretamente, não suporta o triunfo alheio. Quem se destaca, sobretudo na área competitiva, considera-se adversário e deve ser retirado como “limpeza de caminho”.

“**Zelos**”, ciúme, amor radical ou paixão possessiva; apego ao “eu” e ao “meu” de maneira passional. Esse “meu” pode ser tanto o “meu consorte” como o “meu cargo”, o “meu posto.”

“**Fthonos**”, desejo incontrolável de apropriar-se daquilo que pertence ao próximo, de estar em seu lugar, de ser o que ele é. O ciúme pode ter aspecto positivo, quando protetor, no sentido de zelo (zelos), mas “Fthonos” é sempre negativo.

“**Thymos**”, ira cultivada, rancor contra o irmão, o próximo, uma antipatia extremada, uma aversão inflexível, rejeição implacável.

“**Eritheia**”, formação de “panelinha”, de grupos contestatórios, de facções, com objetivos inconfessáveis ou cismáticos, quebrando a unidade do corpo.

“**Dichostasia**”, dissensões, partidarização da Igreja, como aconteceu em Corinto. Pessoas que se “realizam”, contra Cristo, fazendo-se “centro” de atenções, influenciando fiéis, conseguindo seguidores.

“**Hairesis**”, heresias, penetração de doutrinas contrárias à fé da Igreja.

- **Pecados Sociais:**

“**Methe**”, bebedices, o recurso degradante de fuga ou a busca de prazeres por meio de estímulos alcoólicos. A bebida fazia parte dos cultos bacantes e dionisíacos, causando a “manifestação dos deuses” e intenso gozo “espiritual” (cf Ef 5.18; Ap 17.2).

“**Komos**”, orgias nas festas glutônicas e gastrolátricas (cf 1Co 11.21,22).

O irregenerado, embora dentro da Igreja, produz as obras da carne. Os eleitos não podem imitá-lo. Quem o fizer, sujeita-se à disciplina de Deus.

XXX - O MALIGNO

“Ora, se Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para o juízo” (1 Pe 2.4).

Visão Bíblica

As Escrituras não se preocupam com a origem de Satanás, mas nos mostra com absoluta clareza a sua existência, sua personalidade e suas obras; falam de sua queda, envolvendo seus liderados; mencionam seu pecado juntamente com os seus seguidores angélicos, transformados em demônios; indicam, por outro lado, que tais rebeldes sofreram pesadíssimo castigo, ficando à disposição do supremo juiz até o julgamento final (Jd 6 cf 1Pe 2.4; Ap 2.10)

O Maligno e seus Malignos

O maligno, catequista infernal eficiente, tem milhares de prosélitos neste mundo; todos partícipes de seu reino e destinados ao mesmo juízo: “Então o Rei (Jesus Cristo) dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos” (Mt 25.41). O paralelo entre um anjo demoníaco sob o comando de Lúcifer, na ordem espiritual, e

um ser humano maléfico é tão grande que falar de um é referir-se ao outro. Isaías, ao descrever a derrota do rei babilônico, um crudelíssimo déspota, vencido pelos medos conforme decisão de Javé, utiliza-se, em monumental poema, de imagens aplicáveis à queda de Satanás: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Que dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo (Elion). Contudo, será precipitado para o reino dos mortos (sheol), no mais profundo do abismo” (Is 14.12-15). Quadro semelhante pinta Ezequiel, ao profetizar contra o rei de Tiro: “Tu eras querubim da guarda, ungido, e ti estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andava. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei profanado fora do monte de Deus, e te farei perecer, ó querubim, em meio ao brilho das pedras” (Ez 28.14-16 cf 14.11-19). O que se diz, portanto, da destruição dos déspotas, dos tiranos, equívale ao que aconteceu ao Demônio, pois homens demasiadamente pervertidos, irrecuperáveis, multiplicadores de iniquidades, assemelham-se a satanás. Satanás foi exaltado; abusou de sua exaltação, pretendendo igualar-se ao Criador. O resultado foi a queda, e a consequência, o juízo de Deus.

Queda de Anjos e Homens

Homens e anjos são vítimas da queda; estes antes, aqueles depois. Nem todos os anjos caíram. Todos os homens caíram, mas nem todos são réprobos. Os eleitos em Cristo assemelham-se aos anjos fiéis, também eleitos. Os réprobos, com os rebeldes, os luciféricos, que participam dos mesmos vícios com os mesmos objetivos: A negação de Deus e a afirmação do “eu”. Desenvolvem e aperfeiçoam a mentira, a falsidade, a desonestidade, a infidelidade, o ateísmo, a idolatria, a egolatria, o materialismo. No outro extremo ficam os que se identificam com Jesus Cristo, tornam-se “um” nele. Os de Cristo estão com a verdade; os do maligno, com a mentira (Jo 8.44), sendo pecadores e irremissos (1Jo 3.8-10).

Paulo refere-se a “anjos eleitos”, os que se mantiveram no estado original, não cedendo às tentações de Satanás e seus demônios (1 Tm 5.21). O depravado na ordem celeste, o príncipe do mal, introduziu o pecado, via tentação, na humanidade (2 Co 11.3; Ap 12.9; 20.2 cf Gn 3.4,14). A “serpente”, porém, foi derrotada pelo Cordeiro.

O maléfico procede do maligno, que não é personalização psicológica ou mítica do satânico, mas um ser pessoal. Sua existência é real, mas seu poder é limitado por Deus (Jó 1.12; 1 Co 10.13; Lc 22.31; Mc 5. 7-13). O mesmo Deus que permite que sejamos tentados, fortalece-nos contra os poderes demoníacos (Ef 4.26,27; 6.11; Tg 4.7; 1Pe 5.8,9).

Satanás é um vencido convencido, teimoso, obstinado. Milita, incansavelmente, contra os eleitos de Deus, coletiva e individualmente, procurando destruir a Igreja do Cordeiro. Para consecução de seus objetivos, usa pessoas de dentro e de fora. Os fracos caem; os fortes resistem; os eleitos permanecem.

XXXI - O PODER DO MALIGNO

“Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios” (2 Co 2.11).

O Inimigo na Velha Dispensação

O diabo esteve presente nas origens. Tentou com êxito o primeiro casal, explorando a vaidade e o egoísmo do homem, negando a autoridade e a honestidade do Criador. Ao optar pela materialidade e imediatismo das propostas satânicas, nosso ancestral, Adão, quebrou o mandamento do pacto de obras, rompeu relações consorciais com o Pai, entregou-se ao seu próprio destino, tornou-se egoísta, falsamente auto-suficiente, distorceu consideravelmente a “imago Dei” pela depravação do “ego”, caindo num estado de propensão irremediável para o mal. Aquele que foi criado para viver eternamente com Deus, preferiu abandoná-lo para conviver com o “padrasto”, o que só lhe deseja a desgraça. A perversidade do tentador é enorme, mas a do homem não é menos cruel.

A infidelidade não se justifica numa situação de responsabilidade privilegiada como a do homem primevo.

O Inimigo na Nova Dispensação

O ministério efetivo de Cristo iniciou-se no batismo. Sem intervalo e sem tréguas começou a tentação, não num paraíso, mas no deserto inóspito (Mt 4.1-11). O castíssimo Cordeiro não se deixa vencer, vence. Sua missão é destruir as obras do Diabo (1Jo 3.8), o que está fazendo sistematicamente. O príncipe dos demônios, usurpando direitos do Criador, dizia-se dono do mundo (Mt 4.8,9) e merecedor de culto como o deus do secular (Mt 4.9,10). Quando Pedro fez a mais extraordinária das declarações confessionais (Mt 16.16), Satanás pretendeu transformar a boca que confessa na que nega a divindade de Cristo, objetivando impedir a obra messiânica (Mt 16.22,23).

O Inimigo Submisso

Soberano sobre tudo e sobre todos, somente Deus. O Demônio lhe é submisso e até, eventualmente, útil. Exemplos de utilização e submissão no Velho Testamento:

- a- Deus suscita um espírito maligno (espírito de aversão) contra Abimeleque e os siquemitas (Jz 9.23).
- b- Javé enviou um espírito perverso para atormentar Saul (1Sm 16.14,15; 18.10; 19.9).
- c- Micaías, o profeta, teve a visão de uma reunião celeste na qual um anjo mentiroso (demônio) ofereceu-se a Deus para fazer os profetas de Zedequias proferirem vaticínios falsos, enganando o rei. E tal função lhe foi concedida, e ele a cumpriu (1 Rs 22.19-23).
- d- O livro de Jó narra duas audiências de Satanás com Javé no panteon supremo dos céus, onde ele aparece intrometido no meio dos “filhos de Deus”, com o objetivo de obter autorização divina para tentar o crente Jó. E obteve (Jó 1.6-11 e 2.1-7). Argumentos do tentador: -Ele é crente porque é rico. Então, tirou-lhe as riquezas e até os filhos; e ele continuou fiel- Ele é fiel porque tem saúde. Tirou-lhe a saúde; mas sua

fé permaneceu. O redimido, por ser propriedade de Deus, é imbatível pelas forças do mal, embora seja persistentemente atacado.

A sujeição satânica no Novo Testamento:

a- Os espíritos imundos do endemoniado de Gedara reconheceram a messianidade de Cristo e submeteram-se-lhe à autoridade (Mc 5.1-20).

b- O Diabo pediu a Cristo para joguetear com Pedro. Cristo permitiu, mas intercedeu por ele para que sua redenção fosse preservada (Lc 22.31,32).

O poder do Diabo é relativo, pois nada pode realizar sem a permissão de Deus. Tenta o salvo, mas não além de seus limites de resistência (1 Co 10.13). O regenerado passou da ordem natural, adâmica, para a espiritual em Cristo Jesus (1 Co 15.45-49). Com a nova natureza, o eleito resiste ao Diabo e ele foge (Tg 4.7; 1Pe 5.8-11,13,16 cf Ef 6.10-18). Possessão demoníaca no redimido? - Impossível. Ele é templo do Espírito Santo, propriedade exclusiva de Deus (2Ts 3.3; 1Co 6.19; 1Pe 2.9).

Tentado sempre; possesso, jamais. Nenhum poder o demônio tem sobre o regenerado, filho de Deus, protegido do Pai.

XXXII - O INIMIGO

“Donde vem, pois, o joio? - Ele, porém, lhes respondeu: Um Inimigo fez isso” (Mt 13.27,28). Esse inimigo é o Diabo (Mt 13.39).

Ele Introduziu o Pecado no Mundo

Deus criou o homem, ser inteligente, para relacionar-se bem com Ele e com os semelhantes. Deu-lhe ampla liberdade. Concedeu-lhe regalias e privilégios, mas também deveres e responsabilidade. Introduziu no mesmo jardim os direitos do Criador e da criatura por meio de um mandamento simples, mas incisivo: Não comer da “árvore do conhecimento do bem e do mal”. A quebra de tal prescrição redundaria em conseqüência penal extrema, a morte. O maligno, no entanto, intrometeu-se entre Deus e o homem e entre este e seu próximo, conturbando a ordem criada. E como o inimigo fez isso? Introduzindo outra palavra que não a de Deus (Gn 3.1-5). Somente o Criador era ouvido, respeitado, obedecido. Representava a única palavra norteadora da vida e do comportamento do casal primevo. O Diabo, contudo, interferiu, propondo a opção satânica de suas contra-ordens mais “liberais” e mais “humanas”. Torcendo a Palavra de Deus. Ele “afirmou” à mulher que Deus lhe havia ordenado não comer o fruto de nenhuma árvore (Gn 3.1), quando o Pai celeste ordenara que somente o de uma não se deveria comer (Gn 2.16,17). Fazer a boca de Deus pronunciar inverdades e absurdos, eis a primeira astúcia do tentador. Os diabólicos discípulos continuam-lhe a obra, negando, igualmente, a veracidade da Palavra divina.

Deus disse: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). O Diabo negou: “É certo que não morreréis” (Gn 3.6): O primeiro casal, trocando a voz de Deus pela do Diabo, comeu. Resultado: quebrou o pacto, morreu.

Até hoje os diabólogos, alguns disfarçados de teólogos, colocam em dúvida a Palavra de Deus, rejeitando a autenticidade das Escrituras Sagradas, apegando-se ao temporal, ao material e ao transitório. Tudo para o presente, nada para o transcendente, para o eterno, para o espiritual. Entendem que a lógica e a razão humana são mães

exclusivas das verdades, que provêm do cérebro, não vêm do céu. Isso tem levado os homens à negação do Salvador, da salvação, da encarnação do Verbo. A religião nasce, dizem, do desejo de transcendência, do fascínio do desconhecido, do temor da morte, da esperança de uma vida eterna melhor do que esta, sem carências e sem sofrimentos.

Obras do tentador e das tentações:

Atribuir maldade aos puros e benéficos atos de Deus. O Diabo induziu a mente humana a crer que Deus tem “segundas intenções” em suas ordenanças: a de limitar a liberdade humana; a de impedir ao homem a evolução cultural e espiritual; a de restringir-lhe o conhecimento e a sabedoria; a de submetê-lo à estagnação e à submissão; a de retirar-lhe o inalienável direito de opção soberana e livre entre o bem e o mal, o certo e o errado; a de impor restrições à santificação, não permitindo que a criatura beatifique-se e se nivele ao Criador (Gn 3.5).

Suscitar a compiscência. O homem, estimulado e induzido pelo maligno, desvirtuou a vida sensória, passando a enxergar na “árvore do conhecimento do bem e do mal”, isto é, no complexo da criação, fontes de auto-realização e gozo pela compiscência dos olhos, da carne, e pela soberba da vida (Gn 3.3,6). A natureza resume-se em bens de prazer e conforto, pensam. Para os materialistas imediatistas, o que não é fonte de prazer, não pode ser divino.

Gerar a transferência de culpa. O homem foi levado, pela tentação, do teocentrismo ao antropocentrismo; da dignidade à indignidade; do altruísmo ao egoísmo; da sinceridade à hipocrisia. Nesse estado psicológico acovarda-se, esconde-se de Deus, oculta seus erros, falhas e delitos, homizia-se no seu ego para transferir as suas culpas ora para Deus, ora para o Diabo e as tentações, ora para o próximo (Gn 3.11-13). O mecanismo de transferência de culpa não deixa lugar ao arrependimento psicologicamente honesto.

Os resultados da desobediência, além da morte, foram: Rompimento das relações primárias e estreitas com Deus; conflitos entre o homem e seus semelhantes; entre a criatura e a natureza; entre a consciência do bem e o impulso ao mal; entre o espiritual, que permanece inibido, e o carnal, extremamente impulsivo e humanamente indomável.

“O inimigo fez isso”.

XXXIII - IMITAÇÃO SATÂNICA

“E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.”
(2 Co 11.14).

O Perigo da Imitação

“Cuidado com as imitações!” - Esta advertência chega-nos diariamente por todas as vias de comunicação. Ainda assim somos frequentemente tapeados; “compramos gatos por lebres”. O produto falso tem o rótulo, o continente, a coloração, o cheiro e a aparência do verdadeiro; apresenta-se em maior oferta e com um preço inferior, “competitivo”. Além disso, dele se faz intensa e convincente propaganda. Valendo-se da preferência popular, do baixo poder aquisitivo das massas, de um povo

facilmente ludibriável, o falsificador coloca seus produtos ineficientes e até prejudiciais na casa dos consumidores. Menos valor; mais propaganda. Menos nobre; mais popular.

Vi, outro dia, um caixa de supermercado mirar contra a luz uma cédula monetária. A praça estava abarrotada de notas falsas, inundada por falsificadores e seus agentes. Perante a revelação de falsidade, ou autenticidade, revelada pela transparência em confronto com a iluminação intensa, pensei: nenhum hipócrita prevalece na presença de Jesus Cristo, nenhum falsário oculta-se, confrontado com a luz direta e reveladora do filho de Deus. Somente sobre o brilho diáfano do Messias e da inspirada Palavra de Deus é que a verdade se revela por inteiro e a falsidade se descobre e se destrói.

Imitação Religiosa

No campo religioso as enganações avolumam-se, inclusive com o apelo de profecias, prodígios e exorcismos. Os enganadores são numerosos hoje como foram muitos no passado. Jesus nos preveniu: “Muitos naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7.21-23). Os milagreiros, oferecendo duvidosos milagres, conseguem, geralmente, o “prodígio” da popularidade e o “milagre” monetário. As multidões, na esperança de conquistarem benefícios materiais imediatos, enchem os cofres dos anticristos ao mesmo tempo em que se esvaziam da verdadeira fé. Toda a falsidade espiritual é obra satânica. O arquiniimigo de Deus e de nossas almas é um tapeador eficiente e persistente, um transmutante hábil, que se disfarça em “anjo de luz” na tentativa de ludibriar a humanidade para desfazer a obra redentora de Cristo. É hora, como outrora foi, de atentarmos para a advertência de Cristo: “Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores” (Mt 7.15). “Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mt 24.23,24).

Métodos Satânicos

Satanás é um falsário habilíssimo. Vale-se de três métodos, caros aos cristãos, para implantar seu pérfido reino por meio de panacéias espirituais:

a) profissão de fé cristã. Finge-se, por seus súditos, de “crente verdadeiro” e, por eles, penetra a igreja, assume cargos e posições, usurpa seu ministério, alicia adeptos, impressiona, centraliza atenções, impõe-se pelo emprego de princípios corretos com intenções e alvos diabólicos.

b) Biblicismo. Suas declarações malélicas e heréticas são “vestidas” com reluzente indumentária bíblica. Textos bíblicos são citados abundantemente, mas fora de contexto. Até para Cristo, o Verbo, o Diabo teve a ousadia de reportar-se às Escrituras (Mt 4.1-11).

c) Carismatismo. Seus ministros utilizam-se do engodo carismático para impressionarem as pessoas incautas e ludibriarem as almas crédulas. “Profetizam”, “curam”, “operam milagres” e “expulsam demônios” em nome de Jesus (Mt 7.22),

induzindo milhares a crerem que são “profetas verdadeiros” e estão com a verdade bíblica. O taumaturgismo, as virtudes divinatórias, a miraculosidade e o exorcismo fascinam as massas por lhes darem a sensação de se confrontarem com os mistérios do além, estarem em contato com o autêntico poder divino e beneficiarem-se com as graças imediatas procedentes do mundo celeste.

Cautela e oração, irmãos! A besta apocalíptica manifestar-se-á com extraordinários prodígios, atraindo e enganando multidões (Ap 13.13). Satanás disfarça-se de anjo de luz (2 Co 11.14) para ludibriar os incautos e colocar o joio no meio do trigo.

XXXIV - O ORGULHO RELIGIOSO

“O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano” (Lc 18.11).

O orgulho, em si mesmo, já é desagregador da personalidade e de conseqüências perversas ao semelhante. O religioso tem efeitos mil vezes piores. Jesus propôs a parábola do fariseu e do publicano para ressaltar o perigo da autoconfiança em matéria de fé, da soberba farisaica e também a necessidade do arrependimento sincero dos que realmente se prostram, humilhados, aos pés do Redentor. O quadro pinta a situação dos que “confiam em si mesmos por si considerarem justos, e desprezam os outros” (cf Lc 18.9). O fariseu exibía uma religiosidade pública ostentatória. Comprazia-se em orar em pé nas sinagogas para ser visto, notado e admirado pelos leigos. Trazia, rotuladas nas vestes, no semblante, na retórica pia, na consagração e na santidade inexistentes um externalismo falacioso, hipócrita. A sua religião de direito encobria um ateísmo de fato.

O fariseu da parábola não se humilhava, expondo o real estado de sua alma perante o supremo Salvador; pelo contrário, sua postura era de um arrogante e pretensioso líder religioso, um superestimador de seu “ego” enganosamente beatífico. Orgulhoso, expunha, em oração vazia de honestidade, suas “virtudes espirituais” autojustificativas, contando com as “certas recompensas” dos céus. Deus, porém, não mercantiliza a graça, não venaliza o perdão, não contempla com beneplácitos divinos as aparências. Os que se abrasoam de seus méritos, supostos ou verdadeiros, isolam-se de Deus e dos irmãos e terminam por agravar e até eliminar as relações com Cristo, caminho único da salvação. O fariseu, no seu entendimento ufânico, julgava-se melhor do que o publicano a quem Javé, o Deus de Israel, não podia perdoar, pois se tratava de um renegado sujo, irredimível: “Nem ainda como este publicano”.

O fariseu, a vista do povo, apresentava-se como um virtuoso moral e espiritual. Moral: Não roubava, não praticava injustiças, não adulterava. Exercitava, portanto, uma ética condizente com as determinações doutrinárias do credo judaico. Tratava-se, sem dúvida, de um homem moralmente correto e externamente um bom religioso: Jejuava três vezes por semana, o que era um sacrifício imenso; orava costumeiramente, como faziam os fariseus, às nove horas da manhã, ao meio dia e às três horas da tarde; dava meticulosamente o dízimo. Eis aí uma pessoa inatacável em ambas as dimensões da vida, a religiosa e a secular. Contudo, não estava salva, pois se

comportava com o objetivo de “merecer” o Reino de Deus, salvando-se a si mesma. Não passava, para Jesus, de um presunçoso, um pretensioso.

O publicano. Esse nada tinha a alegar a seu favor, mas tudo a confessar contritamente. Humilhava-se sob o insuportável fardo de seus deméritos, sob o peso de suas culpas e de seus pecados. Contava apenas com a infinita misericórdia de Deus. Não ousava nem levantar os olhos. “Batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador”. O original é mais enfático: “A mim, o pecador” (μοι τω αμαρτωλω). Não se comparava, para consolação ou justificação, com outros “piores” do que ele. Entrou no quarto interior de seu ser, fechou a porta, isolou-se do mundo e de suas vaidades, estabeleceu o mais íntimo e o mais profundo colóquio com o Salvador. E foi ouvido e atendido.

Santidade sem humildade e sem amor não existe. O fariseu praticava atos morais e religiosos corretos, mas com espírito exaltado, auto-suficiente, vaidoso. Não servia a Deus, servia-se a si mesmo. Aguardava “reconhecimento,” como resposta lógica, natural, dos seus alegados valores; vivia na expectativa de uma salvação, que viria como prêmio às suas boas obras piedosas e morais.

“A Bíblia ensina que o orgulho engana o coração (Jr 49.16), endurece a mente (Dn 5.20), traz contendas (Pv 13.10), cinge como um colar (Sl 73.6) e leva os homens à destruição” (G. B. Stanton em “Orgulho”, Enc. da Ig. Cristã).

A regeneração mata o orgulho, ressalta a humildade, cria a igualdade entre os irmãos, estabelece a comunhão com Deus.

XXXV - A DESONESTIDADE

“Não Furtarás” (Ex 20.15).

O oitavo mandamento da Lei de Deus é incondicional, irrestrito, abrangente. Desobedece a Deus e quebra o pacto tanto o que rouba um automóvel como o que furta uma laranja no quintal do vizinho. Não é o valor do objeto roubado que determina o grau da culpa, mas a disposição interna de uma consciência corrompida, pecaminosa. Furtar, para os tribunais humanos, é “crime”; para Deus, é “pecado”. São coisas diferentes por natureza, embora semelhantes na manifestação. Quem furta não apenas lesa o próximo, também desrespeita o Criador e fere a aliança. A vontade divina é que cada crente coma o seu pão com o suor de seu rosto; administre o que é de Deus com honestidade, não como fez Adão; entregue o seu dízimo com fidelidade; seja fiel no trato com as coisas públicas ou alheias sob sua responsabilidade administrativa; não malbarate o tempo no trabalho, se empregado; não pague salário injusto ao trabalhador, se empregador; não gaste o dinheiro, bem comunitário da família, em coisas fúteis e em vícios; não dissipe os seus bens para sustentar-lhe o orgulho, a vaidade, a concupiscência; não adultere produtos para obter lucros; não oculte defeito de suas mercadorias; não faça propaganda enganosa e nem use rótulos falsos; não minta comercialmente ou de qualquer maneira. Lembre-se que todas as suas atividades são norteadas pelo compromisso pactual, que você tem com Deus em Jesus Cristo. Um operário sinceramente cristão vale mais, infinitamente mais, para Deus que um empresário ateu, corrupto, desumano. Aquele que serve com dedicação ao próximo e à sociedade, ao Senhor do mundo e da história tributa glória, diaconia e honra. A preguiça é uma forma desleal de viver, de fugir à responsabilidade. Deus não

tolera a malandragem, a ociosidade; “Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; considera os seus caminhos e sê sábio. Não tendo chefe, nem oficial, nem comandante, no estio prepara o seu pão, na seca ajunta o seu mantimento” (Pv 6.6-8 cf 13,4).

A Maligna Suavidade do Furto

Muitas pessoas não toleram o “batedor de carteira”, o “trombada”, o assaltante, o arrombador, mas furtam com naturalidade para auferir rendimentos comerciais, aumentando demasiadamente os preços, cobrando juros extorcivos, tendo rendimentos abusivos. Mentir para vender é tão pecaminoso como assaltar.

A Pobreza Não Faz o Ladrão

O sadio princípio moral de meus tempos de menino: “pedir, se necessário, roubar, nunca”, desapareceu. Depois que se começou ensinar pelas cátedras e pelos palanques que a miséria é exclusivamente um mal da sociedade capitalista na qual o indivíduo é apenas vítima indefesa, o ócio e a malandrice ficaram “justificados” e o brio pessoal do pobre na luta pela vida extremamente prejudicado, desestimulado. A pobreza é condição, que pode ser modificada exatamente no sistema capitalista. Sempre há oportunidades para lutadores, para os idealistas. Quantos pobres ontem, que são ricos hoje; quantos pobres hoje que serão ricos amanhã; quantos analfabetos pobres, que se tornam intelectuais.

Vivemos uma sociedade de intenso clamor por direitos, sem a contraparte equilibrante dos deveres, das obrigações, da dignidade, da moralidade, da honra. Dizia-se outrora: “Sou pobre, mas não ladrão”. Agora se diz: “Sou ladrão porque sou pobre”. A ânsia do “ter” elimina a ética do “ser”. A filosofia do trabalho para a produção cedeu lugar a da batalha para a invasão, para a ocupação do patrimônio particular e estatal, até em nome de Deus pelas “pastorais” dos “sem terra” e dos “sem teto”.

A extrema pobreza pode levar o homem à mendicância, mas não faz dele, necessariamente, um ladrão. Lázaro era um mendigo, mas servo de Deus. O rico um deserdado da Graça.

A desonestidade é diabólica; não pode estar no coração do regenerado. O ganancioso é um degenerado; o cobiçoso, um perverso; o ladrão, um agente demoníaco. Em tudo o evangélico tem de ser honesto.

XXXVI - MAL PSICOLÓGICO

“Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28).

Problemas na Geração e na Formação

Os problemas psicológicos e fisiológicos do indivíduo, muitos deles, têm origem nos ancestrais, prioritariamente nos pais de quem herda a carga genética e de quem recebe heranças biopsíquicas positivas e negativas. Semelhante reproduz semelhante. Casais sadios, normalmente, geram filhos sadios. Fatores externos, porém,

podem interferir, e de fato interferem, tanto desejável quanto indesejavelmente. Interferências prejudiciais: a) Fragilização orgânica dos genitores por má alimentação e até carências alimentares, sobretudo durante a gravidez. A fome tem sido responsável por gerações de seres humanos débeis, incapazes de competir vantajosamente no mercado de trabalho qualificado, nas artes, nos esportes, na cultura. b) Depauperação, por corrupção, dos pais no viciamento por drogas, bebidas alcoólicas, tabagismo e promiscuidade sexual, consequenciando o aparecimento de sífilíticos, mentecaptos e aidéticos. c) A poluição física e química, agrotóxicos, biotóxicos, gases poluidores diversos, radioatividade de explosões atômicas e usinas nucleares, metais pesados. Contamina-se tudo: A terra, o ar, o mar, a atmosfera. As primeiras deformações genéticas já aparecem. Estamos diante de iminente tragédia. d) Filhos indesejados quando não assassinados em abortos crudelíssimos, verdadeiros infanticídios, são abandonados na rua, atirados ao lixo. “Mais felizes” são os rejeitados nas maternidades. Filhos do desamor: filhos da dor. e) Mães e filhos de rua. Os grandes centros urbanos caminham para a terceira geração de “filhos da rua”. Meninas de dez anos concebem e dão à luz ao abrigo de pontes e viadutos, na mais absoluta miséria econômica, moral e social. Tais crianças são índias da “selva de pedra”: sem princípios, sem regras, sem métodos, sem hábitos, sem costumes éticos, sociais, morais, higiênicos, culturais. Em outras palavras, não possuem quaisquer limites. Sofrem e causam sofrimentos. São marginais que reproduzem marginais e deficientes mentais e físicos. f) Filhos reprimidos. A pobreza financeira e a miséria moral aliadas aos desajustamentos psíquicos provocam descontrole e irritabilidade nos pais, que descarregam nos filhos os seus tormentos interiores, castigando-os, surrando-os, espancando-os. O corpo recebe os maus tratos; a psique retém as conseqüências. Muitos infantes vítimas evadem-se, engrossando a população de rua, onde evitam os espancamentos domésticos, mas não os de seus repressores. As causas malélicas referidas, e outras, perpetuam-se e se agravam. Pobre gente! Mísero país! É o terceiro mundo gemendo sob pauperismo degradante, aviltante.

Males Psicológicos

O enfraquecimento da família como núcleo básico de formação; a massificação dos indivíduos; o lar servindo apenas, quando serve, de dormitório do casal; a perda da dimensão consensual dos cônjuges, da autoridade paterna, da indissolubilidade do casamento; a ausência da religiosidade e de princípios éticos na família e na escola; filhos gerados, mas não criados e educados pelos pais; a robotização, por meio da cibernética, do ser humano, que se transforma em “fichas”, “códigos” e “números”, e cujo o valor se mede pela produção; a automatização do organismo por hábitos sistematicamente cronometrados; a mecanização das funções, transformando os atos humanos em meros reflexos inconscientes; o consumismo desenfreado; o frenesi diário; o massacre dos transportes coletivos; a preocupação com o futuro, cada vez mais incerto; o temor constante de furtos, roubos e assaltos; o peso da família desorganizada; a ausência do carinho sincero, do amor verdadeiro, do companheirismo sem mácula; as frustrações deprimentes nas diversas áreas da vida; os ideais não consumados; os malogros constantes; tudo forma uma síndrome causal de psiquismo maleficiente adquirido: Complexos, recalques, depressões, disforia, psicopatias, psiquialgias, ansiedade, fobias mórbidas, neurastenia maníaco-depressiva, aversões irreprímíveis, agressividade, psicose, estafa, degeneração da personalidade e do caráter. Fuga: Drogas, vícios diversos, sexualismo incontrolado, medicamentos

psicolépticos. Muitos não resistem: Alguns se depravam nos vícios, outros ficam dependentes de psicotrópicos, significativo número chega ao suicídio. A vida moderna é cada vez mais agredida e traumatizada.

XXXVII - O MAL BIOGENÉTICO

“Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (Jo 9.1-3).

Metempsicose

Não há na pergunta, e muito menos na resposta, a idéia helênica da transmigração da alma. As Escrituras não ensinam, e ainda rejeitam, tal doutrina, pois, “aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo” (Hb 9.27). Ressurreição sim; reencarnação, jamais (ver 1Co 15.12-58 cf 1Ts 4.13-18; 5.1-3).

A antropologia grega ensinava que a matéria é imunda, e o espírito é puro, e que o corpo é prisão da alma; a morte, a sua libertação. A aplicação religiosa destes conceitos resultou na tese da metempsicose e no ensino de que o corpo não passa de instrumento purgatorial da alma. Nesse caso, o pensamento grego sofreu inversão. A impureza passou para a alma, que a carrega de um corpo para o outro em sucessivas reencarnações. Absurdo!

Sofrimentos Glorificantes

Os sofrimentos do cego de nascença, afirma Jesus, aconteceu para a glória de Deus, pois serviu para ilustrar, ao vivo, que Cristo é a luz do mundo. Pode-se afirmar que o Criador foi glorificado na “cura”, não na cegueira. É verdade; no entanto, Paulo não foi “curado”, e Deus se exaltou por sua doença (2 Co 12.7,8). Outros padecimentos do apóstolo dos gentios (2 Co 4.16-18; 11.23-30); todos para que Deus fosse exaltado, não castigos penitenciais. Os que se inserem nas dores do Cordeiro, sofrem com ele, por ele, mas, são bem-aventurados (1 Pe 4.12,13,16,19). Os que trabalham e batalham no Reino de Cristo, padecem perseguições satânicas. São conseqüências das guerras contra as terríveis forças maléficas, contra o pecado.

Os adeptos da metempsicose, em razão de sustentarem a corporalização como exclusivo meio de penalização de pecados da vida pregressa, dizem que o inferno é aqui mesmo, sendo cada criatura humana perversa um diabo das outras, e, em vidas posteriores, terão seus próprios “benditos” demônios, sem os quais não quitariam seus débitos. Pergunta-se: O carrasco pode ser condenado pela vítima que executa? E os males congênitos, as doenças hereditariamente transmissíveis, as endemias epidêmicas, a mortalidade infantil causada pela pobreza, as carnificinas bélicas, os acidentes ecológicos e geológicos que sacrificam milhares? Somente o Senhor da história conhece os mistérios do sofrimento.

Sufrimento do Inocente

O inocente, dizem os reencarnacionistas, nasce com defeitos físicos e mentais, ambos ou um deles, porque o espírito reencarnado tinha contas a acertar com Deus por crimes de existência anterior. Que Deus cruel, implacável!

Um físico defeituoso pode expressar uma alma pura, elevada, beatificada, nobre, e uma mente produtiva, inventiva e criativa; enquanto outro, perfeito física e mentalmente, pode ser pessoa indigna, devassa, desumana, criminosa, periculosa, despótica, em nada glorificando o criador. O homem é a imagem e semelhança de Deus, o Criador, mas este não possui corpo físico, é puro espírito. Logo, não é o corpo, em si mesmo e por suas perfeições, que glorifica a Deus. Um aleijado é tão imagem de Deus como o fisicamente perfeito. Deus não nos elege pela beleza eugênia do corpo, mas porque somos seus filhos, paraplégicos ou sadios fisicamente.

O deficiente mental não tem consciência de culpa; portanto, é inimputável. Não assimila moral e psicologicamente os sofrimentos. Por isso não se lhe há de requerer purgação de pecados da alma como quer o reencarnacionista. E quem morre débil mental, passando em branco por esta vida, como fica? Os pecados anteriores não foram remidos. Bem, isso é problema da metempsicose. Entendemos que psicopatas, oligofrênicos, esquizofrênicos, autistas e mongolóides são como crianças: seres humanos que jamais atingirão a maturidade consciente para distinguir entre o bem, e o mal. Não são responsáveis; não podem ser responsabilizados. Deus, porém, não os vê como réprobos ou cárceres de espíritos sujos de vida anteriores, mas como almas, objetos da Graça. Se a salvação não lhes vem pelos méritos pessoais, que os impede de serem recebidos no reino do Cordeiro pela gratuidade do beneplácito de Deus?

XXXVIII - O TRIGO E O JOIO

“Senhor, tu não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso.”

Jesus nos ensinou que o Reino de Deus na terra compara-se a um campo em que o agricultor, proprietário, plantou semente de trigo selecionada, de boa qualidade. Um desafeto seu, enquanto os lavradores dormiam, semeou o joio nas covas de trigo. Na frutificação, verificou-se a presença do joio. Os discípulos solicitaram-lhe explicações mais detalhadas, e ele lhes deu com pormenores: “O que semeia a boa semente é o Filho do Homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o Diabo; a ceifa é a consumação do século; os ceifeiros são os anjos” (Mt 13.37-39).

Importante: Os filhos do Reino são colocados por Jesus Cristo no mundo.

O Trigo

São os regenerados, filhos da promessa, que Jesus semeia no campo do Pai, totalidade das civilizações, com a incumbência de frutificarem. No mesmo universo vital do joio, não se contaminam, não se falsificam, mesmo enfrentando a concorrência maléfica do adversário, que ocultamente ocupa-se em cizaniar a triticultura do Mestre. Cada servo de Cristo é uma semente destinada a produzir frutos em solos inadequados e perante perseguidores hostis e de pródiga fertilidade. O cristão na sociedade, embora

trabalhe em pouco espaço, mínimo apoio e restrita liberdade, mas não deixa de produzir.

O Joio

São os filhos do maligno, pessoas irregeneradas, que atuam contra o cordeiro e seu rebanho, obstaculando o progresso do Reino, corrompendo a seara do Salvador, abafando os frutos benéficos do povo de Deus na sociedade secular, em qualquer de seus seguimentos.

Os Filhos do Reino no Mundo

Na humanidade o Filho do Homem introduz os filhos do reino que, muitas vezes, são esmagados pelo volume quantitativo e pela intensa malignidade natural e proposital dos réprobos. Os eleitos não têm pátria permanente aqui na terra. Eles são peregrinos e forasteiros. Já pertencem ao porvir, dotados da vida eterna, em pleno ambiente dos mortais. Possuem o selo e o penhor do Espírito Santo como herdeiros da Jerusalém celeste. São poucos, em relação aos mundanos, mas são fiéis, determinados, produtivos. As boas obras seguem-nos, emergentes de sua natureza vivificada e vigorosa pela graça. O mundo, embora seja o campo do Criador, nele os redimidos, em decorrência da sistemática rejeição, sentem-se deslocados, desajustados, reprimidos, perseguidos. Dele, porém, não são retirados, antes de cumprirem o ministério designado pelo Messias, o único rei de suas vidas: “Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal. Eles não são do mundo como também eu não sou” (Jo 17.15,16).

Os Filhos do Mundo no Reino

Se os filhos do Reino estão no mundo, embora não sejam dele, também os filhos do mundo penetram a Igreja visível, como lobos vestidos de ovelhas, e chegam a postos ministeriais importantes. Judas Iscariotes foi apóstolo, apesar de ser um filho da perdição. Em muitos casos o joio predomina sobre o trigo, não em seu campo próprio, o mundo, mas dentro da Igreja Institucional, causando deturpações e distorções inomináveis no governo e na disciplina bem como depravações éticas e corrupções doutrinárias. O abundante perfilhamento do joio deixa aos incautos a impressão de biblicidade, cristianidade verdadeira, exemplo de correta ação missionária. O resultado, porém, é danoso às almas. Mesmo não sendo os objetivos confessados, e até negados, o “líder-joio” visa bens materiais. Muitos rapidamente se enriquecem à custa de suas pródigas colheitas, da proliferação e disseminação “prodigiosa” de suas messes.

O mal causado pelo joio na cultura tritícula de Jesus Cristo tem sido imenso, e não há como evitá-lo, segundo o Senhor da seara (Mt 13.28-30). Muitos se deixam levar pelas aparências, pelas propostas facilmente digeríveis, pelas “doutrinas” de conveniência, pelos apelos ao sentimento, pela panacéia dos milagres e dos placebos das “curas espirituais”.

XXXIX - A HIPOCRISIA

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, e de toda a imundícia” (Mt 23.27).

O Que é Hipocrisia

Hipocrisia (*hipokrisis –hypokrinesthai*) significa, no grego secular, a arte de representar, de interpretar uma personagem, de executar um papel teatral nos dramas e nas comédias. Hipócrita, portanto, era o artista capaz de transportar-se de maneira verossímil, convincente, para o representado. No Novo Testamento, hipócrita é aquele de religiosidade brilhantemente externa, mas sem correspondência interna; o que ensina o correto, mas não vivência o que prega: “Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém, não os imiteis em suas obras; porque dizem e não fazem” (Mt 23.3). O hipócrita assume postura de crente, exibindo virtudes que não possui, vestindo a pele de cordeiro, sendo lobo. O disfarce permite ao fingido fazer-se passar por eleito, ingressar na comunidade visível dos salvos, embora seja réprobo. O malefício de sua presença e de suas atividades é incalculável.

Males do Hipócrita e da Hipocrisia

a) Fecham o Reino dos Céus diante dos homens (Mt 23.13). Não entram porque são hipócritas, e impedem os honestos de entrarem, pois ninguém, honestamente, quer ser irmão de falso crente.

b) Verbalizam caridade, mas praticam desamor. Oram pelas viúvas depois de lhe terem destruído as casas (Mt 23.14).

c) São proselitistas fanáticos não para Cristo, mas para si mesmos. Os adeptos catequizados tornam-se semelhantes aos catequizadores (Mt 23.15). São filhos do inferno, aliciando incautos e influenciáveis para o rol dos iludidos.

d) Os hipócritas preocupam-se não com o altar, mas com o seu ouro e com a oferta sobre ele (Mt 23.16-19). São “religiosos” voltados para mamom, não para Cristo. O interesse deles está no que a Igreja “rende”, na “fidelidade” dos contribuintes, na “generosidade” dos prosélitos. A grande santificação se mede pela “grande arrecadação”. Se a melhor coisa é dar do que receber; então porque não dar tudo para receber quase nada? Os apelos econômicos em nome de Cristo comovem e excitam os filiados à “generosidade”, ao tráfico de favores com Deus. Derrama-se o Espírito onde se derrama dinheiro.

e) São formalistas e exibem o formalismo como meio de influência, ostentando piedade que não possuem. Usam o cerimonialismo como capa luzente do beatismo falso. Os fariseus davam o dízimo das mínimas coisas, mas negligenciavam a justiça, a misericórdia e a fé (Mt 23.23). Por isso, Jesus os classificou de guias cegos que coavam mosquitos e engoliam camelo (v.24).

f) Não passam de “santos” de religiosidade aparente, de beatitude e piedade periféricas. Cuidam bem da visibilidade, do rótulo, da expressividade, do convencimento pio, e se descuidam do conteúdo, do íntimo, do fato interno, da veracidade, da semente, do templo do Espírito Santo, que produz a liturgia dos atos verdadeiros, do culto sincero. Cristo comparou os hipócritas do farisaísmo com túmulos caiados, belos por fora e imundos por dentro (Mt 23.25-28). Equidade externa; iniquidade interna (v.28). Tudo fazem para serem “notáveis” e “notados”, vistos e aplaudidos (Mt 23.5-7 cf 6.1,6).

g) Possuem piedade pública ostensiva, alardeada, mas írritos de fé pessoal e consagração veraz. A oração deles, bem elaborada e repetitiva, não se endereça a Deus; destina-se aos espectadores (Mt 6.5,6).

h) Amor hipócrita. Paulo ensina que “o amor seja sem hipocrisia” (Rm 12.9). Fingimento no amor é a mais dolorosa das falsidades, a mais cruel das ingratidões.

A hipocrisia tem sido o câncer da Igreja. Adoece o organismo; debilita-o; compromete sua fraternidade, sua espiritualidade, sua unidade, sua sanidade. Quando, em uma comunidade, os hipócritas superam os sinceros e, pela superação, tomam-lhes a liderança “democraticamente”, seu óbito será inevitável. O hipócrita é como parasita, sem hospedeiro não sobrevive. É sobre os regenerados que se projetam, ufanam-se e se glorificam. Ai da Igreja dominada por hipócritas!

XL - O MAMONISMO

“O amor ao dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, desviaram-se da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1 Tm 6.10).

O mamonismo, apego a mamom, consiste na busca cega, fóbica, mórbida, desenfreada e avarenta de bens materiais. O mamonista entende que o fim último do homem é a conquista do “paraíso terrestre”, e este se consegue pelo acúmulo de riquezas. Ganhar dinheiro, eis o alvo dos materialistas. A aurilatria justifica os mais escusos, torpes e desumanos meios de locupletamento. A boca do ganancioso não se fecha; sua fome é imitigável; seus desejos, insaciáveis. O incontrolável, irracional e desumano enriquecimento seletivo gera o aparecimento de poucos que vivem faustosamente, e esbanjam até, em detrimento de multidões que padecem misérias inimagináveis, intoleráveis. A corrupção é filha da ganância. Poucas riquezas há, se realmente existem, honestas. A maioria, senão a totalidade, procede de engodos, estelionatos, sonegações, apropriações indébitas, falsificações, usura, lucros ilícitos, adulterações, furtos e toda a sorte de desonestidades comerciais, industriais e contábeis. O castigo para tais indignos virá: “As vossas riquezas estão corruptas e as vossas roupagens comidas de traças, o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos, e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetram até os ouvidos do Senhor dos exércitos. Tendes vivido regaladamente sobre a terra. Tendes vivido nos prazeres. Tendes engodado os vossos corações em dia de matança” (Tg 5.2-5). Os monopólios e os cartéis são poderes iníquos, quando manipulam em favor de ínfimas minorias o que deveria estar a serviço de todos.

O Perigo das Riquezas

O homem, por sua origem e natureza, deve equilibrar-se entre o material e o espiritual, o que dificilmente acontece. Nossa tendência é a polarização. Jesus reconhece que as criaturas humanas são desafiadas por duas servidões, a de Cristo e a de mamom (Mt 6.24 cf Lc 12.22-31). Como somos imediatistas e utilitaristas, nossa tendência é colocar as riquezas em primeiro lugar como alvo de nossas vidas. Foi

assim que agiu o rico insensato da parábola (Lc 12.16-21). O ídolo monetário, embora surdo, mudo e inerte, tem atraído milhões, corrompido milhares e levado para o inferno incontáveis almas, não por falta de advertência do Mestre: “Não podeis servir a Deus e a mamom”. “Ninguém pode servir a dois senhores”. E mais: “Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6.21). Se nosso tesouro é espiritual, nosso coração está em Deus; se é material, está na matéria, na carne, no mundo. A fortuna e todo o conforto temporal e terreno não ultrapassam os limites da morte. Nós vamos, eles ficam. Quem a eles se apega e os conquista adquire o nada espiritual, mas herda o terrível destino do hades. Não nos esqueçamos do ensino de Jesus: “Filhos, quão difícil é (para os que confiam nas riquezas) entrar no reino de Deus. É mais fácil passar um camelo no fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino dos Deus” (Mc 10.23-26). Como Judas Iscariotes, os ricos insensatos trocam Cristo por mamom, pela insignificante quantia de trinta moedas de prata.

Os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a Palavra de Deus no coração dos que se escravizam aos bens materiais (Mt 13.22). Estes nos são necessários, dádivas de Deus, quando limpos, servindo de instrumentos de amor a Cristo e ao próximo. Idolatrar mamom é materialismo selvagem, desvio completo do fim principal do homem, que é o de “glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”.

O avarento e o ganancioso são inimigos de Deus e do semelhante.

XLI - O MUNDANISMO

“Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida não procede do Pai, mas procede do mundo” (1Pe 2.15,16).

Mundo

Mundo, segundo o contexto bíblico do texto, é a humanidade caída, entregue a si mesma, ao governo de seus próprios sentidos, onde o emocional prevalece sobre o racional, o sensorial sobrepuja o espiritual, o egoísmo enfraquece o altruísmo, o temporal suplanta o eternal, o ateísmo e as idolatrias diversas impedem a fé verdadeira e a sincera comunhão com Deus. Na Igreja, reino de Cristo, as paixões carnis estão sob o controle do Espírito Santo e os instintos naturais não se usam incontinentemente, depravadamente, mas segundo os desideratos do Criador estatuídos nas Escrituras Sagradas. O mundo domina os mundanos. Cristo dirige, pelo Espírito Santo, os espirituais.

Mundo, conforme João, é tudo que está fora do Reino de Deus, do controle espiritual de Cristo: os homens perdidos com seus atos e ações pecaminosos. Mundanos há que ouvem a Palavra de Deus, o Evangelho da Salvação, mas, como declara Jesus Cristo, “os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a Palavra e ela fica infrutífera” (Mt 13.22). Por meio de fracos ou falsos crentes o mundanismo pode entrar na Igreja. O amor carnal (erótico) e o espiritual (agápico) não coabitam os mesmos corações com domínios iguais. No homem natural reina o primeiro; no espiritual, o segundo: “Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele”.

Concupiscência da Carne

O conceito prevalescente do mundo greco-romano dos tempos neotestamentários era que o corpo continha sujeira original, pois o imundo, moralmente impuro, residia na matéria, não no espírito, que nada tinha e nada continha ou retinha da natureza material. A alma não passava de prisioneira limpa de um corpo sujo. Tal antropologia possibilitava, sem qualquer censura ética, os mais torpes abusos sexuais, as mais animalescas práticas eróticas. Os reflexos aparecem na doutrinação paulina sobre a moralidade (1 Co 5.1; 6.18; 2 Co 12.21; 1 Ts 4.3; Cl 3.5; Rm 1.24-27; 1 Co 6.13). Paulo diz que Deus entrega os que o renegam e lhe corrompem o culto “a uma disposição mental reprovável, para praticarem cousas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza, maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo, malignidade; sendo difamadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural, sem misericórdia” (Rm 1.28-31).

A sexualidade do crente verdadeiro não o leva ao sexualismo, mas à união conjugal, à unidade familiar, à geração de filhos sadios.

A concupiscência dos Olhos

O sexo estabelece uma luta entre o sedutor e o seduzido. A mulher, naturalmente, possui a arte da sedução. Coloca-se “atrevidamente” à vista do sexo oposto, fazendo, consciente ou não, da combinação harmônica de cores, da estética, da docilidade, da sensibilidade, da exibição estratégica do corpo ou das partes dele, da sexualidade expressiva, da fragilidade de quem “pode” ser conquistado, uma incrível força sedutora, liberando a avidez masculina, excitando-lhe a libido, a lascívia. As mulheres sabem que o homem deixa-se atrair e se perverte pela concupiscência dos olhos, de onde vem a cobiça que atrai, seduz e gera o pecado (Tg 1.14,15). Os olhos são as lâmpadas do corpo. Se forem bons, todo o corpo estará na luz. Se forem maus, estará nas trevas.

Soberba da Vida

É o orgulho, o egocentrismo, a egolatria. Tudo para o “eu”, nada para o Criador e para o próximo. O soberbo é incapaz de amar sinceramente. O egoísta não se dá ao Salvador, não se dedica ao semelhante. O ególatra, vive ajoelhado diante do altar de seu “ego”.

Para o mundano a existência resume-se em: Dinheiro, poder, fama, prazer, e sexo. É o paraíso dos insensatos!

XLII - LEI DE TALIÃO - PENA DE MORTE

“Ouvistes o que foi dito: Olho por olho, dente por dente” (Mt 5.38 cf Ex 21.22-25; Dt 19.21).

Pena de Talião

A pena de talião não é injusta, embora severíssima, quando si toma o ato criminoso em si, não si levando em conta os condicionantes internos, psicológicos, sociais e morais de seu autor. Agravantes e atenuantes não aumentavam e nem diminuía o rigor da sentença. Isto, em parte, se justificava por causa das estreitíssimas relações fraternais dos membros do clã. Ninguém podia, em hipótese alguma, por exemplo, furar o olho do próximo e continuar com seus dois olhos. Não se pagava o dano físico, moral ou econômico, com tempo de reclusão, mas sofrendo as mesmas perdas, as privações idênticas. Assim, a repressão ao crime, eficiente, diga-se de passagem, não onerava a comunidade. Nos sistemas modernos a sociedade é penalizada duplamente: quando sofre a agressão dos marginais e quando tem de sustentá-los com seus impostos.

A justiça da lei de talião era possível, e até a única praticável, no período anfitriônico de Israel, durante a peregrinação, o Êxodo. Não havia como, numa situação nômade, possuir cadeias, penitenciárias, colônias penais. Em tais circunstâncias, a pena de talião era prática, imediata exequível e sem ônus públicos. Numa sociedade simples e nômade, mas carente de disciplina rígida em que o delituoso pudesse trazer expostas, visíveis, as marcas de seus delitos de modo a desestimular e inibir os infratores em potencial, a pena de talião era extremamente útil, necessária e insubstituível. Em nações complexas, complexos também são os crimes. As desigualdades sociais, culturais e econômicas, o deslocamento do “ser” para o “ter”, o endeusamento de mamom, a fobia do lucro, o sexualismo, a egolatria, o enfraquecimento da família, a multiplicação da miséria, a explosão de populações pobres e os descasos governamentais contribuem para o aumento da criminalidade e a dificuldade e complexidade da repressão, punição e recuperação. A ordem mundial caminha para o caos sob a pressão e ataque do irresistível exército dos famintos do terceiro mundo.

A Pena de Morte

A pena de talião incluía a de morte: vida por vida. O mandamento, “não matarás”, aplicava-se ao indivíduo, não ao Estado. Este para cumpri-lo, executava o homicida, dentro do princípio da lei de talião. Nenhum cidadão, em quaisquer contingências, podia tirar a vida do semelhante; e se o fizesse, perderia a sua própria, pelas mãos das autoridades competentes. A justiça, pelo sistema mosaico, era implacável. O Estado, poderosíssimo. Hoje, na maior parte dos países, veda-se ao Estado o direito de punir os assassinos com a pena capital, mas não se tem meios de evitar que eles matem por motivos diversos, principalmente para roubar, sem que suas vidas corram risco. O “não matarás” absoluto ao Estado permite ao delinqüente matar. Se preso, além de continuar existindo, pode, por vários recursos legais, diminuir a sentença. E a vítima? E a viúva e os órfãos? Quem tira todas as possibilidades e oportunidades de um ser humano decente, honrado, benéfico à sociedade e indispensável à família, por assassinato impiedoso e cruel, freqüentemente por motivos torpes, deve o Estado, ignorando a desgraça das vítimas, dar-lhe direitos e privilégios? Eis a questão. Sabemos que é dever do Estado proteger e defender seus cidadãos e punir os criminosos. Estes, porém, quando soltos, livres e impunes, ameaçam as pessoas de bem nas ruas, nos empregos e nos lares, obrigando-as a se aprisionarem em suas residências sob proteção de grades, trancas, ferrolhos e cães. Quando presos, recebem garantia de vida, que não deram às suas vítimas, e privilégios

que os pobres honestos não têm. Os “indultos” revelam-se injustos, pois privilegiam os criminosos em tempos natalinos, sem que o governo olhe indulgentemente para as famílias prejudicadas. Muitos indultados voltam à delinquência, ao crime, sendo ameaças seríssimas à sociedade, que o Estado tem o dever de defender.

Não advogamos a lei de talião, nem a pena capital, mas o seu princípio, isto é, penas proporcionais ao crime, ao ilícito penal. Para os homicídios comprovadamente hediondos, prisão perpétua com trabalhos compulsórios para os detentos, mas remuneração justa. De seus honorários, uma parte serviria para custear sua pensão carcerária e outra para indenizar suas vítimas, muitas em estado de penúria e abandono, sem “direitos humanos” e proteção pública.

XLIII - EUTANÁSIA

“Desembainha tua espada e mata-me; para que não se diga de mim: Mulher o matou. O moço o atravessou e ele morreu” (Jz 9.54).

Eutanásia em Defesa da Honra

O relato acima refere-se à morte de Abimeleque. Depois de sitiarem a cidade de Tebes nas proximidades de Siquém, restou-lhe desalojar os que se escondiam numa torre na praça central. Ele, ao tentar invadi-la, uma mulher, do alto da torre, atirou-lhe uma pedra de moinho sobre a cabeça. Para não morrer pelas mãos de uma mulher, pois lhe seria desonroso, segundo os preconceitos daqueles tempos, pediu ao seu escudeiro que o matasse, e ele o fez, cumprindo o seu último desejo. “Morreu com honra”. Conforme o seu raciocínio condicionado pela cultura de sua época, um guerreiro não podia vitimar-se por um frágil representante do sexo fraco. A posteridade não podia dizer: Abimeleque matou tantos fortes e bravos, e morreu pela ação de uma desconhecida e débil adversária. É a eutanásia típica em defesa da honra, do nome; Uma estupidez!

Eutanásia Distanásica

Uma pessoa presa num carro em chamas pede que a matem. Deve-se atendê-la, dando-lhe morte rápida, menos dolorosa, ou deixa-la arder nas labaredas à vista do espectador a quem pediu a misericórdia do apressamento do fim. Ver uma vítima perecer lenta e cruelmente sob dores insuportáveis, gemidos terríveis, estertores compungitivos é doloroso. Qual é mais humano: Antecipar a morte inevitável para atenuar os sofrimentos ou permitir um falecimento horroroso de quem, mirando-lhe o rosto, pede-lhe a misericórdia da eutanásia? Seja qual for a atitude tomada, você poderá justificar-se alegando: Agi conforme a minha consciência e meus princípios.

A morte eutanásica era comum nos antigos campos de batalha.

Eutanásia Militar

Um soldado ferido mortalmente num campo de batalha agoniza. A tropa está em fuga. Parar para socorrê-lo significa expor todos ao massacre implacável. Transportá-lo, impossível; as circunstâncias e a distância não o permitem.

Possibilidade de socorro da Cruz Vermelha não há. Abandoná-lo agonizante é risco. Há somente duas saídas: permitir que o inimigo torture-o, intensificando seus sofrimentos, para arrancar-lhe confissões; ou lhe dar o “tiro de misericórdia?”. Muitos comandantes em situações tais, sacrificam o militar ferido de morte, encurtando-lhe a agonia.

Eutanásia Clínica

Um paciente terminal, sem qualquer possibilidade de cura, mantido por aparelhos, prolongando uma subvida apenas vegetativa, o médico deve desligar as máquinas clínicas? Seria da vontade de Deus o alongamento artificial da vida? Que sentido tem um coração batendo num corpo de cérebro morto? Deve-se, por meio da medicina moderna, dilatar o curso de uma existência, que já perdeu toda a expressão social, psicológica e mental de vida de maneira irreversível? Não será aumentar, desnecessariamente, os padecimentos do paciente e da família? Em alguns casos a questão econômica não interviria? Não seria lucrativo para um hospital de primeira classe manter um milionário interno por tempo indeterminado?

Eutanásia Consentida

Um enfermo em caso de depauperamento por enfermidade prolongada, ao saber que sua doença é incurável, que sua morte é inevitável, que seus sofrimentos aumentarão de intensidade progressivamente, que sua precária existência mantém-se por recursos clínicos, químicos e bioquímicos, decide recusar os medicamentos orais e injetáveis e não permitir o ligamento de aparelhos. Deve-se satisfazer-lhe a vontade ou impor-lhe tudo que recusa? E quando os médicos mandam os pacientes terminais pobres para casa, não é um tipo de eutanásia? Morrer em casa não significa falecer privado da tecnologia e da assistência mais avançada e eficiente?

Eutanásia Psicológica

Um doente debilitado fisicamente também o é psicologicamente. O que fere o corpo atinge a psique. Se lhe for dito, de modo contundente, direto, impiedoso, que não há mais esperança de cura para ele, tal impacto bloquear-lhe-a as defesas psíquicas e, certamente, incutará a sua existência. Fortes emoções são punhaladas em corações fragilizados. Não se descarta o uso de eutanásia psicológica para enfermos “indesejáveis”.

Eutanásia Geriátrica

Numa sociedade materialista e utilitarista os velhos são submetidos a eutanásia do abandono, da solidão, do desamor. Não sendo mais uma “força produtiva”, torna-se o idoso um “peso” à comunidade, um desvalor perfeitamente descartável. A sociedade submete os velhinhos, sobretudo pobres, a um desumano genocídio sob decisão da família e complacência dos governos.

XLIV - O SUICÍDIO

“Vendo, pois, Aitofel que não fora seguido o seu conselho, albardou o jumento, dispôs-se e foi para a casa e para sua cidade; pôs em ordem os seus negócios e se enforcou; morreu e foi sepultado na sepultura de seu pai” (2 Sm 17.23).

Há vários tipos e causas de suicídio. Não se pode, pois, condená-lo generizadamente.

Suicídio Premeditado e Consciente

Aitofel, apesar de ser um profeta de Deus (ver 2Sm 16.23; 17.14), diante da traição de Husai e perante situação indecifrável, premeditou e executou o autocídio. Não se há de inocentá-lo por tão tresloucado ato. Matar é pecado. Matar-se a si mesmo, pior ainda. Não si suicida em defesa própria, e o que se pratica em defesa da honra é inominável, insano.

Suicídio por Egoísmo

O egoísta egocêntrico e egolátrico, quando o seu “ego” é ferido contundentemente, prefere morrer a humilhar-se. Não admite ser retirado ou retirar-se do pedestal de seu orgulho, do trono de sua vaidade. Perder a coroa da grandeza é o fim; significa perder o bem supremo, a razão de viver. Um “rei” ser humilhado é horrível, insuportável! Muito melhor a morte como valente, como herói, raciocina, que uma deprimente humilhação. Saul preferiu morrer por suas próprias mãos “honradas” a ser assassinado e escarnecido por incircuncisos (1 Sm 31.4,5), como se a sua circuncisão significasse alguma coisa.

Suicídio por Auto-estima

O suicídio poderá acontecer ou pela perda completa da auto-estima ou por exalçamento de uma superestimação do “ego”. Há pessoas que perdem o ânimo de viver, sentem-se inúteis, desqualificadas, derrotadas, e põem termo a existência. Outras, excessivamente orgulhosas, defrontadas com desafios insuperáveis, aos seus olhos, de conseqüências degradantes, preferem a morte à humilhação. Na tempestade, ao furor dos ventos, os flexíveis curvam-se; os inflexíveis quebram-se.

Suicídio Idealista

O mundo presenciou espetáculos dantescos: vietnamitas embebidos de óleo combustível arderem-se em chamas aos olhos do público pela liberdade política de sua gente. A história registra o “heroísmo” dos “camicares”, voluntariado suicida do exército japonês. A imprensa noticia, freqüentemente, revolucionários que se suicidam em carros-bombas e homens-bombas; são “idealistas” exacerbados por ideologias políticas e paixão nacionalista.

Suicídio Militar ou Patriótico

Soldados em missões solitárias de espionagem ou de ataque, em muitos casos, levam ampolas de veneno mortífero para se sacrificarem, na iminência de captura pelo inimigo, livrando-se do sofrimento das torturas e da possibilidade de delação por fraqueza. Muitos acovardam-se e se entregam, preferindo viverem como delatores a morrerem como patriotas.

Suicídio Eutanásico

Pessoas há que, ao saberem que portam enfermidades incuráveis, desesperam-se, matam-se. Outras lutam, em condições idênticas, muitos anos, mas suas forças psicológicas vão sendo minadas lentamente e, perdidas as esperanças de cura, exterminam-se. São criaturas humanas que não agüentam o peso da desesperança!

Suicídio Autopunitivo

Judas Iscariotes, depois de profundo e incontrolável remorso, autopuni-se por suicídio. Outros criminosos seguem-lhe o exemplo. São pessoas prepotentes e orgulhosas demais para se arrependem, pedirem perdão a Deus, perdoarem-se a si mesmas ou si submeterem-se à justiça para pagamento de seus crimes. Quem se julga auto-suficiente e inerrante não se perdoa e não suplica perdão.

Suicídio Patológico

A síndrome de problemas existenciais psicológicos, formativos e deformativos, fragilizam certos indivíduos, levando-os à patologia do suicídio. Alguns a trazem inata, desenvolvendo-a em tendências mórbidas ao auto-extermínio, a suicidomania. São doentes, e não podem responder por seus atos. Não são, pois, autocidas no sentido lato.

Suicida Sacrificial

É o que se mata para salvar outras pessoas; sacrifica-se em favor de amigos ou do próximo (Jz 16.30). O próprio Cristo entregou sua vida em resgate de muitos. Tais suicídios sacrificiais são idealistas e altruístas; elimina-se o “eu” em benefício do “tu”. Pecaminosa é a destruição do “eu” sem idealismo, por apego egofóbico. Bendito o que se deixa matar por Cristo, por seus irmãos, pelos pecadores. O amor voltado para Deus e para o semelhante pode exigir tamanho sacrifício.

XLV – O ABORTO

“Debalde vem o aborto e com trevas se vai, e de trevas se cobre o seu nome” (Ec 6.4).

O Feto, Ser Humano

A existência humana começa na concepção, início da vida. O ser humano é obra especial de Deus por meio da participação gênita de um homem e de uma mulher: “Pois tu formaste o meu interior; tu me teceste no seio de minha mãe” (Sl 139.13). O concebido, já no estado embrionário, é imagem e semelhança de Deus na essência, na substância, na destinação, nos objetivos. Nele estão escritos, em códigos genéticos, tudo que o novo ente há de ser no seu genótipo e no seu fenótipo. Quebrar a pedra na qual o artista cinzela uma escultura é impedir o aparecimento da obra de arte, destruí-la na sua gênese. Abortar por meios inaturais, por feticídios mecânicos e químicos é criminoso, pecaminoso, monstruoso. Os defensores do aborto dizem que o embrião, até três meses, não passa de um mero apêndice da mulher. E ela, na faculdade de dispor de seu corpo, pode livrar-se dele, se não o desejar. Absurdo! Um apêndice não tem vida em si mesmo, não é a gênese de um novo indivíduo, não se desenvolve evolutivamente, não se transforma em ser humano completo. Não há nenhum paralelo substancial entre um feto e um apêndice.

A norma das mulheres sexualmente liberadas é: No sexo-prazer o filho é um desprazer, pois os parceiros têm compromisso com o gozo, não com geração de descendentes. Por isso se tem de evitar filhos a qualquer custo. Se os anticoncepcionais falharem, deve-se matar a criança, embrionária ou fetal, por absorção violenta. Saibam, contudo, que os aborticidas são assassinos cruéis, pois matam inocentes indefesos; arrancam das mãos do Criador a sua obra de arte inconclusa (Sl 139.13-18).

Abortos Excepcionais

Há casos eticamente difíceis, dolorosos para consciência cristã. Eis alguns:

a- Degeneração Fetal. Depois de acurado diagnóstico chega-se ao prognóstico: O feto está mal formado; nascerá deformado física e mentalmente, sem qualquer possibilidade expressiva de vontade, de consciência, de desejo, de ética. O ginecologista, diante de semelhante quadro, aconselha o aborto. Que fazer? Autorizar o assassinato de um ser vivo, mas que nunca chegará a ser perfeito, nem atingirá a plena consciência humana, ou deixá-lo nascer para viver até quando Deus quiser? No caso de ser seu filho que atitude tomaria?

b- Aborto por *risco de vida*. Um médico está diante de uma encruzilhada: Ou salva a mãe ou o filho. Os parentes devem autorizar o procedimento ginecológico. Qual seria a sua decisão? A mãe já viveu muito, mas ainda tem outros filhos, que precisam dela, se for o caso. Ou, a mãe está no parto do primeiro filho; tem muitos anos de amor a dar ao marido, de ser útil. Poderá ter outros filhos. O nenê, uma existência que desponta com perspectivas incertas. Não se sabe o que vai ser. Quem fica? - Ele, cujo o sucesso futuro se desconhece; ou sua mãe, conhecida, realizando-se e atualmente necessária? - A opção, geralmente aceita, é a de eliminar o filho para salvar a mãe, decidindo pelo certo; rejeitando o duvidoso. Tal rejeição, porém, implica em eliminação de uma vida. Se a mãe morre para o filho sobreviver, não seria da vontade de Deus? Será que Ele quer sempre que a criança morra?

c- Concepção por Estupro. Jovem estuprada, seviciada, violentada, engravida-se do estuprador, fato que aprofunda os efeitos traumáticos do estupro. O feto é radicalmente indesejável. Ela deve abortar. Imagine-a, sua filha?

Uma honrada mãe de família é estuprada violentamente por seqüestrador agressivo e despudorado. Engravida-se. Além do problema pessoal, enfrenta a

oposição do marido e a situação dos outros filhos que não desejam como irmão o filho de um monstro. E você, em lugar da mãe, que faria?

São problemas delicadíssimos, difícilimos, sem respostas feitas, apriorísticas, universais.

XLVI - DESVIOS E ABERRAÇÕES SEXUAIS

“Não vos enganeis: Nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem afeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus” (1 Co 6.9b-10).

Problemas Sexuais e a Igreja Primitiva

As impurezas sexuais (porneia) passaram da cultura grega para a romana. O cristianismo, ao romper as barreiras do judaísmo, onde os desvios sexuais eram duramente condenados (Lv 18.20,22,23; 20.10-22; Ex 22.19), defrontou-se com uma liberação que chegava aos extremos do sodomismo, da torpeza. Aos coríntios e aos romanos Paulo fez advertências severíssimas, pois a lascívia, tolerada e até institucionalizada no mundo profano, borrifava seus lodos na comunidade eclesial (1 Co 5.1,9; 6.8-11; 6.15-20; Rm 1.24-27). Os fornicários e as prostitutas dos cultos da fertilidade iniciaram, estimularam e justificaram na consciência moral do povo, o despudor, a impudicícia, a torpidez.

Desvios Sexuais

Adultério (Ex 20.24), pecado de infidelidade conjugal. É tão importante e básica a fidelidade mútua, que Paulo a compara à de Cristo e sua Igreja, indissolúvelmente consorciados (Ef 5.22-33), na relação de Esposo e Esposa pelos vínculos de um amor sem mácula. O que é natural entre Cristo e sua Igreja deve ser o ideal entre marido e mulher.

Fornicação. Ato sexual pre-matrimonial. O prazer sexual é meio, não fim. Deus quer que o “eros” seja um componente da vida conjugal, onde a responsabilidade e os sacrifícios da interação marido-esposa sejam benéficos na consolidação do companheirismo e na formação dos descendentes. Sexo hedonista sem compromisso permanente com o parceiro é pecaminoso, segundo as Escrituras. Cada corpo destina-se a outro corpo na formação da unidade final. Romper esta ordem divina é ofensa a Deus e depravação sexual (1Co 6.15-20).

Aberrações Sexuais

Homossexualismo. Erotismo e libidinismo entre pessoas do mesmo sexo. Variações:

Travestismo (malakoi): Homens afeminados, que demonstram feminilidade nos gestos, nos trejeitos, na indumentária, na preferência homossexual.

Lesbianismo: Mulheres com tendências libidinosas para outras mulheres.

Sodomismo (arsenokoitai). Pederastia ativa e passiva: “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticam coisa abominável”

(Lv 20.13). Todas as depravações sexuais são arroladas no sodomismo, pecados de Sodoma, mas especialmente o homossexualismo, masculino ou feminino.

Zoofilismo sexual. Amor sexual a animais, prática erótica com eles: “Se uma mulher se chegar a algum animal e se ajuntar com ele, matará, assim a mulher como o animal” (Lv 20.15,16). Os atos sexuais zoófilos, terrivelmente abomináveis, não são comuns em nossos dias, mas existem. Os sexualmente pervertidos multiplicam-se.

Auto-erotismo. Os auto-erotistas procuram satisfação sexual em si mesmos por meio da masturbação. São os narcisistas, introvertidos sexuais. O auto-erotismo é prostituição mental. Masturba-se pelo estímulo de imagens mentalizadas ou diante de figuras eróticas visualizadas.

Todos os pecados mencionados Paulo os sintetiza numa única palavra: “Pornoí”, em 1 Coríntios 6.9, traduzida por “impuros”, que não podem permanecer na Igreja, o sacratíssimo corpo de Cristo. O adúltero, o fornicário, o homossexual, os zoófilos não entrarão no reino de Deus (1 Co 6.9,10 cf Ap 21.8). Neste Não entram os que não são eleitos em Cristo Jesus e por ele regenerados.

O homossexualismo pode originar-se de: desenvolvimento paralisado num estágio de transição sexual; complexos reprimidos na infância; desvios educacionais e carências afetivas maternas ou paternas; problemas genéticos; convívio com o mesmo sexo, mormente na adolescência, em internatos, patronatos, exército, cadeias.;Barbarização sexual na infância pode causar desvios sexuais. Na maioria dos casos, cremos, o homossexual é um pecador carente da graça de Deus. A regeneração elimina tais pecados, restaura a “imagem Dei” na nova criatura: “Porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo em Deus” (Cl 3.3 cf Rm 6.6).

XLVII - O MAL NO CONTROLE DA NATALIDADE

“E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a” (Gn 1.28).

O Controle da Natalidade em si mesmo

A *primeira* ordenança divina ao homem foi: “Sede fecundo”. A fecundidade, isto é, a capacidade reprodutiva do ser humano, resulta de um imperativo de Deus, que o criou adequado a esse propósito. A relação procriativa, por designação do Criador, estabelece-se entre um macho e uma fêmea (Gn 1.27), destinados um ao outro (Gn 2.22,23), e atraídos por pelo amor mútuo.

A *segunda ordenação* do Pai celeste foi: “Multiplicai-vos”. Este é um mandamento geral, não específico. Cada casal é ordenado a reproduzir os filhos que puder sustentar, proteger e educador, pois ao homem também se ordena: “Sujeitai a terra”. Uma geração subnutrida e analfabeta não domina coisa alguma; é dominada, além de comprometer a perpetuação sadia da espécie.

A *terceira* imposição: “Enchei a terra”. A “terra”, conforme o contexto de Gênesis, era o Jardim do Éden de onde o homem foi expulso em consequência da queda. Portanto, “encher a terra” não significa “encher o mundo”, mas povoar o ambiente geográfico do “habitat” tribal. Cada grupo humano tem seu Éden designado por Deus, a terra de seu clã, sua aldeia social à qual ele deve povoar, mas não saturar. Há regiões inabitáveis em contraste com outras super-habitadas em decorrência da

fertilidade do solo, dos sistemas fluvial e pluvial, das condições ecológicas adequadas como foram as do Éden. Cidades existem que não podem mais crescer. Outras há que ainda suportam crescimento vegetativo e migratório. O fenômeno se repete nas áreas agrícolas. A necessidade de controle demográfico regionaliza-se segundo a capacidade de suporte espacial, habitacional, social e econômica. Deus mandou “encher” a terra, não saturá-la, transbordá-la. Havendo saturação demográfica, gerando miséria, a lei do “encher” a terra foi quebrada por excesso, e é tão grave como a quebra por falta.

O casal que reproduz além do suportável, fá-lo irresponsavelmente, prejudicando os descendentes. Limitar, portanto, é um ato de amor responsável. Os pais respondem perante Deus e diante da sociedade por seus filhos. É justo que os recém casados protelem por tempo necessário a chegada do primeiro filho; é indispensável o controle de natalidade nas famílias de baixa renda; é indispensável a “zero” natalidade para “casais” de “zero” renda.

O Mal da Anticoncepção

Uma coisa é o controle da natalidade para controle familiar; outra coisa é a anticoncepção para liberação do sexo. Uma mulher casada, que use anticoncepcional para evitar filhos, que não possa criar decentemente, ou por questões de saúde, é aceitável, altruísta e moralmente correto. Porém, uma jovem usar preventivos anticoncepcionais ou rapaz portar preservativos, liberando o sexo para “transas” hedônicas, para o eros lúdico, para a lascívia, para a exaltação da libido, é imoral, irresponsável, pecaminoso. Relações sexuais pré e extramatrimoniais atentam contra os propósitos do Criador na destinação do sexo e da família; contra os fundamentos éticos e espirituais do lar e da humanidade, além de reduzir o amor à satisfação erótica, à conjugação genitálica, aos deleites concupiscentes, ao erotismo desenfreado. Venaliza-se o sexo feminino; animaliza-se o masculino; tudo em nome do liberalismo e da modernidade. As alcovas dos motéis concorrem vantajosamente com os tálamos conjugais; as camas dos prostíbulos competem com os leitos matrimoniais. O mundo está se transformando num paraíso orgástico, numa promiscuidade generalizada, numa sodomia sem limites. Evitam-se filhos por causa exclusiva do prazer. Utilizam-se preventivos, preservativos, espermicidas, abortivos químicos e mecânicos, abortos criminosos sem qualquer sentimento de culpa. Vivemos numa sociedade moralmente neutra, eticamente corrupta. Evitar filhos ou assassiná-los em estado fetal com único objetivo de liberar o corpo para as aventuras sexuais eróticas é pecado contra Deus, é pura carnalidade. Hoje, infelizmente, “namorar” é sinônimo de “transar”. Única preocupação: AIDs. Deus e suas ordenanças ficam para os místicos; não mais preocupam os “liberados” de nosso tempo. É o fim!

XLVIII - A GUERRA

“Quando Moisés levantava a mão, Israel prevalecia; quando, porém, ele baixava a mão, prevalecia Amaleque” (Ex 17.11). “E Moisés edificou um altar, e lhe chamou: O Senhor é minha bandeira. E disse: Porquanto o Senhor jurou, haverá guerra contra Amaleque de geração em geração” (Ex 17.15,16).

Crimes Individuais

Israel, como povo organizado, possuía leis penais contra assassinatos e outros crimes, pois não admitia o homicídio nem por questões defensivas nem ofensivas. O mandamento decalogal é enfático: “Não matarás” (Ex 20.13). Jesus absolutizou o conceito de assassinato dizendo que o ódio ao irmão é fratricídio (Mt 5. 21,22). E sobre relações do crente com seus inimigos sentenciou: “Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” (Mt 5.39b). Em resumo: O servo do Senhor não tem o direito de matar o próximo, nem em legítima defesa.

Execuções Oficiais

Deus concedeu ao Estado de Israel o direito de aplicar a justiça na medida exata do delito penal: “Mas, se houver dano grave, então dará vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe” (Ex 21.23-25). Depois de julgamento regular e justo, o magistrado civil, segundo as leis mosaicas, podia decretar a pena de morte. Jesus reconheceu tal direito quando respondeu a Pilatos: “Nenhuma autoridade teria sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti, maior pecado tem” (Jo 19.11). E Pilatos era uma autoridade romana; gentílica, portanto. Paulo, na mesma linha, registra: “Visto que a autoridade é ministro de Deus para o bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal” (Rm 13.4). O Estado injusto recebe o castigo divino, como Israel muitas vezes recebeu.

A Guerra

Ao povo da primeira dispensação Deus permitiu ações bélicas de defesa e de conquista, pois era uma nação distinta com direitos de fronteira e prerrogativas expansionistas. À Igreja, porém, não se lhe outorga a beligerância, pois é um povo sem nacionalidade terrena, composto de todas as tribos, nações, raças e línguas sem delimitações geográficas, culturais e étnicas. Seu Rei universal é Cristo, sua constituição magna são as Escrituras Sagradas. Se à Igreja não se lhe permite guerrear, que dizer de seus membros em cada país? - Algumas posições:

a) O *Belicista*: Todo governo é de Deus. O cidadão, religioso ou não, tem de submeter-se às ordens governamentais. O soldado não luta como indivíduo, mas como patriota, como cidadão de seu país em guerra justa ou injusta. Os crimes de guerra são estatais, não pessoais, individuais. O crente é obrigado a guerrear.

b) O *Pacifista*: O cristão não pode participar de nenhuma guerra, que é má em si mesma. Não existe guerra justa. A militância em campo de batalha é pecaminosa em qualquer circunstância. A luta do salvo é apenas espiritual, não carnal (Ef 6.12). Jesus ordenou-nos o amor irrestrito aos inimigos (Mt 5.44).

c) O *Seletivista*: O cristão deve recusar as guerras injustas, mas participar das justas, sobretudo em defesa da honra nacional, dos direitos inalienáveis da criatura humana, da liberdade coletiva, dos inocentes. Um crente na Alemanha, como fez Bonhoeffer, tinha o dever moral e religioso de rebelar-se contra Hitler, um déspota cruel. Por outro lado, o seu irmão americano, seguindo ordenação estatal, batalhava em guerra justa contra o ditador germânico. O pacifismo, em ambos os casos, é conivência com o mal.

Mas na guerra justificada, o crente não pode aceitar o tratamento desumano dos prisioneiros por meio de torturas e perversidade em campos de concentração.

Guerra sempre haverá (Mt 24.6-8). Diante de sua inevitabilidade, pois o bem e o mal são componentes da vida, compete à Igreja de Deus separar a justa da injusta, e lutar pela paz, pelo entendimento entre os povos.

XLIX - O PECADO

“Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.5).

Pecado, Mal dos Males

A fidelidade do primeiro homem manteria a humanidade no pacto. Sua infidelidade fê-la cair. Os efeitos da queda atingiram o centro da criação, sua obra prima, afetando toda ordem criada: “Maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos” (Gn 3.17b,18a). Para as Escrituras, todos os sofrimentos, físicos, morais e espirituais, são conseqüências do pecado. A esperança é que um dia, livre do pecado, o homem se liberte de todos os males: “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe”. “E lhes enxugará dos olhos toda a lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21.1 e Ap 21.4).

Universalidade do Pecado

A humanidade inteira estava em Adão e Eva. A raça humana neles se representava, consubstanciava-se. Quebraram o pacto; renegaram Deus. Toda a humanidade, pois, errou neles, com eles prevaricou contra o Criador; pecou, sofrendo as sanções da lei pactual: Perdição e morte. O que o salmista disse é o que Caim poderia ter dito: “Em pecado me concebeu minha mãe”. A universalidade do pecado é afirmada nos escritos sagrados (Rm 3.23; 3.10,12,18; 1Jo 5.19). Não há um justo sequer. Por um homem entrou o pecado no mundo, argumenta Paulo, atingindo a totalidade absoluta dos seres humanos. Por um homem veio a salvação, não para todos, mas para os eleitos em Cristo Jesus (ver Rm 5.12-19).

A Bíblia nos ensina a doutrina da eleição; a experiência comprova-a. As pessoas dividem-se em “filhos de Deus” e “filhos do diabo” (Jo 8.44); os da luz e os das trevas; os salvos e os perdidos; os justos e os injustos; os bons e os maus. Como partícipes da humanidade, os salvos trazem o pecado original e estão sujeitos a pecados atuais, mas justificados por Cristo e objetos da Graça. Isso leva o crente a uma tremenda consciência de culpa pecaminosa e a uma luta sem tréguas contra o mal em si mesmo, em sua mente, em seus instintos. Suas fraquezas são muitas, mas a misericórdia de Deus concede-lhe vitórias finais. Não é o crente que persevera em Cristo; é Cristo que persevera com o crente.

Pecado Perversão da Vontade

O pecado impossibilita a idealidade. O ideal, pelos salvos, é ansiosamente desejado, almejado, mas não completamente realizado. O alvo da bondade absoluta é inatingível. O eleito, porém, esforça-se na prática da justiça, da retidão moral, da santificação. Perfeição, contudo, somente em Deus. Ao redimido compete a batalha contra o mal, o esforço na operosidade do bem (1 Pe 3.10-12; Rm 12.17,21). A presença do pecado no coração do homem fragiliza-lhe a vontade, mesmo sendo regenerado. Paulo, falando por todos nós, escreveu: “Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isso já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum: pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se faço o que não quero, já não sou eu quem faz, e, sim, o pecado que habita em mim” (Rm 7.15-20). O homem é imperfeito porque nele reside o pecado.

Pecado, Força Alienante

O pecado nos afasta de Deus, deprava-nos, aliena-nos, causa o rompimento definitivo da aliança, separa o filho de seu Pai celeste. Unicamente Cristo pode reconciliar-nos com o Criador. Ele faz isso, mas não nos retira do mundo; deixa-nos no campo de guerra contra o mal em nós e na sociedade; permite que sejamos tentados até os limites de nossas forças.

O pecado coloca uma barreira entre nós e o nosso Deus (Is 59.2), mas Cristo nos reconcilia (2 Co 5.17-19; Rm 5.10,11) e nos insere no mundo como testemunhas da reconciliação (Jo 17.15).

L - PECADO, MAL INTRÍNSECO

“porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem” (Mc 7.21-23).

O que é Pecado

Pecado é transgressão da lei de Deus, desobediência, infidelidade, desrespeito, ingratidão e desonestidade. Resultou de uma opção humana livre, de um ato transgressor consciente, de uma escolha racional que, à primeira vista, enriquecia, aprofundava e elevava, o “ego” do homem. Foi, pois, uma intromissão, de fora para dentro, na natureza e na essência daquele que foi criado para ser a imagem e a semelhança do Criador. Quem deveria ser eternamente voltado para Deus agora se encontra permanentemente voltado para si mesmo, egocêntrico.

Conseqüências do Pecado

O pecado, rompimento do pacto, destruiu os liames interativos, comunicativos, convencionais e consensuais entre o Pai e a sua família humana consubstanciada nos primeiros pais, Adão e Eva, pelos quais o pacto se firmou e se quebrou em nome da raça inteira. Neles, portanto, caímos, pervertendo nosso estado original a tal ponto que o pecado passou a fazer parte de nossa natureza corrompida, desviando-nos dos propósitos para os quais fomos criados. A natureza canina reside do próprio cão, mas a humana existe na interação objetiva Deus-homem, pois no Criador, e somente nele, a criatura realiza-se plenamente. O cão é pura matéria vitalizada; o homem é matéria-espírito, “pneumossoma”, uma unidade bidimensional. Longe da fonte geradora, significadora e mantenedora, o homem está perdido, desfigurado em sua idealidade e em sua imagem real. Pecamos em Adão (Rm 5.15,17-19).

Natureza do Pecado

Desligado de Deus, o homem perdeu a vitalidade espiritual, a parte essencialmente boa de seu ser, passando a viver prioritariamente do pão material, causando a hipotrofia do espírito e a hipertrofia da carne, o acendimento dos sentidos e o acirramento da concupiscência, da lascívia, da libido. O pecado não está nos atos maus; estes são conseqüências: aloja-se no íntimo do homem, onde se torna a força causal das ações e comportamentos perversos. Mesmo não exteriorizado, o malefício do pecado existe e até pode ser pior. Os fariseus eram assim, limpos por fora e podres por dentro; guardavam uma podridão religiosa e moral encoberta por uma aparência beatífica. O pecado represado é tão danoso como o expresso. O que não se manifesta em atitudes, desenvolve-se em intenção, em pensamentos concupiscentes, em emoções reprimidas, em atividades ocultas inconfessáveis. Sem eliminação da causa não há como evitar-lhe os efeitos. Somente a regeneração, que vem da graça de Deus, pode derrotar o pecado em seu habitat, o coração humano, não por guerra entre poderes opostos, mas por novo nascimento. O coração regenerado produz os frutos do espírito; o velho continua a produzir os da carne, enumerados por Cristo em Marcos 7.21-23, e por Paulo em Gálatas 5.19-21.

Pecado e Mal

O pecado é a origem do mal moral e espiritual, físico e social, segundo as Escrituras. Causa todos os conflitos: a) Do homem com Deus (Gn 3.8,23,24). b- Do homem com o semelhante (Gn 3.12; 4.8,9). c) Do homem com a natureza (Gn 3.17-19). d) Do homem interior com o exterior (Gn 3.7).

Toda a humanidade sofre porque todos os homens são pecadores. Onde o homem é santo, santo será também o seu ambiente; onde é depravado, depravado, o local. O templo e o prostíbulo não se harmonizam; um é casa do justo; outro, morada do réprobo; um sublima o espírito; outro exalta a carne; em um o homem se submete ao Salvador, em outro escraviza-se ao pecado.

Só Deus em Cristo Jesus pode derrotar o pecado.

LI - PERVERSÃO DOS ÚLTIMOS TEMPOS

“Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobreviverão tempos difíceis; pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes” (2 Tm 3.1-5).

Últimos Tempos

Cristo inaugurou os “últimos tempos”, os de seu reinado nos céus e na terra: “Todo o poder me foi dado no céu e na terra” (Mt 28.18). A encarnação de Cristo e a conseqüente inauguração de seu Reino provocaram o aparecimento das forças anticristicas: “Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos anticristos têm surgido, pelo que conhecemos que é a última hora”(1 Jo 2.18). A Igreja ocupa o espaço histórico do ínterim entre a primeira e a segunda vindas do Messias. Ela é o “regnum Christi” no mundo do qual se difere em essência, natureza, objetivo, alvo e destino. Sua inserção no universo social, cultural e político da humanidade causa rejeição e oposição dos réprobos e implacáveis ataques de Satanás. Sua presença realiza a salvação dos eleitos e consoma o juízo dos perdidos. A batalha entre os filhos da luz e os das trevas trava-se sem tréguas, e acirrar-se-á à medida em que se aproximar o fim dos tempos intermédios. O leão da tribo de Judá está vencendo, e seu triunfo é garantido.

A cultura não elimina a barbárie. Os holocaustos crudelíssimos dos judeus aconteceram na culta Alemanha. Enganam-se os que pensam que a evolução cultural conduz o homem à maturidade ética, à perfeição moral, à harmonia social, à tolerância. O que se vê desmente o que se afirma: A perversão do caráter, a corrupção, a incredulidade, a idolatria, o desamor e a violência aumentam progressivamente, enquanto a cultura avança. A mesma ciência que habilita o homem para o bem, adestra-o para o mal. A humanidade vai de mal a pior.

Males Segundo o Texto

Egoísmo. Culto ao “ego”. Tudo para o “eu”; nada para Deus e para o próximo. O egoísta é, acima de tudo, ególatra; só vive para si mesmo; e quem não serve aos seus propósitos egocêntricos não lhe serve.

Avareza. Avareza é aurilatria, apego fóbico aos bens materiais, ganância, miserabilidade, dessocialização, descaridade, insensibilidade, avidez, apego sórdido ao dinheiro. Consultar 1 Co 5.11; 6.9,10.

Jactância. O jactante é presunçoso, arrogante, superestimador de si mesmo, autopromotor de qualidades e virtudes que não possui; falacioso, bravateiro. Jactância e impostura são vícios inseparáveis.

Arrogância. O arrogante sente-se o dono da verdade e tenta, a todo o custo, impô-la aos outros. Orgulhoso de seus próprios méritos, reais ou não, torna-se menosprezador de seus semelhantes, impostor e intratável. O arrogante é ávido por submissões e subserviências, mas não suporta igualdades nem superioridades; não tolera o diálogo paritário.

Blasfemador. O que pronuncia palavras, conceitos e juízos abusivos, desrespeitosos e ofensivos contra Deus, sua palavra e seu povo. É um profanador verbal e comportamental.

Desobediência aos Pais. A quebra do quinto mandamento, nestes tempos armagedônicos, já faz parte da cultura do mundo atual. Porém, o filho que menospreza os pais por achá-los tolos, imbecis; prática parricídio e matricídio perante Deus. Se a um irmão de fé Cristo não permite ofensas (Mt 5.22), muito menos aos pais. A ordem divina é: “honra teu pai e tua mãe”.

Irreverência. O irreverente é impiedoso, ateu, iníquo, sem escrúpulos, sem respeito ao Salvador e ao culto que se lhe presta. Sem reverência não há louvor.

Calúnia. No texto a que se reporta o presente comentário, caluniador é: “diáboloi” (cf 2 Tm 2.6). O caluniador de Deus, das Escrituras, dos santos, é um porta voz do Diabo.

Inimigos do Bem. São traidores, atrevidos, enfatuados, hedonistas, hipócritas, inimigos de Deus, imorais, perversos, cruéis, intemperantes, concupiscentes, desonestos, mentirosos, materialistas, sodomitas, filhos das trevas, agentes do mal.

LII - O JUSTO ENTRE OS INJUSTOS

“Bem-aventurado os homens que não andam no conselho dos ímpios, não se detêm no caminho dos pecadores, não se assenta na roda dos escarnecedores” (Sl 1.1 cf Pv 1.15).

Israel, Nação Separada

Deus escolheu um povo de entre os demais povos para ser exclusivamente seu. O indivíduo era “exclusivo” de Javé, se pertencesse à nação “exclusiva”. A idéia do individualismo partia do coletivismo, isto é, o indivíduo autenticava-se e se personalizava no contexto integrador da comunhão dos eleitos. A personalidade se firmava e se projetava na coletividade, na unidade dos escolhidos com o Escolhedor. A interação entre o Senhor e seus escravos (douloi) era profunda e de caráter indissolúvel, segundo os termos pactuais. Porém a relação dos eleitos na comunidade eleita com os ímpios gentios não se permitia, pelo menos no período formador (ver Ex 34.12). Havia entre Israel e Deus um pacto bilateral que, por sua natureza e especificidade, não contemplava outras nações. Contudo, o pacto restrito foi, sem dúvida, o embrião do universal realizado por Cristo Jesus no qual se incluem todos os salvos da raça humana.

Igreja, Povo Eleito

O Estado teocrático do Israel de Javé cedeu lugar à família de Jesus Cristo, ao novo povo de Deus, à Igreja. Como não havia israelita fora de Israel, o eleito; igualmente não há servo de Cristo fora de seu corpo, a Igreja. As restrições étnicas foram abolidas, mas o povo de propriedade exclusiva permanece, e mais forte ainda (1 Pe 2.9). A Igreja é universal na sua formação e composição, e exclusiva na sua expressão, identificação, propósitos, compromissos e ética. Ela é distinta do mundo em consequência de sua eleição, consagração a Deus, fidelidade às Escrituras e incondicional submissão a Cristo. A Igreja, pois, não se conforma com o mundo, não se assemelha a ele, não lhe pertence. Como os judeus na peregrinação do Êxodo, os cristãos reais, não nominais, são peregrinos em terra alheia, necessários a todas as

nações, mas rejeitados como estranhos à realidade social, cultural e moral. Priorizam o espiritual, permitindo que o espírito governe o sensório e o coloque dentro dos limites nos quais o Criador o quer. Não há, pois, comunhão entre a luz e as trevas, entre a graça e a desgraça, entre eleitos e réprobos. Somos de uma Igreja santa, separada por Cristo para o Pai, vivendo num mundo profano, carnal, materialista.

Há mundanos na Igreja, mas não pode haver cristãos no mundanismo. O maligno planta semente de joio na Seara de Cristo; este, porém, não semeia trigo no campo de cizânia do inimigo. Todos os que Deus assinala com o selo do Espírito são vinculados, com certeza, à Igreja do Cordeiro.

Diferença entre o Justo e Injusto

Entre o justo e o injusto existem barreiras enormes de formação, de objetivos, de caráter, de conceitos, de preceitos, de esperança, de amor, de fé, de ideais, de valores, de moralidade e de ética. O justo se deixa dirigir por Deus mediante as Escrituras, por meio do Espírito Santo. Sua vida se insere no corpo de Cristo, a Igreja, onde seus desejos são controlados e seu espírito se afina com o de seu Salvador; seu coração se entrelaça com os de seus irmãos. Aí sua alegria é espiritual mais que sensorial. O injusto segue os apelos de seus próprios instintos, submete-se ao fluxo natural da carnalidade, deixando conduzir-se irrefreavelmente pelas concupiscências sensuais, sexuais e apetitivas. Busca a qualquer preço o prazer sensório no lazer, na comida, na bebida, na fama e no sexo.

Fica aqui a recomendação de Paulo: “Não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal nem ainda comais” (1 Co 5.11). Num leito conjugal não devem coabitar um cônjuge da luz e outro das trevas; são incompatíveis entre si, não formam, em sentido lato, uma só carne.

LIII - O SOFRIMENTO DOS SANTOS

“Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16.33).

A Força da Paz

A paz que procede de Cristo não é da mesma natureza da que vem do mundo; esta é puramente sensória, psicológica, e, por isso mesmo, transitória; aquela é espiritual; não se prende aos sentidos e não se realiza pela satisfação plena dos desejos, embora se expresse, aqui na terra, por nosso atual corpo físico. As aflições decorrentes de nossa existência, as internas e as externas, provocadas por crises morais, sociais e econômicas, podem desestruturar e até destruírem o não regenerado, mas não danificarão os redimidos e nem lhes tirarão a paz interior firmada em Cristo. Deus não isenta os seus eleitos dos sofrimentos, mas os livra do mal, da queda, do desespero, da incredulidade. A paz que o Salvador coloca no coração é muito forte e indestrutível, capaz de habilitá-lo a lutar contra as adversidades, a vencer os desafios traumáticos e depressivos da vida, a não cair, quando tentado, e não desesperar, quando os padecimentos minarem suas forças, destruírem suas esperanças terrenas,

desmoronarem seu castelo, desfizerem sua felicidade temporal. Quando a alma do justo está angustiada, mas não derrotada; agoniada, mas não desesperançada; carente, mas não desanimada, é porque o Espírito mantém no seu íntimo a promessa de Cristo conforme João 14.27.

O Sofrimento de Israel

Hebreus sintetiza os padecimentos de Israel, povo de Deus, da esperança e da fé: “Alguns foram torturados, não aceitando o seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões; foram apedrejados, provados, cerrados ao meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados, errantes pelo deserto, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra” (Hb 11.35b-38). Perseguições, atrocidades, fome, sede, enfermidades e morte, eis o resumo da duríssima história dos escolhidos de Deus. Por ser herdeiro dos céus o servo de Cristo não fica imune às doenças, às dores e às tristezas, mas enfrenta tudo com o poder da graça, com a consolação do Espírito, com o suporte da esperança.

O Sofrimento da Igreja

Como Israel, a Igreja é um povo sofredor, exatamente por ser de Deus. O sangue de nossos mártires tingiu os pergaminhos e os papiros; tinge de vermelho vivo inumeráveis páginas da história reformada, que as fogueiras inquisitórias não podem queimar. Crentes fidelíssimos a Jesus Cristo tomaram nos massacres, arderam-se nas chamas, foram tragados por leões, serviram de espetáculos nas arenas. Alguns, os mais proeminentes, tiveram seus gemidos não ouvidos gravados nos anais e por eles ainda hoje clamam; outros, ignotos, em número considerável, jazem no esquecimento histórico, mas habitam no regaço de Deus, onde também, um dia, serão lembrados. A noite de São Bartolomeu, não há de ser olvidada. Suas trevas pairam sobre a França e sobre o Vaticano.

A história e a tradição legam-nos relatos dolorosos de martírios impiedosos: Mateus foi morto à espada na Etiópia. Marcos linchado em Alexandria. Lucas enforcado na Grécia. João, atirado em um caldeirão de óleo fervente, conforme a tradição. Pedro, crucificado de cabeça para baixo em Roma. Tiago, decapitado em Jerusalém. Tiago, o menor, espancado até a morte. Filipe, enforcado na Frigia. Bartolomeu, esfolado vivo. André, crucificado. Tomé, morto a espada na Índia. Judas, executado a flechas. Matias, apedrejado e decapitado. Barnabé, também apedrejado em Salônica. Paulo, apedrejado e decapitado em Roma pelos sicários de Nero.

Mesmo diante dos cruentos quadros de Israel e da Igreja, pregadores infiéis aos fatos e falsos intérpretes da Palavra de Deus ensinam que aquele que sofre é porque não é crente ou não tem fé suficiente. E há ouvidos para escutá-los e pés para segui-los.

LIV - A TENTAÇÃO

“E não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal” (Mt 6.13).

Tentado Sempre, Derrotado, Nunca

A tentação está presente no mundo de maneira inescapável. Ela estava no Jardim do Éden antes da queda. Todos os seres humanos foram, são e serão tentados. Nem o Filho de Deus foi poupado. Portanto, o que a petição implora é que Deus não deixe seus herdeiros caírem sob o peso da tentação, serem seduzidos ou induzidos à prática do mal pelo tentador. Os que permanecem com Cristo em suas tentações são confiáveis herdeiros do Reino (Lc 22.28). Os que passam pelo cadinho das tentações e perseveram, habilitam-se ao ministério da pregação e da edificação (Lc 22.32). O caso de Pedro ilustra a petição em apreço. O Diabo requisitou-o para ser tentado. Cristo permitiu, mas intercedeu por ele para evitar-lhe o desfalecimento da fé (Lc 22.31-32). Deus permite a tentação de seus servos, como aconteceu a Jó, mas lhes preserva a fé e a vida. As tentações são universais e pessoais, mas o crente jamais será tentado além de suas forças (1Co 10.13). Elas, portanto, são inevitáveis, mas, pela graça de Deus, suportáveis, servindo ao amadurecimento do remido, à fortaleza de sua fé, à santificação dos regenerados. O eleito em Cristo pode “cair” em tentação, mas não “cair” por ela.

Natureza da Tentação

Com a queda, o homem perdeu domínio sobre si mesmo, sobre seus instintos, desejos e impulsos. O sexo, a ganância de ter, de possuir, a busca do poder e da fama são forças quase incontroláveis, mesmo para os regenerados. Somente a misericórdia do Salvador livra-nos da derrota, da degradação. As aspirações e os desejos, quando equilibrados e controlados pelo Espírito, são bênçãos. Manipulados por Satanás, no entanto, transformam-se em forças corruptoras e degradantes, levando o homem à sexomania, à avareza, ao orgulho, à prepotência, ao egocentrismo. As virtudes cedem lugar aos vícios; a fé, à incredulidade. E quem foi criado para ser espiritual, torna-se materialista. Quem veio à existência para glorificar a Deus e honrá-lo para sempre, glorifica-se a si mesmo, denigre seu caráter e, denegrado, coopera para a corrupção de seu meio social. Esse homem egocentrizado não admite a direção de Deus em sua vida, abrindo as portas de seu ego para a ingerência satânica. Quem não é governado por Deus é dominado pelo maligno. São filhos do Pai celeste os que lhe fazem a vontade; os que o desobedecem, filiam-se ao Demônio (Jo 8.44,47).

Tirar Deus do coração humano é o contínuo trabalho do tentador. Por artifícios de fingimento e enganações, ilusões e transformações (até em anjo de luz) ele tem ludibriado os incautos, derrubado os débeis, atormentado os eleitos, pervertido a fé verdadeira pela idolatria de numerosos falsos deuses. O remido por Cristo vence as tendências naturais, mantendo-as sob controle, e triunfa sobre as fortalezas do mal, sobre o espírito que atua nos filhos da desobediência, porque nele habita o Espírito Santo.

No paraíso, o sedutor convenceu o casal original de que Deus não tinha planos e objetivos sinceros, certos e corretos para o ser criado, nem honestidade na concessão de liberdade, de direitos e de patrimônio, que lhe foram entregues. Deus não deseja um ser livre e independente, mas um escravo e submisso. O domínio absoluto, insinuava o tentador, transformaria o homem em ser divino, igual ao Criador. A argumentação foi “convicente.” Adão desobedeceu. Alienou-se do Criador. A raça humana caiu nele e com ele. Desgraça total.

No deserto, o ardiloso tentador quis afastar Cristo de sua missão e separá-lo do Pai com as seguintes teses:

a- O Senhor sofre desnecessariamente, pois quem tem um Pai poderoso não passa necessidade, sendo herdeiro do poder (Mt 4.2-4). Não levou em conta, de propósito, o fato de o homem ser uma unidade pneumossomática, sendo suas carências de dupla dimensão, materiais e espirituais.

b- O Senhor pode ser Messias por meio de prodígios e milagres, não de sacrifícios (Mt 4.5-7).

c- Entregue-se a mim, e eu lhe darei o mundo e seus reinos (Mt 4.8-11).

O que o Diabo não conseguiu com Jesus Cristo, consegue com a maioria, que pensa: 1- Quem tem Cristo não pode sofrer. Sofrimento é sinal de descrença ou de arte demoníaca. Há muitos que só aceitam um deus das felicidades temporais. 2- Sem prodígios e milagres o Cristo não se manifesta. A cruz é menosprezada ou renegada. E o Diabo ocupa espaço nos “cultos” e nas mentes dos crédulos. 3- O crente tem de, forçosamente, obter bens materiais e sociais. Com isso entregam-se ao materialismo, à temporalidade, suplicando sempre benefícios terrestres, tendo Deus à disposição sem se colocarem à disposição de Deus.

“Não deis lugar ao Diabo, e ele fugirá de vós.”

LV - POLITIZAÇÃO DA IGREJA

“Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22.21).

A Igreja e o Estado

Na velha dispensação, Igreja e Estado confundiam-se no amálgama teocrático de Israel. A nação santa dos escolhidos contrastava-se com as nações profanas e delas se isolava. O judeu acreditava que o mundo seria dominado pelo crescimento vegetativo dos filhos da promessa, descendentes de Abraão. O proselitismo, em muitas circunstâncias, foi politicamente necessário, mas não ideal. O prosélito naturalizado jamais se compararia a um judeu natural. A “conversão” não lhe daria direito à raça, não lhe mudava a condição nata de gentio, não lhe permitia acesso ao sacerdócio. Israel, na verdade, era “eleito” com exclusividade. Isso limitava a catequese. Os judeus não esperavam que as nações desaparecessem, deixando Israel como única no mundo, mas que todos os povos submeter-se-iam aos seus domínios pela subordinação ao cetro da dinastia davídica. Tal escatologia política, de caráter genuinamente temporal, ruiu no Golgota pela crucificação do Messias, herdeiro de Davi. A cruz de Cristo igualou, perante Deus, todos os povos. A igreja-estado da velha ordem cedeu lugar, na nova dispensação, à Igreja coinônica, a “ekklesia”, eliminando o elemento racial e estendendo a cidadania celeste a todos os regenerados de quaisquer nações, etnias e línguas. O Estado é restritivo, pois aglomera cidadãos da mesma língua básica, dos mesmos costumes, da mesma cultura e até das mesmas ideologias. A Igreja é universal; seu corpo real aglutina pessoas de todas as etnias, culturas, sistemas políticos e línguas em um Rei que, não somente governa o universo, mas gere também os redimidos universais.

O Poder da Igreja

Em Israel, por causa da teocracia, o poder temporal e o espiritual fundiam-se e se confundiam. Quanto mais politicamente consolidada a realeza tanto mais sólida a soberania nacional, mais poderosa a Igreja, mais dominadora. A tradição israelita, embora crucificada no Calvário, permanece ainda muito viva em nossos dias, tanto na forma de “igreja-estado”, caso Vaticano, como a de “Igreja do Estado”. O Estado brasileiro, escamoteando a constituição federal, tem sua “Igreja oficial” em detrimento, e até exclusão, das demais igrejas e credos. Aqui, o catolicismo é “oficial”, não apenas oficioso. Nenhuma instituição pública inaugura-se sem a bênção clerical romana, sem a água benta dos aspersórios sacerdotais, sem a entronização do crucifixo. O país tem a sua “santa padroeira”, à qual presta culto oficial, paralisando todas as atividades estatais, paraestatais, autárquicas e particulares, no dia 12 de outubro, com prejuízos incalculáveis à pátria e desrespeito às demais profissões de fé, seitas e grupos religiosos, supostamente com “iguais direitos”. O privilegiamento do catolicismo é uma ofensa aos não católicos, uma injustificável quebra do espírito democrático (a igualdade de todos perante a lei), pois a nação se submete a um clero extensivo e ostensivo, prostra-se aos pés da Sé romana, professa, legalmente, uma fé mariolátrica, liga-se oficialmente ao Vaticano por meio do Nunciatura Apostólica, a mão política do clericalismo romano. A palavra “Igreja”, nas expressões oficiais, significa “romanismo”. Ouvir a “Igreja” não é “ouvir os cristãos”, nem se quer os leigos católicos, mas apenas o clero de Roma, quer por meio da nuncio apostólico quer por intermédio do clero.

Os velhos conceitos de “Igreja-estado”, “Igreja do Estado” ou “Estado da Igreja” levam os incautos a confundirem “evangelização” com politicização; libertação espiritual com libertação socioeconômica; escatologia com realização final de um projeto político; doutrinação com “conscientização” ideológica; poder espiritual com poder temporal; mudança por regeneração com mudança por revolução; remissão de pecados com rendição aos sistemas ideológicos e transformações econômicas; a paz interna do novo nascimento com a paz imposta pela espada dos “camaradas”; a bênção da prosperidade pela graça de Deus e ação produtiva e ergológica dos homens responsáveis, enquanto servos de Deus, com programas estatais de distribuição de rendas; o “dar a César o que é de César” com privilégios e direitos; sem a contrapartida das obrigações e dos deveres, isto é, receber o mais possível e dar o menos que puder. Com semelhantes conceitos eclesiásticos pode-se preparar “eficientes” beatos e “excelentes” revolucionários, mas não cidadãos sinceros e incorruptíveis, cristãos verdadeiros, submissos a Cristo e a serviço da pátria.

Igreja não é “partido político”, não é sociedade ideológica; é corpo de Cristo e se alimenta do pão do céu, da verdade revelada. Compartilha com os demais grupos sociais o pão da terra, mas não o prioriza; está presente nas instituições seculares por meio de seus membros, inclusive na política, mas é “instituição divina”.

LVI - A IGREJA E A POLÍTICA PARTIDÁRIA

Igreja Livre num Estado Leigo

O propósito final do Estado é dar ao cidadão o mínimo necessário à sobrevivência digna. O objetivo último da Igreja é a cidade de Deus, a Jerusalém

celestial, para onde marcham todos os peregrinos da comuna de Cristo. O Estado oferece a “polis”, a “civitas” para expressão e realização do homem independentemente de seu credo. Todos são iguais perante a lei, ou deveriam ser. Um poder público discriminador e privilegiador desvirtua o governo, desorganiza a sociedade e quebra o princípio universal da igualdade de direitos, deveres, oportunidades e privilégios de todos os cidadãos componentes e formadores do país. O Estado que opta por uma religião e a pratica oficialmente, perde a isenção, penetra num universo estranho ao seu, desqualifica-se como promotor da isonomia nacional e moderador do consenso cívico dos patriotas. O Estado não tem fé; é religiosamente neutro, embora instituído por Deus como força organizadora da sociedade e mantenedora da ordem social (Rm 13.1-7). A Igreja é a comunhão dos eleitos em Cristo Jesus dentro do Estado. Nele age como fermento, sal e luz, pois, servindo a Deus, serve aos compatriotas e dignifica a pátria pela veiculação da moralidade, da decência, da honra, da firmeza de caráter, do cumprimento estrito do dever. O verdadeiro cristão é excelente cidadão. A comunidade eclesial, enquanto peregrina, beneficia-se da terra e a dignifica; respeita as autoridades civis e ao governo se submeta, mas seu nuto existencial e seu alvo final é Cristo.

O elo, embora tênue, entre Igreja e Estado é a ética. A Igreja pratica e defende a moralidade bíblica; o Estado deixa-se conduzir pela ética social, os costumes predominantes da sociedade cujos preceitos, extremamente permissivos, não coadunam com os da Igreja. Exemplo: união civil e estável de homossexuais, que a Igreja não aprova nem pratica.

O Apartidarismo da Igreja

A política em si não é má. A politicagem, sim. A Igreja não pode ser apolítica. Neutralidade, em muitos casos, significa descompromisso, cumplicidade, fuga e testemunho inautêntico. Compete a ela preparar os seus membros para o exercício da cidadania responsável, para um civismo prático, mais de ação que de verbalização. A sua natureza espiritual e sua dimensão universal impedem-lhe o nacionalismo cego, o paroquialismo xenófobo, as ideologias herméticas e sectárias, as intolerâncias, os fanatismos. Sua missão é a de servir de Cristo. Como tal, vive sob o governo de Deus e direção do Espírito Santo; prega contra o pecado em todas as suas formas e modalidades e resiste-o tenazmente; proclama a igualdade entre todos os homens; coloca o amor a Deus com projeção no próximo como parâmetro ético dos relacionamentos e da harmonia entre as pessoas; rejeita firmemente o materialismo; combate a imoralidade; vive e propaga a fé no Deus trino, conforme as Escrituras Sagradas, sua única regra confessional e norma comportamental. A Igreja cuida da cidadania celeste ou espiritual, mas também prepara seus membros para o exercício político e os compromissos cívicos responsáveis. Quanto melhor cristão, melhor cidadão.

Seus Membros e os Partidos Políticos

Igreja não é partido político e nem pode ser transformada em reduto eleitoral de agremiações partidárias ou de candidatos. Ao partidarizar-se, deixa de ser genitora de todos os seus filhos para ser mãe de alguns e madrasta de muitos. Ela atua, e deve fazê-lo eficientemente, na educação política, social e cívica de seus membros, preparando-os para o exercício consciente da cidadania em quaisquer militâncias

partidárias. A tese do partido único não se harmoniza com a heterogeneidade da Igreja, soma da diversidade socio-cultural na unidade espiritual em Cristo Jesus. Todos os partidos, que não ferirem os princípios confessionais básicos do povo de Cristo e não impedirem a plena liberdade de culto e a livre manifestação religiosa, são aceitos sem restrição na comunidade, que procura, sem radicalismos ideológicos de natureza política, “dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

Como instituição, a Igreja deve ser apartidária, mas sua liderança tem o dever de estimular a participação política de seus membros nos diversos grupos partidários. Assim, por intermédio deles, sua presença se fará sentir em todos os seguimentos legislativos e executivos da vida nacional. Um determinado candidato pode conseguir a simpatia da maioria dos membros da Igreja, mas nunca a sua “preferência oficial” em detrimento dos demais. Campanha política, dentro da comunidade, que privilegia partido ou pessoa, causa constrangimentos, e até aborrecimentos aos que militam em partidos concorrentes. A Igreja não pode ser “reduto eleitoral” de ninguém.

Um pastor partidarista possibilita a partidarização da Igreja e inviabiliza o pastoreio do rebanho total, pois “ovelha adversária” não pode ser “submissa” e nem “dócil” a um pastor de partido oposto ao seu. A verdadeira interação pastor-ovelha, de algum modo, fica prejudicada, causando malefícios à Igreja.

XLVII - A MORTE

“Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram” (Rm 5.12).

Causa da Morte

Segundo as Escrituras, o pecado, não como ato isolado, mas como um mal universal instalado na essência do homem, causa-lhe tanto a morte física como a espiritual. Deus, aos seus recém- nascidos, advertiu que a vida se firmava, realizava-se e se perpetuava na harmonia entre o Pai Criador e seu filho criado. Tal sintonia vital fundamentava-se no amor recíproco e na fidelidade mútua estabelecidos no pacto de obras (Gn 2.16,17). Ao obedecer a voz do tentador o homem rompeu o pacto. A morte atingiu-o inapelavelmente em sua dupla dimensão, a material e a espiritual.

Segundo os propósitos de Deus, o homem não é um ser dicotômico, corpo-alma ou corpo-espírito, sendo um destinado à corrupção e outro à vida eterna, um à terra e outro ao céu. Não, ele foi criado como unidade indivisível, uma totalidade integral pneussomática e, dessa maneira, emergiu das mãos do Criador como sua imagem e semelhança, isto é, um ser unívoco, moral, espiritual livre nos limites sacratíssimos da biunidade Deus-homem, tanto quanto Deus é livre na trindade perfeítíssima, Pai-Filho-Espírito Santo. O pecado rompeu a consensualidade entre a Criatura e o Criador e dividiu o homem entre matéria e espírito, sendo aquela devolvida ao pó, à sua fonte de origem, e este destinado à eternidade, céu ou inferno, segundo a eleição e redenção em Cristo ou rejeição eterna. O Criador, porém, quer o homem eternamente com ele tal como foi criado, um todo psicossomático. Por isso, estabeleceu um plano de salvação na pessoa de Jesus Cristo, cujo resultado final é a ressurreição do corpo por meio do qual se viverá a eternidade: Os justificados em

Cristo, integrados com o Salvador, herdarão o reino consumado do Cordeiro; os réprobos, alienados eternamente do Redentor, sem providência, sem consolo, sem paz, sem amor, sem fé, sem esperança, amargarão a justiça dos tormentos eternos. No inferno, o elo Deus-homem é definitivamente quebrado. E, como a humanidade se estabelece, autentica-se e se preserva no binômio Deus-homem, o hades é a total desumanização, a perda integral do significado existencial, a absoluta degradação da personalidade e do caráter, a verdadeira antívida, a morte eterna com sofrimento ininterrupto e inconsolável.

O Significado da Morte

A morte física, para os salvos, os eleitos, os reconciliados com Deus por meio de Jesus Cristo, significa separação temporária, não ideal, mas necessária, do corpo (soma) e do espírito (pneuma): “E o pó volte a terra como era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ec 12.7). O corpo, no entanto, embora entregue à corrupção natural, há de ser recuperado incorruptível pelo milagre da ressurreição (1 Co 15.29-58; 1 Ts 4.13-18). Então, voltaremos ao estado de idealidade, à nossa plena humanidade pela completa integralidade. É o fim da atual dicotomia. Os verdadeiros redimidos, por isso, não encaram a morte com pavor porque possuem, agraciados pelo Paráclito, o dom da esperança e a certeza da salvação. Além do mais, acreditam firmemente no que a Palavra de Deus declara: “preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos” (Sl 116.15), e : “Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham” (Ap 14.13; cf Rm 14.8,9; Fp 1.21).

A morte ainda impera, como também o pecado, mas seu domínio e império não mais escravizam e matam os eleitos de Deus. Sobre ela a vitória de Cristo é definitiva (1Co 15.54-57). Os que rejeitam Cristo devem temê-la. Para eles, o morrer é horrível, pois representa a liquidação existencial, o rompimento definitivo da misericórdia, da paz, da graça, da comunhão com o centro vitalizador e significador da vida, Deus. A ausência da caridade divina é insuportável. A solidão, sem o conforto da presença do Espírito Santo, é massacrantemente intolerável, um tipo de fogo que arde permanentemente na consciência impregnada de eterno remorso (Mt 8.12; 3.12;25.41; Mc 9.43-48; Jo 5.29).

A eternidade sem Deus é inferno sem fim. A vida está em Cristo Jesus, exclusivamente nele: “Eu sou a ressurreição e vida”.

LVIII - A CREMAÇÃO

“Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste tomado: Porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3.19 cf Ec 12.7).

Funerais conforme nossos “Princípios de Liturgia”

Nossos “Princípios de Liturgia”, um documento do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, promulgado com poderes constitucionais (Art. 44), estabelecem o seguinte: Art. 22: “O corpo humano, mesmo após a morte, deve ser tratado com respeito e decência”. Art. 23: “Chegada a hora marcada para o funeral, o

corpo será levado com decência para o cemitério e sepultado. Durante essas ocasiões solenes, todos os presentes devem postar-se com gravidade. O oficiante deverá exortá-los a considerar a fragilidade desta vida e a importância de estarem preparados para a morte e para a eternidade”.

Como se vê, nossa atual legislação eclesiástica não recomenda a cremação; determina o sepultamento com respeito e gravidade, pois o corpo humano, uma criação divina, mesmo sem vida, deve ser considerado, respeitado. Não temos o direito de destruí-lo.

Manutenção da Ordem Natural

Deus disse que o homem, por ele retirado do pó, à terra retornaria (Gn 3.19 cf Ec 12.7). A ordenança de Deus e a ordem natural não devem ser quebradas, a não ser que se desrespeitem as Escrituras Sagradas. A matéria prima do corpo humano, segundo determinação do Criador, deverá voltar ao estado original, onde aguardará sua retomada pelas mãos do Redentor no dia da ressurreição. O mesmo que teve poder para fazer o primeiro homem do pó, levantará do seio da terra todos os mortos com seus corpos incorruptíveis, mas identificáveis. Como oleiro, Deus retomará o mesmo barro do vaso anterior e dele fará um novo vaso inquebrável e de muita honra.

Incineração

A incineração destrói os elementos orgânicos constitutivos do corpo, restando apenas resíduos. “Restos de combustão” não podem, rigorosamente, serem chamados de “restos mortais”, pois as cinzas são simplesmente sobras minerais. A queima do corpo, na verdade, significa “queima de arquivo”, de identidade, de eliminação da história genética. O DNA da pessoa e da raça desaparece. Por exemplo, o corpo do Czar Nicolau II, executado pelos comunistas em 1918, e enterrado, não teria sido identificado com absoluta certeza pelos testes de DNA se o fogo o tivesse transformado em cinzas. A decomposição não elimina a identidade, mas a combustão o faz de maneira irreversível. Num fragmento de osso se preserva a história genética do indivíduo, mas num punhado de cinzas do falecido seu registro identificador é zero. A terra, pois, é uma imensa biblioteca onde se guardam, até o desarquivamento, os anais biogenéticos de cada ser humano sepultado. Os cremados tiveram seus elementos constitutivos básicos eliminados para sempre, o que nos parece não ser correto, além de contrário à recomendação de Deus.

A Bíblia Desconhece a Cremação

Os corpos, no Velho Testamento, eram sepultados em túmulos e localidades memoriais (Gn 23.19; 25.9; 49.31), como são os casos de Macpela, Betel e Efrata (Gn 35.8; 35.19,20). Até os criminosos sentenciados à pena de morte eram sepultados (Dt 21.22,23). A falta de sepultamento via-se como um grande apróbrio (1 Rs 13.22; Jr 16.6). O Messias provaria a morte, mas nem um osso sequer de seu corpo poderia ser quebrado (Jo 19.36 cf Ex 12.46; Nm 9.12; Sl 34.20). Cristo é o protótipo da nova humanidade. Se o Pai não lhe permitiu a quebra dos ossos, muito menos admitiria a cremação de seu corpo. Sua morte foi ignominiosa, mas seu sepultamento foi solene e respeitoso, em túmulo novo e rico.

Paulo exclui a idéia de cremação ao dizer que o sepultamento corresponde a um semeio do corpo para a ressurreição (1 Co 15.42-44). E não se queima a semente antes de semeá-la. Além do mais, o simbolismo do fogo nas Escrituras prefigura o inferno, onde as chamas nunca se apagam e o verme não morre.

Sinceramente, não gostaria de ver o corpo de um servo de Deus arder num crematório, reduzindo-se a cinzas. Voltar às cinzas não é a mesma coisa que voltar ao pó; guardar resíduos carbonizados não se assemelha a preservar restos mortais.

Não atiremos ao fogo o que Deus mandou que devolvêssemos à terra: “E o pó volte à terra, como era, e o espírito volte a Deus, que o deu.” (Ec 12.7).

LIX - A MENTIRA

“Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos” (Cl 3.9 cf Lv 19.11).

Conceitos Racionais-Verdade e Mentira

Mentira é o oposto perfeito de verdade; esta, o conceito exato da realidade; aquela, a ilusão, a aparência, a imitação, a falsificação do real. A verdade é o ser total, integral, na estrutura, na forma, no conteúdo e na aparência. A mentira é o ser equívoco, imperfeito, incompleto, inadequado, ambíguo, dissimulado, confuso, antifenomenal. *Fenômeno*, fatuidade sensorial, fato tal como se apresenta ao nosso universo significativo. *Númeno*, o ser (ou fato) como realmente é na sua essência e substância, mas apreendido somente pelos sentidos. Percebemos o sol pela sua realidade *fenomênica*; compreendemos a justiça pela sua existência *numênica*. Os sentidos nos fazem perceber os fenômenos; a razão revela-nos o *numênico* como, por exemplo, a justiça. Nem sempre o que vemos é a realidade completa ou o que sentimos corresponde à interpretação que damos ao sentimento. A verdade absoluta não se planifica à percepção de seres relativos como nós, mas não podemos deixar de buscá-la. A compreensão parcial da realidade não confunde com a mentira, que é o posto e a negação do real.

Conceito Revelado

A capacidade de perceber, de intuir, de raciocinar, leva-nos ao conhecimento fenomenal e numenal, à apreensão do fato empírico, histórico, social, psicológico. Porém, acima de qualquer conhecimento do universo complexo de causa e efeito para o revelacional, meio pelo qual Deus se revela à humanidade e lhe comunica a sua vontade. Essa comunicação revelada possui três fontes integradas e unânimes: O Filho, o Espírito e a Palavra. A verdade revelada, por não depender de nossa volição e cognição, é final, indiscutível, incontestável, na qual o fenomênico e o numênico não se contradizem. Eis porque Cristo podia afirmar: “Eu sou a verdade” (Jo 14.16) ou : “A tua Palavra é a verdade” (Jo 17.7). A autenticidade de um ser perfeito revela-se na veracidade de sua comunicação. Em Deus, portanto, e na sua Palavra, não há, e nem pode haver, mentira. A verdade, pois, é a perfeição do ser e de sua conseqüente manifestação. Deus é perfeito, logo, o que faz e revela não pode ser falso. O contrário se diz do maligno, ser moralmente imperfeito, dúbio, perverso: “Quando ele profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44). Enquanto Deus é verdade absoluta, Satanás é mentira completíssima, isto é,

contradição permanente. Ele pode iludir os homens com falso fenômeno ou ilusão da verdade, como, por exemplo, transformar-se em espírito de luz. Contudo, o que aparenta ser jamais coincide com o que realmente é: Mentira.

Quem deseja a verdade, filia-se ao Verdadeiro, Cristo Jesus, realidade total no ser, na revelação e na expressão. Quem preferir a mentira, junta-se ao Diabo, o pai da mentira, originador de toda falsidade.

O Mentiroso

O adágio: “dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és” cabe aqui. Quem se alia a Cristo, torna-se “um” com ele da mesma maneira que ele é um com o Pai. O Pai e o Filho, consensualmente, são a Verdade original. O regenerado passa ter a verdade comunicada, mas perenizada nele em virtude de sua filiação em Cristo. Aquele que se ajunta ao maligno, adquire sua natureza má e passa a realizar sua vontade (ver Jo 8.44,47). Ao romper relações com Deus, exatamente por dar ouvido ao tentador, o homem passou de íntegro, verdadeiro, imagem e semelhança de Deus, a segregado, pervertido, defeituoso, tendente ao mal, resistente ao bem, condicionado à satisfação dos desejos de Satanás. A malignidade instalou-se tão firmemente na natureza humana que mesmo um regenerado como Paulo angustiava-se de sua presença e de suas conseqüências (Rm 7.19 cf 7.15-25). O pecado reside no homem. Por isso, ele passou a ser, infelizmente, mentiroso, identificado com o pai da mentira (Jo 8.44). O eleito não é em si mesmo, a verdade; razão porque pode fraquejar. Mas ele está na Verdade, apoia-se nela, no Filho do homem. Fora do Salvador, portanto, como diz o salmista, “todo homem é mentiroso” (Sl 116.11).

A verdade é filha do Verdadeiro. A mentira é filha do mentiroso. O Verdadeiro é filho de Deus. O mentiroso é filho do Diabo. Antes que uma mentira se transforme em palavra, ela já existe no coração do mentiroso como um tumor maligno. Quem se despiu do velho homem, deixa de ser agente da mentira.

LX - AS DUAS BESTAS

“VÍ emergir do mar uma besta, que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia” (Ap 13.1). “Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão” (Ap 13.11)

As duas bestas representam dois poderes, o político e o religioso, ambos associados na perseguição a Cristo e à sua Igreja. A que emerge do mar se dota de poderes absolutos assim tipificados: a- Dez chifres: arsenal bélico insuperável tanto de ataque como de defesa; exército humanamente imbatível e terrivelmente devastador. b- Sete cabeças: Capacidade de comandar poder único para dominar as consciências e dirigir, com mão de ferro, as instituições subordinadas. É a inteligência pervertida a serviço do mal. A crueldade marca o seu reinado, o absolutismo lhe é natural, o dragão lhe inspira os atos. Eis porque a arrogância e a blasfêmia lhes são próprias (Ap 13.4,5). Apresenta-se como deus aos seus súditos e busca apoio religioso para consecução de seus objetivos maléficos. Usa o braço do Estado para perseguir cruelmente o Cordeiro e sua Igreja; tudo em nome da “justiça” e do bem comum em favor da “maioria”, que

renega as Escrituras e a presença da Igreja, obstáculos à sua mundanidade e pretensões concupiscentes.

A besta que emerge da terra representa a religião oficial mancomunada com o Estado e a seu serviço. Tem aparência de cordeiro, mas fala como dragão, como Diabo, isto é, a Palavra de Deus não lhe entra no coração. Sua boca se aperfeiçoa na pronúncia da mentira, na articulação do engano. Pelo poder satânico, opera sinais místicos impressionantes. Até fogo do céu faz cair diante dos homens (Ap 13.13). Seu poder de sedução, via milagre, é imenso (Ap 13.14). E muitos, atraídos pelo milagrismo, tornam-se adoradores da besta, portando o seu signo, 666, número de homem, não de Deus. Lembremos que Cristo sela os seus eleitos com o “sphragis” (selo) do Espírito Santo e não sinal humano.

A religião da besta, pelos caminhos do ecumenismo, do diálogo entre a luz e as trevas, penetram os arraiais do cristianismo, fazendo os “milagres da besta” se tornarem “milagres de Cristo” e, assim, a muitos incautos enganando. E os piores inimigos do verdadeiro crente são os falsos crentes (Mt 10.36). A besta carismática ludibria, agindo em nome de Cristo, sendo contra ele, induzindo multidões à idolatria pelo atrativo dos prodígios espetaculares. O verdadeiro servo do Senhor Jesus deve ter sempre em mente sua advertência: “Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito” (Mt 24.23-25). Lembrem-se que o Diabo pode transformar-se em anjo de luz (2 Co 11.14).

Da besta política também se deve acautelar, pois a tendência da Igreja politizada é de servir-lhe os propósitos, priorizar dignitários governamentais e secundarizar o Messias.

Ação das Bestas

Cristo inaugurou a nova era, a última da história, o tempo final. Em conseqüência, despertou a ira dos poderes infernais, que instrumentalizam homens réprobos para, segundo o ministério da mentira, pregarem o antievangelho, embora o façam em nome de Cristo. São anticristos, agindo como se fossem cristos, exibindo falsa santidade e produzindo muitos milagres, profecias e exorcismos (Mt 7.22). Os “ministros” da besta aprimoram-se no falseamento das Escrituras, no escamoteamento da revelação, na transformação da sentimentalidade em “espiritualidade”. Quanto mais emoção, mais santificação.

A besta que surge do mar e a que emerge da terra aliaram-se contra o Filho de Deus nas pessoas de Herodes e Pilatos, Anás e Caifás, e o encravaram na cruz. Antes, a besta do mar tentou eliminar o Filho do Homem pela matança dos inocentes. Não conseguiu. Aliada, porém, à da terra, conseguiu seus intentos. A mão da besta da terra aprisionou o Cordeiro e o entregou à besta do mar para condenação. E esta, como falso senhor (kaiser), tentou exterminar o verdadeiro Senhor (Kyrios), mas não pode. Cristo e sua Igreja enfrentam as duas bestas, quer na pessoa de um Constantino, o falso cristão, e a Igreja a seu serviço, quer nos reis subservientes da idade média e da renascença sob uma Igreja de tríplice coroa acolitada pela terrível “Santa Inquisição”. As patas das duas bestas esmagaram milhares de servos de Deus pelas dolorosas chamas da monstruosa fogueira inquisitorial e na fatídica “Noite de São Bartolomeu”.

As duas forças, a secular e a religiosa, continuam presentes e atuantes em nossos dias, prontas para enfraquecerem e matarem a Igreja do Salvador pela

diplomacia ecumênica ou pela perseguição política. Muitas “conversões” surgem pelo “convencimento” dos milagres e pelo exorcismo de demônios. Não é o Espírito que convence do pecado, da justiça e do juízo, são os “ministros” da besta por seus “poderosos” apelos, miraculosas curas e espetaculares exorcismos. É o fim!

LXI - A INVERSÃO DE VALORES

“E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17).

Morte do Idealismo

O idealismo firma-se na utilidade; começa no despertar da vocação; caminha pela rota da esperança; chega ao campo de profissionalização e de ação; aí, as necessidades humanas aguardam a chegada do benfeitor. O objetivo imediato do idealista é preparar-se para ser útil; seu alvo é servir. A recompensa financeira, para ele, é meio e não fim. Por isso, o dinheiro jamais o corrompe.

A sociedade moderna inverteu os valores. Nela o homem vale pelo que ganha, pelo que possui, não exatamente pelo que é. Os juramentos profissionais, produzidos nos tempos do idealismo, não passam de textos românticos e nostálgicos, ornamentos de formaturas. Os estudantes, de modo geral, escolhem os cursos de profissões rendosas. Ganhar dinheiro, eis a meta dos gananciosos de todos os níveis. Aos argentários aplica-se-lhes o provérbio materialista: “É Deus no céu e o dinheiro na terra”. O benemérito cedeu lugar ao demérito. O espertalhão desonesto, recebe o “honroso” título de “sabido” ou de “vivo”. Do amálgama do mamonismo com o hedonismo formam-se as atuais gerações, com poucas exceções. Impera a ânsia de “ganhar”, de “ter”, de “gozar a vida”. Não se pensa em ser útil, em servir ao próximo, em dignificar a pátria. Aspiração: Boa remuneração com mínimo esforço, com máximo de prestígio, com garantias de emprego, com abundantes direitos e privilégios. Um país cujo o povo possui tal mentalidade não se desenvolve. A maioria dos eleitores é de salário mínimo para baixo, mas fazem pelo voto parlamentares que a si mesmos se assalariam “generosamente”, estabelecendo um contraste, próprio de terceiro mundo, entre a massa sacrificada e seus “legítimos” representantes que, de cima de seus altíssimos honorários, tornam-se paladinos de “melhor distribuição de rendas”. E sem a mão do capitalismo não se sobe à privilegiada tribuna parlamentar. E quando se lhes critica os salários altíssimos, saem com essa: “Não é o parlamentar que ganha muito, é o trabalhador que ganha pouco”. Mas é o que ganha pouco, o assalariado, quem paga mais imposto sobre “renda” e mais tributos estaduais e municipais para locupletar o cofre dos que ganham exorbitantemente e ainda recebem verbas para “trabalharem as bases”, garantindo a manutenção de seus privilégios, às custas dos contribuintes, muitos deles levados à falência por causa do insuportável peso da carga tributária. O povo vota para eleger, geralmente, os seus algoses. A justiça é ágil e justa em favor do Estado, mas lenta e injusto em defesa do dos pobres. Quando se deve ao governo, paga-se repressivamente. Quando o governo deve, nega ou protela por meios judiciais indefinidamente. O forte sempre vence o fraco; esta é a lei da natureza e o recurso dos desumanos poderosos, revestidos de autoridade.

O Hedonismo Sexual

Na sociedade, segundo os propósitos de Deus, o sexo era um meio de se estabelecer, consolidar e perpetuar a união conjugal, a interação entre marido e mulher, criando a base em que se assentava a família. Pai e mãe não eram apenas os que geravam filhos, mas os que originavam o lar, fundamento interativo básico da sociedade e fonte dialogal genésica entre os sexos.

O homem está virando apenas reprodutor. Sua paternidade limita-se à biológica. Legiões de mães solteiras e de genitoras “independentes” entregam ao mundo milhares de filhos sem o necessário complemento paternal. Esquecem-se de que a maternidade e a paternidade completam-se e se conjugam para a formação do filho. Hoje, porém, o sexo é um meio em si mesmo, uma rendosa fonte de prazer. Muitos “filhos do descuido” são abortados, outros abandonados, outros indesejados. Filhos inesperados e não queridos acabam sendo causadores de “tristezas” e “desmancha-prazeres”.

A figura da “mulher-mãe” foi substituída pela da “mulher-sexy”, que expõe o corpo e venaliza a genitália, de modo geral, na carnalidade secular. É o sodomismo dos últimos tempos!

Fim dos Valores Morais

O secularismo procura eliminar o conceito de pecado e acabar com o sentimento de culpa. São restos persistentes, dizem os psicologistas modernos, de civilizações anteriores aculturadas por mitos e tabus. Estas coisas não têm mais lugar no “mundo maduro”, racional e científico. O homem pode falhar em seus projetos, mas não pensará que, com sua falha, ofendeu a algum Deus ou quebrou alguma lei moral. Eis porque não alimenta sentimento de pecado nem de culpa. Cada um administra sua própria vida e gere seus próprios planos. O além não interfere e a “moralidade”, como força controladora, não existe. Com tal filosofia de existência tudo é permitido, pois “é proibido proibir”: Adultério, prostituição, fornicação e homossexualismo. Responsabilidade conjugal? - Jamais. No modernismo não há lugar para escravidão, argumentam. Ferir o parceiro, desestruturar a família, traumatizar os filhos, nada disso se leva em conta. É a tese egocêntrica: Para o meu prazer tudo e a qualquer custo, mesmo com prejuízos irreparáveis para outros; nada pode impedir a realização dos desejos. Compromissos com o cônjuge e com os filhos são coisas do passado. Agora é a liberação geral e irrestrita. A fidelidade conjugal, produzindo respeito e longevidade dos laços matrimoniais, são exceções, vistas com estupefação pelos “analistas” sociais, pelos psicólogos liberais, pelos sexólogos concupiscentes atualizados.

Dignidade, decência e honra fenecem no coração das pessoas. Mata-se, rouba-se, furta-se sem escrúpulos. A degradação moral campeia livre no mundo e faz perigosas incursões na Igreja de Cristo.

Verdade absoluta não existe nas mentes pós-modernas; tudo é relativo, dependendo do conceito de cada um e da visão pessoal da realidade. No bojo de tais pressupostos não cabem a imutabilidade e a infalibilidade do Deus dos cristãos, nem a veracidade das Escrituras.

BIBLIOGRAFIA

- 1- Homem, Enc. Mirador Internacional. Vol 11. Vários autores. Ed. de 1979.
- 2- Introdução à Ciência Social, John Biesanz e Mavis Biesanz. Comp. Editora Nacional, SP, 1972.
- 3- Antropologia Cultural, Felix Keesing, Editora Fundo de Cultura, RJ, em dois volumes, 1972.
- 4- Antropologia Filosófica, Ernest Cassirer, Editora Mestre Jou, SP, 1972.
- 5- O Fenômeno Humano, Pierre Teilhard de Chardin, Editora Herder, SP, 1966.
- 6- Ética Cristã-Alternativas e Questões contemporâneas, Norman L. Geiler, Edições Vida Nova, SP, 1984.
- 7- A Sociedade Humana, Kingsley Davis, Editora Fundo de Cultura, RJ, em dois volumes, 1964.
- 8- Antropologia do Antigo Testamento, Hans Walter Wolff, Edições Loyola, SP, 1975.
- 9- Homem, Novo Dicionário da Bíblia, R. S. Wallace, Edições Vida Nova.
- 10- Homem, Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, C. Brown, Edições Vida Nova, SP, 1982.
- 11- Mal, Mau, Maldade, Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, E. Achilles, Ed. Vida Nova, 1982.
- 12- Mal, Novo Dicionário da Bíblia, G.C.D. Houley, Ed. Vida Nova, 1966.
- 13- Man and Society, The Interpreter's Dictionary of the Bible, J.W. Flight, Abingdon Press, N. York, 1962, em quatro volumes.
- 14- Mulher e Homem, Erhard S. Gertenberger Wolfgang Schrage, Ed. Sinodal, RS, 1981.
- 15- Deus e o Mal, Willian Fitch, Publicações Evangélicas Seleccionadas, SP, 1984.
- 16- La Etica en el Contexto Cristiano, Paul L. Lehmann, Ed. ALFA, Montevideo, Uruguai.
- 17- Fé Cristã e Ética Social, E. C. Gardner, ASTE, SP, 1965.
- 18- O Deus que Intervém, Francis A. Schaeffer, Refúgio Editora, 2ª Ed., 1985.
- 19- Poluição e a Morte do Homem, Um Perspectiva Cristã da Ecologia, Francis A. Schaeffer, JUERP, 1976.
- 20- Doutrina Bíblica do Homem na Sociedade, G. Ernest Wright, ASTE, 1966.
- 21- Doutrina Bíblica do Pecado, G.C. Berkouwer, Aste, SP, 1970.
- 22- Teologia do Antigo Testamento, Walter C. Kaise Jr, Edições Vida Nova , SP, 1980.
- 23- Teologia do Antigo Testamento, G. Von Rad, ASTE, 1973, SP, dois Volumes.
- 24- Sin, Sinners, The Interpreter's Dictionary of Bible, Agingdon Press, New York.
- 25- Gênesis, Alan Richardson, Comentários Antochas, Editor SCM Press Ltda, Londres, 1963.
- 26- Pecado e Salvação, Lesslei Newbiggin, Junta Geral de Educação Cristã, SP, 1963.
- 27- O Cristianismo no Banco dos Réus, Colin Chapman, Edições Vida Nova, SP, 1978.
- 28- As Institutas ou Tratado da Religião Cristã, Jão Calvino, Casa Editora Presbiteriana, SP, especialmente os volumes I e II.